

MERISSA VAZ SAMPAIO ROSA TAMIOSO

**A PSICOTERAPIA COMO CENÁRIO SOCIAL DE
PRODUÇÃO DE SENTIDO**

**Goiânia
2005**

MERISSA VAZ SAMPAIO ROSA TAMIOSO

**A PSICOTERAPIA COMO CENÁRIO SOCIAL DE
PRODUÇÃO DE SENTIDO**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia,
subprograma de Psicologia do Desenvolvimento, da
Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial
para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luis González Rey

**Goiânia
2005**

MERISSA VAZ SAMPAIO ROSA TAMIOSO

**A PSICOTERAPIA COMO CENÁRIO SOCIAL DE
PRODUÇÃO DE SENTIDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, subprograma de Psicologia do Desenvolvimento, da Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Aprovada em 31 de março de 2005.

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luis González Rey
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC

Prof. Dr. Maurício Silva Neubern
Instituto de Psicologia – UNICEUB

Prof^ª. Dr^ª. Vanúzia Leal Peres
Universidade Católica de Goiás – UCG

Suplente:

Prof. Dr. Saturnino Pesquero Ramon
Universidade Católica de Goiás – UCG

*À minha mãe Cleonice e ao meu pai Buckley,
por todo o amor que me dedicam e tudo que
já fizeram e continuam fazendo por mim.*

*Ao companheiro Maurício,
pelas incondicionais demonstrações
de amor e desvelo ao longo de nossa história.*

*À minha princesinha Melina,
com todo o meu amor de mãe
por você estar presente
me fortalecendo na luta pelos meus ideais.*

*A essa (e) “filha (o)” que chega num momento tão
especial enchendo ainda mais de luz
e amor nossas vidas.*

Agradecimentos

A Deus, pela oportunidade da reencarnação;

Ao companheiro Maurício, a filha Melina e a esse “novo bebê”, amores da minha vida;

Aos queridos pais Buckley e Cleonice, pela dedicação sincera;

Aos irmãos Karina, Teísa e Buckley Jr. pela força e cumplicidade;

Aos avôs Jerônimo e Geralda, pelo exemplo de vida;

Aos companheiros inseparáveis da ONG Grupo Arte Nascente (GAN), pelos momentos contínuos de trabalho, crescimento e alegria;

À amiga Cláudia Barrozo, pelo carinho e apoio incessantes;

Às amigas Maria Anita e Mônica, pelo acolhimento e lealdade;

Aos colegas do Mestrado, por nossas “trocas” e “superações”;

Aos Profs. Drs. Saturnino Ramon, Rodolfo Petrelli, Ana Raquel Torres, Vanúzia Leal, Sebastião, pela forma especial com que cada um contribuiu...

Ao orientador Prof. Dr. Fernando Luis González Rey, por compartilhar seus conhecimentos;

Ao Dr. Maurício Neubern, pela gentileza de participar da banca de defesa;

Aos grandes amigos (visíveis e invisíveis) que tenho conquistado pela vida afora e sempre estiveram comigo: Lívia, Flávia, Sânia, Tios Enio e Sônia, Célia, Marinho, Zezé, Sylvinha, Simone, Sra.Vera e Sr.Airton (meus sogros), ‘cunhados’ e ‘cunhadas’, Angélica e tantos outros (sintam-se todos abraçados!);

Finalmente, a cada um de meus pacientes, por permitir que sua subjetividade ímpar deixasse marcas significativas na minha existência, em especial a minha gratidão a ‘E’ e ‘K’.

RESUMO

Este trabalho, ao focalizar, no *setting* psicoterapêutico, o desenvolvimento contínuo e processual do ser humano, objetiva compreender a produção de novos sentidos na configuração subjetiva do sujeito, a partir da relação dialógica que se estabelece entre psicoterapeuta e cliente. Inerente à condição humana, a produção de sentido realiza-se num espaço simbólico relacional e, apesar de seu caráter subjetivo e singular, é perpassada pela cultura e a história do sujeito. Com base na teoria da subjetividade proposta por González Rey, categorias como sujeito, produção de sentido e subjetividade (individual e social), compõem o referencial teórico sobre o qual se constrói a pesquisa. Os princípios da epistemologia qualitativa, que nortearam todas as etapas da investigação, ressaltam a importância de espaços dialógicos na produção do conhecimento. O estudo de dois casos clínicos resulta em um processo de conhecimento que reafirma a psicoterapia como um legítimo cenário social de investigação científica sobre desenvolvimento humano, mostrando que a relação estabelecida auxiliou os sujeitos pesquisados a empreender transformações significativas em seus espaços relacionais.

Palavras-chave: Subjetividade (individual e social); epistemologia qualitativa; produção de sentido; relação dialógica; psicoterapia.

ABSTRACT

The following work, as it focus the continuous and processual development of the human being in the psychotherapeutic setting, aims to understand the production of new senses in the person subjective configuration, from the dialogical relationship that is established between psychotherapist and client. Inherent in the human condition, the production of sense takes place in the relational symbolic space and in spite of its subjective and singular feature it is permeated by the individual's culture and history. Based on the subjectivity theory proposed by González Rey, categories like subject, production of sense and subjectivity (individual and social), compose the theoretical reference upon which the research is made. The principles of qualitative epistemology that guided all the steps of the investigation highlight the importance of the dialogical spaces in the production of knowledge. The study of two clinical cases results in a process of knowledge that reaffirms the psychotherapy as a legitimate social scene of scientific investigation about the human development, showing that the established relation helped the researched subjects to promote meaningful transformations in their relational spaces.

Key-words: Subjectivity (individual and social); qualitative epistemology; production of sense; dialogical relationship; psychotherapy.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo 1 – Fundamentação teórica	11
1.1 Teoria da Subjetividade	11
1.1.1 A produção de sentido	12
1.1.2 A categoria sujeito	16
1.1.3 Subjetividade: individual e social	19
1.2 A psicoterapia e o sujeito	22
1.2.1 A psicoterapia	23
1.2.2 O social na psicoterapia	29
Capítulo 2 – Metodologia	32
2.1 Considerações metodológicas e epistemológicas	32
2.1.1 A questão da epistemologia qualitativa	33
2.1.2 A pesquisa qualitativa em psicologia	37
2.1.3 O processo de pesquisa na epistemologia qualitativa	39
2.1.3.1 O conceito de indicador e a construção de categorias	41
2.1.4 O cenário na pesquisa qualitativa	43
2.1.5 A pesquisa qualitativa e o estudo de casos	45
2.2 Percurso da pesquisa	47
2.2.1 Procedimento	47
2.2.2 Sujeitos	51

Capítulo 3 – Construção e interpretação das informações	52
3.1 Caso E.	52
recontando sua história	52
recebendo-o no consultório	55
refletindo sobre o caso	56
repensando o caso	60
3.2 Caso K.	61
recontando sua história	61
recebendo-a no consultório	66
refletindo sobre o caso	68
repensando o caso	73
Capítulo 4 – Considerações finais	76
Referências	80
Apêndices	85
A) Material Empírico – Caso Clínico E.: Sessões	86
Material Empírico – Caso Clínico E.: Redações	114
B) Material Empírico – Caso Clínico K.: Sessões	119
Material Empírico – Caso Clínico K.: Redações	169

INTRODUÇÃO

Desde o início de minha caminhada profissional no campo da psicologia, ainda na prática clínica da graduação, deparo-me com a realidade de que, no cenário psicoterápico, apresenta-se um sujeito que me intriga e desafia a cada encontro. Compreender a subjetividade *sui generis* que esse sujeito constitui tem sido para mim uma meta de vida. Trata-se de um mundo subjetivo em contínuo processo de produção de sentidos e significados, na medida em que é também aquele que produz e influencia na constituição de outras subjetividades individuais e sociais.

Busco, por meio da pesquisa qualitativa, investigar e conhecer processos humanos ocultos à percepção direta e que têm como ponto de partida a própria experiência subjetiva do sujeito em questão. Na perspectiva qualitativa, é necessário adotar uma epistemologia que fundamente o desenvolvimento da pesquisa. Assim, a “epistemologia qualitativa” oferece, aqui, a base para o estudo e compreensão da subjetividade.

Partindo do pressuposto de que o desenvolvimento humano é dinâmico, processual e jamais cessa, e analisando os diferentes cenários em que esse desenvolvimento se dá, fiz a opção pelo estudo e pesquisa do desenvolvimento do sujeito no cenário da psicoterapia. Portanto, focalizo o sujeito que surge na psicoterapia, visto não como razão, mas como uma emocionalidade que flui sem cessar. Procuro explorar, mais precisamente, a subjetividade desse sujeito, que se reconfigura através da produção de novos sentidos e significados.

“Um sujeito da emoção” – é assim que González Rey descreve esse sujeito, que, há muito, foi visto como comportamento, cuja psique era constituída por invariantes universais, entidades fixas. Esse sujeito é agora retomado como portador de uma subjetividade não mais restrita ao

intraprésiquico, mas que se manifesta e se constitui a todo momento na dialética social–individual.

A subjetividade é estudada no contexto da relação dialógica da psicoterapia, uma relação que transforma, modifica, abre novos espaços para novos processos de subjetivação. Uma relação que leva o sujeito à transformação, à produção de novos sentidos e significados. Essa abordagem exigiu o estudo mais aprofundado de categorias como “sujeito”, “produção de sentido”, “subjetividade (individual e social)”, bem como um conhecimento mais amplo da “epistemologia qualitativa”, aplicada na pesquisa.

Com a colaboração e disponibilidade de dois clientes, os quais se comprometeram voluntariamente a participar como sujeitos do presente estudo, partilhando suas histórias, encontros e desencontros, cada um na sua singularidade, este trabalho compõe-se como um ‘estudo de casos’.

Por fim, faço uma reflexão a respeito da psicoterapia, considerando os espaços a que o sujeito individual e social pertence, apontando a importância de trazer o “social” para a “clínica”, ampliando a visibilidade do sujeito em questão, e compreendendo, de forma mais ampla, até mesmo a questão da patologia, não a atribuindo apenas a causas físicas ou psíquicas, mas reforçando o “olhar” para as questões sociais e relacionais, tomadas em seu contexto.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Teoria da subjetividade

Na tentativa de elaborar, na perspectiva do enfoque histórico-cultural, um conceito de personalidade humana, González Rey tem pesquisado e estudado a personalidade como um sistema da subjetividade individual. Partindo de uma reflexão teórica, epistemológica e metodológica, o conceito de subjetividade assim contrapõe-se ao que é proposto pelas correntes filosóficas da modernidade e visa resgatar a forma como essa construção tem avançado no movimento histórico da psicologia.

A subjetividade, nos termos propostos por González Rey (2003a, prefácio), “representa uma construção teórica de valor ontológico, que abre uma ‘zona de sentido’¹ na construção do pensamento psicológico, orientada para significar a organização complexa do sistema de sentidos e significados que caracteriza a psique humana individual e os cenários sociais nos quais o sujeito atua”.

Para desenvolver um estudo mais aprofundado desse tema, é preciso refletir sobre categorias como *produção de sentido*, *sujeito* e a *subjetividade*, uma vez que se propõe investigá-las num cenário prático de pesquisa científica, a psicoterapia.

¹ Zonas de sentido podem ser definidas como zonas do real que encontram sentido na produção teórica e que não se esgotam em nenhum dos momentos concretos em que são tratadas dentro das teorias científicas (GONZÁLEZ REY, 1997).

1.1.1 – A produção de sentido

A categoria *sentido*, aqui referida, surgiu já na fase final dos estudos de Vygotsky. Por suas implicações para a psicologia manteve-se ignorada até o estudo realizado por A. A. Leontiev (apud González Rey 2004a), que analisou a significância dessa categoria na obra de Vygotsky.

Embora este não haja chegado a desenvolver completamente essa categoria em sua obra, deixa, nas “entrelinhas”, a possibilidade de se construir uma teoria da subjetividade de uma perspectiva histórico-cultural. De acordo com González Rey (2004a, p.51), a categoria sentido como aparece na obra de Vygotsky “representa uma unidade constitutiva da subjetividade, capaz de expressar processos complexos de subjetivação naquilo que tem de dinâmico, irregular e contraditório”. O sentido faz parte, portanto, da qualidade do psíquico e rompe com a lógica dicotômica (consciente-inconsciente; individual-social; afetivo-cognitivo; intra-inter etc.) que caracterizou a produção do conhecimento psicológico.

O sentido é uma categoria extremamente complexa, de ontologia diferenciada na especificação dos fenômenos psíquicos humanos, e caracteriza a transição da psique natural para a psique histórico-social. Essa transição configura o momento qualitativo do psíquico, que González Rey (2004b) define como subjetividade. Não é algo que o sujeito intencionalmente produz ou controla. É uma categoria que não se apresenta num nível consciente, de forma clara, transparente.

Embora produzido num espaço simbólico, o sentido não se reduz a ele. Vai-se constituindo, nos espaços individual e social, por sujeitos que também são singulares e únicos. Porém, a produção de sentido encontra seu ponto forte quando, ao ser perpassada pela cultura, pela história de cada um, produz-se e alimenta-se a partir da emocionalidade. Sem a emoção, não existe produção de sentido. Portanto, a produção de sentido não envolve esquemas lineares de causa

e efeito, e, sim, inúmeros esquemas simbólicos com os quais o sujeito encontra-se emocionalmente envolvido.

O emocional está em tudo. Está na linguagem, no simbólico, no contexto, na relação com o outro. O ser humano traz, desde muito cedo, com o nascimento, um conjunto de emoções e é nas relações que vai produzindo o sentido subjetivo. As emoções são constitutivas das formas de organização da subjetividade e fundamentais para a compreensão dos sentidos subjetivos. Elas tomam formas e relações que não estão definidas de maneira imediata por um significado.

A emocionalidade é o elemento essencial para a produção do sentido subjetivo. Ela existe à revelia da razão. É algo que flui, não se controla e em que não prevalece a intenção. Mas ela também, assim como todos os processos do ser, está permeada por sentidos e significados que aparecem dentro de um contexto, num contato, numa relação. Segundo Neubern (2000, p.161), “as emoções são fenômenos complexos que abrangem múltiplas dimensões. Possuem um substrato biológico e se constituem enquanto ontologias subjetivas ao longo do desenvolvimento do sujeito que se dá na sua interação com o social”.

A diferença entre o sentido subjetivo e a emoção está em que esta é um conjunto de sensações não conscientes, racionalmente incontroláveis, ativadas mediante as ações, as relações, e cujo caráter apresenta-se de forma fisiológica, psíquica, social e subjetiva. À medida que são experienciadas, podem ser conhecidas, porém, mesmo assim, não podem ser controladas.

De acordo com González Rey (2003b),

o sentido subjetivo da emoção se manifesta pela relação de uma emoção com outras em espaços simbolicamente organizados, dentro dos quais as emoções transitam. As emoções representam um momento essencial na definição do sentido subjetivo dos processos e relações do sujeito. Uma experiência ou ação só tem sentido quando é portadora de uma carga emocional.

Pode-se dizer que o humano é um sistema de sentidos, com várias configurações, e o conceito “sentido subjetivo” expressa o caráter cultural da psique. Os seres humanos participam de cada atividade com elementos de sentido que vêm de outros campos de ação, ou seja, o sentido está sempre atravessado por processos simbólicos sendo, assim, processual e contínuo. Ele pode ser percebido na qualidade do “como” o sujeito aparece, na qualidade de sua expressão, na fala e não na intenção. Essa fala será recebida não só a partir da linguagem emitida, daí ser importante o “como” e não “o que se diz”. Os níveis de sentido são apresentados além das aparências do discurso e do comportamento, e o sentido vai aparecer quando o outro estiver implicado emocionalmente.

Metodologicamente, neste estudo, os sentidos produzidos na relação dialógica da psicoterapia foram captados de forma indireta, ao longo da pesquisa. Em regra, perguntas estruturadas não geram oportunidades para o surgimento do sentido, pois as respostas não permitem àquele que fala expressar-se no nível do sentido, em função de estar-se expressando através do outro e não de si mesmo. Assim, o caminho para se chegar à produção de sentido, numa investigação científica, é favorecer a expressão do pesquisando, de forma que ele esteja não só envolvido cognitivamente e simbolicamente, mas, e sobretudo, participando com um envolvimento emocional.

Segundo González Rey (2003b), a produção de sentido é a expressão da forma como o sujeito, através de sua história, relaciona-se com um evento externo, e é por isso que o sentido é imprevisível. Como o sentido é oculto, uma expressão explícita e direta não traz o sentido subjetivo. Assim, para se perceber o sentido que acompanha qualquer manifestação, é necessário conhecer e atentar para a história do sujeito. Quando se investiga o sentido, pode-se ver como estão sendo organizados os elementos da história do sujeito e as posições concretas que ele vai assumindo em sua vida.

É inerente à condição do ser humano estar constantemente envolvido numa produção de sentido perpassada pela cultura. Manifestações como fobias, pânico e outras são produções de sentido subjetivo, permanentemente atravessadas por elementos de sentido que se fixaram na forma de medo, os quais se deve investigar na história de vida do sujeito.

Vale ressaltar que, se o sentido se produz nas relações, no contato, nem toda relação (contato) produz sentido subjetivo. Para ilustrar essa afirmação, basta reportar-se à escola tradicional, em que o professor tem a função de passar o conhecimento científico e o aluno de recebê-lo, não havendo aí necessariamente um vínculo emocional, um momento de integração e contato real.

É interessante refletir, ainda, sobre como a genética relaciona-se com a produção de sentido. A genética, de acordo com González Rey (2003b), por si só, não vai influenciar, determinar, ou produzir um sentido subjetivo. Assim como qualquer outro processo, é preciso tomá-la num espaço de relação, ou seja, vai depender do desdobramento simbólico que esse comportamento que surge a partir de uma genética vai encontrar no espaço de relação.

Assim, conclui-se que o sentido é uma organização de processos simbólicos e significações, perpassadas pela cultura e atreladas à emocionalidade. E este se produz num espaço simbólico relacional, de forma não consciente e não intencional, tem um caráter subjetivo e singular, e transita nos espaços individuais e sociais.

Todo sentido é guiado pelas necessidades que o sujeito sente no contexto em que está atuando, sendo uma forma de regulação, em que uma resposta será dada não em função do objeto, mas sim em função do próprio sujeito. Como exemplo, pode-se citar um filho que responde de forma indignada a uma determinação do pai – essa resposta visa manter a congruência da produção de sentidos do sujeito.

A categoria de sentido sempre está associada ao sujeito, sendo esta, então, outra categoria de extrema relevância para o estudo e compreensão da subjetividade. Portanto, “o sentido sempre transita pelo singular e se produz no singular, não havendo sentido universal, pois todo sentido subjetivo tem a marca da história de seu protagonista. Pode-se dizer que há sujeito quando há produção de sentido, quando há diferenciação e singularidade. Sem isso, o sujeito fica anulado por determinações objetivas externas” (GONZÁLEZ REY, 2004a, p.138).

1.1.2 A categoria sujeito

Ao longo da história da psicologia, o sujeito tem sido pensado e estudado de formas frequentemente reducionistas, mecanicistas, quantitativas, traduzidas em termos e expressões que se tornaram correntes: “sujeito comportamento”, “sujeito inconsciente”, “sujeito individualista”, “sujeito social”, “a morte do sujeito”, “sujeito ‘assujeitado’”. Enfim, o “sujeito” vem sendo tratado a partir de vários enfoques da psicologia que, ao dicotomizá-lo, sempre privilegiam um aspecto em detrimento de outro. No presente trabalho, o que se busca é o sujeito capaz de produzir seus próprios espaços, de ser mais dono de si mesmo, de fazer mudanças significativas em sua vida, não só em termos conceituais, racionais, mas, e principalmente, emocionais.

A subjetividade é um tema há muito propalado pela psicologia, desde os primeiros estudos de Wundt. No entanto, sempre foi apresentada como “consciência” (entidade constituída por funções concretas), passando pelo enfoque da psicanálise, da teoria humanista, da psicologia social e de outras correntes. Também tem sido um tema de interesse e investigação da teoria histórico-cultural.

Conforme aponta González Rey (2003a, p. 235),

a definição de um homem constituído subjetivamente em sua própria história, em que o sentido aparece como registro emocional comprometido com os significados e as necessidades que vão se desenvolvendo no decorrer de sua história, fazem da categoria sujeito uma peça-chave para entender os complexos processos de constituição subjetiva e de desenvolvimento, tanto dos processos sociais como dos individuais.

O sujeito expressa-se e constitui-se em todos os espaços sociais em que se relaciona, produzindo-se, assim, o sentido subjetivo, perpassado pela cultura e sua história, a partir de sua emocionalidade. Para González Rey (2003a, p. 236),

a emoção é uma condição permanente na definição do sujeito. A linguagem e o pensamento se expressam a partir do estado emocional de quem fala e pensa. O sujeito é portador de uma emoção comprometida de forma simultânea com sentidos subjetivos de procedências diferentes, que se fazem presentes no espaço social dentro do qual se situa em seu momento atual de relação e de ação.

O sujeito caracteriza-se por uma “intencionalidade ativa”, pois ser sujeito é conquistar seu próprio espaço em qualquer relação. E, para isso, é necessário ter uma postura ativa de busca, de reflexão, de criatividade, e, muitas vezes, de ruptura, de negação, de escolha – daí o sujeito ser considerado uma categoria subversiva. Isso faz que ele tencione os espaços que estão fora dele, produzindo um espaço de racionalidade, de subjetivação, pois ele não se dilui no espaço do outro. Mais ainda, a busca desse espaço pode ser também um movimento de prazer, não só de tensão. Porém, o importante é que o sujeito esteja envolvido de forma emocionalmente ativa na conquista desse espaço.

Segundo González Rey (2003b), “ser sujeito não é uma condição positiva, e sim uma condição qualitativamente diferente”. Concordar com essa afirmação de González Rey significa admitir que, se “nós homens” conseguimos refletir, assumir e romper em busca de realização, equilíbrio pessoal e social, isso faz que tenhamos mais contato conosco mesmos e com nossas potencialidades, muitas vezes, desconhecidas. A dificuldade é que vivemos num contexto em que a cultura nos oprime, a sociedade tem bem estabelecidas suas regras de ordem e

bons costumes, a política representa o poder e os interesses de poucos, a ciência é detentora de saberes inquestionáveis. Enfim, para sermos sujeitos, no contexto em que vivemos, é preciso não se curvar, buscar refletir e articular o conhecimento, posicionando-nos, rompendo, transformando e criando. É preciso expressar as nossas opiniões e procurar contribuir para um pensamento que liberte, que flua e não que aprisione, que assujeite. É preciso desenvolver um pensamento que não seja a ratificação das teorias já existentes, mas que rompa com os paradigmas tradicionais e traga questionamentos, reflexões.

Referente a essa posição, González Rey (2003a, p. 227) assim expressa sua idéia:

o sujeito aparece nos momentos de sentido em que pensa. E é a sua capacidade geradora de sentidos, por meio do pensamento, um dos elementos centrais no desenvolvimento da sua capacidade para produzir rupturas. No exercício de sua capacidade pensante, o sujeito constitui-se como elemento central de caráter processual da subjetividade.

Em face da necessidade de posicionar-se, de assumir-se, o sujeito não tem “limite”. Sua meta é conquistar novos e novos espaços. Porém, o “limite” deve vir desses espaços relacionais nos quais ele está inserido, pois sem limite não existirá sujeito. González Rey (2003a, p. 237) afirma que “a condição de sujeito é essencial no processo de ruptura dos limites imediatos que o contexto social parece impor, e é responsável pelos espaços em que a pessoa vai modificando esses limites e gerando novas opções dentro da trama social em que atua”. Como o sujeito é produtor de sentido – e não um sujeito da razão – à medida que ele produz sentido, vai gerando novas zonas de sentido para sua vida e continua, assim, produzindo mais sentido.

Em relação, ainda, à categoria sujeito, González Rey (2003b) ressalta que as condições extremas levam à patologia – quando o sujeito se assume a ponto de transcender e controlar os espaços das relações que vivencia e passa a não se dispor ao diálogo (sendo que o sujeito existe no diálogo, na negociação, na relação). Um sujeito não deve deixar de existir em função do outro. Isso não é

ser sujeito; é, sim, um dos “perigos de ser sujeito”, virar um sujeito egoísta, prepotente, arrogante, individualista. Numa relação sadia entre sujeitos é necessário que um se reconheça na diferença com o outro e tenha seu próprio espaço.

O outro perigo diz respeito àquele sujeito que não consegue reconhecer suas necessidades e assumir-se como sujeito, diluindo-se nos espaços dos outros. Quando se anula, se perde, se subordina, o sujeito deixa de vivenciar uma infinidade de emoções que estão atravessadas pelos sentidos produzidos nos espaços das relações. Daí ele adoecer, em função de estar se calando, de não se colocar, de não reivindicar, não lutar por aquilo que quer. A razão pode até se calar e se submeter, mas a emocionalidade explode em patologias somatizadas no corpo ou mesmo no psicológico.

Finalizando esta seção, percebe-se que a noção de sujeito até então articulada pressupõe a subjetividade – que é um sistema complexo e em constante desenvolvimento, constituída por formações complexas de sentido produzido, experienciado, pelo sujeito.

1.1.3 Subjetividade individual e social

A subjetividade é um tema abordado nos estudos de González Rey (1997; 1998; 1999; 2000; 2001; 2002a-b; 2003a-b; 2004a-b) e, como já foi expresso anteriormente, viabiliza a compreensão da questão da personalidade como sistema da subjetividade individual. Diferenciado dos processos psíquicos quanto a sua ontologia, não se institui como uma entidade fixa, uma invariante universal. Ao contrário, é um sistema subjetivo, flexível, processual, complexo e determinado a partir de processos individuais e sociais. Essa definição está claramente expressa por González Rey (2002b, prefácio):

considero a subjetividade o sistema de significações e sentidos subjetivos em que se organiza a vida psíquica do sujeito e da sociedade, pois a subjetividade

não é uma organização intrapsíquica que se esgota no indivíduo, mas um sistema aberto e em desenvolvimento que caracteriza também a constituição dos processos sociais, tema que tenho explicado por meio da categoria de subjetividade social.

O sujeito é constantemente produtor de sentido subjetivo que gera processos de subjetivação. A partir do ser histórico-social que é, vai gerando cultura, constituindo-a e se constituindo nela. Sua identidade pessoal forma-se nos processos individuais em que atua, bem como nos processos sociais em que está envolvido e é perpassada por significados e sentidos sociais e individuais. Pode-se, então, dizer que há dois momentos constituintes da subjetividade, um individual e outro social, ambos inter-relacionados e em permanente desenvolvimento. Essa forma de caracterizar subjetividade individual e subjetividade social apenas enfatiza a formação histórica e diferenciada da subjetividade, que se manifesta nos sujeitos e que se dá no espaço da subjetividade social. Não é uma divisão estanque, apenas demonstra que a subjetividade social manifesta-se na forma diferenciada em que se organiza a subjetividade individual no espaço relacional. Existe uma relação de tensão entre esses dois momentos da subjetividade, e não poderia ser de outra forma, porque sendo o sujeito “subversivo”, opositor, capaz de romper e reivindicar na diferença, enquanto sente, pensa e se posiciona na conquista de seu espaço social, essa tensão continua existindo.

A questão do “social”, amplamente discutida e estudada na psicologia social, encontra na categoria subjetividade respaldo para conduzir uma reflexão sobre o indivíduo e o social. A subjetividade social abre caminhos para uma melhor compreensão do fenômeno social, pois a sociedade pode agora ser entendida a partir de termos subjetivos, não mais objetivos e apenas relacionais como era compreendida anteriormente. Indivíduo e sociedade não constituem uma dicotomia. E a subjetividade não pressupõe algo interno, “dentro”; é, sim, um fenômeno complexo que se produz no nível tanto individual quanto social,

como já foi comentado, e de forma simultânea. De modo que se percebe a presença de elementos históricos e sociais atrelados à teia de sentidos e significados adquiridos num processo contínuo de subjetivação tanto social quanto individual.

A propósito do que vem a ser *subjetividade social* González Rey (2003a p. 217) explica:

a categoria de subjetividade social pretende servir como representação macrofacilitadora da integração de diferentes níveis de produção subjetiva para lograr entrar em zonas de construção do conhecimento social que, por sua complexidade e expressão indireta dos diferentes campos da atividade humana institucionalizados na produção do conhecimento psicológico, têm sido omitidos até hoje.

E exemplifica essa concepção da subjetividade – a família, em que cada sujeito individual tem sua história e é perpassado por emoções que produzem sentidos e significados advindos de vários espaços da vida social e que integram sua constituição subjetiva. Ao mesmo tempo, a família é um espaço social que compartilha e produz sentido, e que constituem uma subjetividade social, aspectos que no seio da família fazem muito sentido. Um membro dessa família no local de trabalho, por exemplo, inserido num outro contexto de sentido compartilhado socialmente, pode deixar de apresentar elementos que só aparecem no cenário da família.

A subjetividade social aparece, segundo González Rey (2003b), nas formações discursivas ², de muitas formas diferentes nos espaços de relacionamento social, em códigos de relação que não se explicitam discursivamente, na configuração subjetiva do sujeito que compartilha um espaço social, e ativa precisamente essa subjetividade social no momento em que ele se relaciona, no contato, ou seja, aparece de formas diferentes em

² O discurso é todo sistema simbólico que organiza o espaço.

espaços sociais diferentes. Ela é sempre portadora de sentido, porém um momento casual não é portador de subjetividade social.

1.2 A psicoterapia e o sujeito

O desenvolvimento humano segue de forma contínua e processual durante toda a existência do indivíduo, e pode ser compreendido a partir de diferentes perspectivas que foram sendo tecidas à medida que a psicologia ia-se consolidando como uma ciência.

Como ciência, a psicologia tem, como objeto de estudo e pesquisa, o “homem”, e busca o entendimento dos fenômenos humanos, numa dimensão intrapessoal, interpessoal e transpessoal. A partir de cenários diversos, cientistas empenham-se em estudar esse universo humano, produzindo conhecimentos teóricos e práticos capazes de lançar luz acerca do que é o “ser”.

Rogers (1982, prefácio) assinala que “embora a ciência seja lenta e desajeitada, ela representa o melhor caminho que conhecemos para a verdade, mesmo numa zona tão delicadamente intrincada como a das relações humanas”. Um dos cenários em que este desenvolvimento humano acontece é o ‘*setting* psicoterapêutico’, seja qual for a necessidade que levou a pessoa à psicoterapia.

“A terapia pertence à essência da vida e como tal deve ser entendida”, afirma Rogers (1982), acrescentando que a partir de uma inadequação da condição humana para se comunicar, a psicoterapia deve ser vivenciada como uma tentativa de se expressar e captar a experiência vivida através das palavras. Ou seja, o processo psicoterapêutico é uma relação experiencial emocionalmente significativa entre o cliente e o psicoterapeuta.

Foi da preocupação constante e renovadora com o desenvolvimento humano, seja ele em momentos de adequação ou não, que surgiu esta pesquisa qualitativa no cenário da psicoterapia. De acordo com González Rey (2002b), a psicoterapia faz parte das práticas psicológicas e apresenta-se como um

excelente e fundamental cenário da pesquisa psicológica. Além de um cenário de desenvolvimento humano, a psicoterapia é compreendida aqui também como um cenário social de produção de sentido de acordo com o que propõe a epistemologia qualitativa.

Ao falar de questões teóricas da psicoterapia, é preciso fazer um recorte teórico diante de tantos autores e abordagens na psicologia que tratam desse assunto. O objetivo, neste caso, é contextualizar o cenário no qual a pesquisa se realiza, não sendo a intenção produzir um tratado sobre psicoterapia ou fazer a defesa de determinada abordagem. Para tanto, alguns autores que são referência para esse trabalho são: Rogers (1982); González Rey (1997; 1998; 2000; 2002a-b; 2003a-b; 2004a-b); Mcnamee & Gergen (1998); Neubern (2000; 2001; 2003; 2004); Hycner (1995); Hycner e Jacobs (1997); Ponciano (1997), entre outros.

1.2.1 A psicoterapia

Segundo Anderson e Goolishian (1998), a psicoterapia se dá a partir do que chamam de “conversação terapêutica”, em que a busca mútua pela exploração do diálogo faz que o entrecruzamento de idéias gere novos sentidos, visando à resolução dos problemas e a conseqüente dissolução do sistema psicoterapêutico de organização.

Conforme a expressão de Guidano (apud GONZÁLEZ REY, 2001) a respeito da psicoterapia, o processo psicoterapêutico é um processo dialógico que deve orientar a promoção de novos focos de atenção do sujeito numa reformulação capaz de promover a subjetivação de novas zonas de experiência.

Segundo González Rey (2001, p. 202), “a psicoterapia representa um cenário dialógico no qual se produzem processos novos de significação e sentido que geram novos espaços de subjetivação nos sujeitos implicados nela”. A postura do psicoterapeuta não deve ser vista como uma postura neutra ou superior, e sim de alguém que vai para a relação com o cliente com

conhecimentos teóricos *a priori*, a fim de gerar entendimento sobre a problemática trazida pelo outro, mas também é um sujeito que traz seu mundo representacional para a relação sem que este vá determinar ou nortear o processo dialógico que será estabelecido.

Tanto na psicanálise como em outras abordagens teóricas, o psicoterapeuta legitimava-se como possuidor de um saber, mas perdia-se de sua condição de sujeito. Por sua vez, o “cliente” trazia toda a sua problemática, entregava-a nas mãos do psicoterapeuta, e o verdadeiro encontro (diálogo) não acontecia com as rupturas, os questionamentos, as dúvidas, as opções. O psicoterapeuta abandonava sua condição de sujeito para “co-responder”, e, com isso, ele não se posicionava com seus referentes, dogmatizava-os, negando, assim, a capacidade do “cliente” de ser crítico, de posicionar-se perante os próprios referentes.

No entanto, a psicoterapia deve ser um espaço que promova a independência do sujeito, e não mais um espaço relacional onde o sujeito não consegue expressar-se. É imprescindível que o psicoterapeuta desenvolva seus conhecimentos teóricos – e isso é inegável. Mas, é preciso também que ele desenvolva habilidades no contexto da relação dialógica – isso significa desenvolver a capacidade de “estar presente” com o cliente, de “confirmá-lo”, de “confrontá-lo”, de fazer “inclusão”, de fazer “um esvaziamento psicológico” e “suspensão de pressupostos” teóricos. Essas habilidades que fazem que o psicoterapeuta possa estar com o cliente em seu sofrimento psicológico, sem deixar de ser ele mesmo, sendo, portanto, também um sujeito com um mundo subjetivo, disposto a estar com, sem se misturar, mas ao mesmo tempo transformando-se na relação, pois não há encontro genuíno entre duas pessoas que não seja transformador para ambas. O importante é não perder de vista “a serviço de quem” está a psicoterapia.

Em meados do século XX, Martin Buber (apud HYCNER, 1995), filósofo, educador e humanista, sentiu a crescente decadência do relacionamento

humano na civilização moderna e divulgou a chamada “filosofia do diálogo” como a filosofia do inter-humano, que implica a presença no evento de encontro mútuo.

De acordo com Hycner (1995, p. 23),

a orientação tecnocrática moderna obscurece a dimensão central – o status ontológico – da esfera relacional em nossa vida. Desenfatar do inter-humano resulta em isolamento, alienação e no inevitável narcisismo dos dias modernos. A dimensão do inter-humano manifesta-se no evento relacional – o diálogo – entre pessoas. O inter-humano se dá no “entre” da relação.

Para Von Zuben (2003), a filosofia do diálogo, reconhecida como uma verdadeira obra-prima do ‘profeta da relação’, do encontro – Martin Buber –, é considerada como uma contribuição relevante para as ciências humanas em geral e para a antropologia filosófica. Esse encontro, no instante da psicoterapia, não é o encontro entre um pesquisador e seu objeto de investigação, e sim, a interação entre duas pessoas, mediadas pela relação de ajuda.

Segundo Buber (apud HYCNER, 1995) o inter-humano se dá no diálogo estabelecido e vivenciado *entre* os seres em relação, neste caso psicoterapeuta–cliente. E é nesse momento dialógico que se revelará a totalidade do homem. Ela não encontra em um ou em outro, nem mesmo na junção dos dois, mas sim no ‘*entre*’ experienciado no diálogo dos dois.

Buber (apud HYCNER, 1995, p. 26) enfatiza, ainda, que “o caráter ontológico da existência requer: distância e relação. O inter-humano é a esfera na qual estamos ao mesmo tempo separados e em relação. Somos tanto uma parte de outros seres humanos como estamos apartados deles. A existência sadia é todo aquele fugaz equilíbrio rítmico entre separação e relação”.

Sobre Buber e sua concepção dialógica, Von Zuben (2003, introdução XXII) afirma:

é notável em Buber o sentido profundo de diálogo que ele estabelece entre sua própria vida e a sua reflexão. Assim o ‘diálogo’ (relação dialógica) não é uma categoria à qual ele chegou por vias de raciocínio dedutivo, mas, como ele

próprio qualificou em EU E TU, o encontro é essencialmente um evento e como tal ele acontece.

Em essência, nós, humanos, somos seres de relação. Nascemos para conviver em sociedade e nos relacionarmos uns com os outros. Temos necessidade de contato,³ de diálogo genuíno com outros seres humanos, a fim de que possamos expressar nossa individualidade e deixar emergir nossas qualidades mais humanas. Almejamos, de forma secreta e ansiosa, ser “encontrados” e “reconhecidos” em nossa singularidade, vulnerabilidade e em nossa plenitude. Buscamos, incansavelmente, o reconhecimento e a valorização “por sermos quem somos” e “pelo que somos”, e precisamos ser reverenciados, tanto por nós mesmos quanto pelos outros para que sejamos completos, inteiros.

Hycner e Jacobs (1997, prefácio) assinalam que o paradoxo do espírito humano é que não sou completamente eu mesmo, até que seja reconhecido em minha singularidade pelo outro – e esse outro precisa do meu reconhecimento a fim de se tornar completamente a pessoa única que ela é. Somos inextricavelmente entrelaçados. Nossa validação pelo outro traz valor a nós mesmos. Somos parte de um laço de relações recíprocas.

De acordo com Anderson e Goolishian (1998, p. 37), o psicoterapeuta tem papel fundamental no processo psicoterapêutico – “o papel de um artista da conversação, um arquiteto do processo dialógico” – é um observador e facilitador participante, responsável por criar o espaço para uma conversação dialógica, partindo de uma postura de “não saber”. Rogers (1982) afirma que seja qual for a abordagem, tudo o que o psicoterapeuta vier a fazer, atitudes assumidas, a concepção que norteia e conduz seu trabalho, tudo isto influencia de modo marcante o processo da psicoterapia. É importante que o psicoterapeuta

³ Contato é um ato de autoconsciência totalizante, envolvendo um processo no qual as funções sensoriais, motoras e cognitivas se unem, em complexa interdependência dinâmica, para produzir mudanças na pessoa e na sua relação com o mundo, através da energia de transformação que opera em total interação, na relação sujeito-objeto (PONCIANO, 1997, p. 33).

tenha como pressuposto o fato de que a psicoterapia é uma experiência única para o cliente, e que por meio dela se “presta ajuda aos indivíduos”.

Para Hycner (1997), o foco das preocupações do psicoterapeuta dialógico está no sujeito como um todo. A busca pelo contexto de totalidade traz a chave para a compreensão do ‘ser’.

Diante dessas questões existenciais, surge então a problemática da ‘patologia’, que, nessa perspectiva, caracteriza-se, de acordo com Hycner e Jacobs (1997) pelo “distúrbio da existência inteira da pessoa”. Está relacionado ao seu diálogo perturbado consigo, com o outro e com o mundo, com a dificuldade real do contato.

González Rey (2001) afirma que há distinção entre a patologia e o sofrimento, o qual necessariamente não se mostra como uma expressão da organização da patologia. Compreender o sofrimento como um sentido subjetivo do sujeito leva ao repensar de sua natureza universal, e este sofrimento pode significar um momento do sujeito com sentidos diferentes em seu desenvolvimento, não chegando a se tornar obrigatoriamente uma patologia. Diferentemente, a patologia é vista como uma configuração subjetiva complexa, que já tem certa organização na subjetividade do sujeito. Essa constituição da patologia apresenta-se atualmente como um desafio para a produção teórica, em função de ter feito parte do mito construído a partir da separação da psicoterapia dos processos gerais de produção do conhecimento em psicologia.

Trabalhando com o referente teórico “categoria sujeito”, o qual traz consigo significativas possibilidades de reação a culturas ‘engolidoras’⁴ como ruptura, criatividade, quebra de paradigmas e outros, pode-se perceber que posições extremadas assumidas pelo sujeito podem levá-lo a patologia.

González Rey (2003b) apresenta dois momentos da “categoria sujeito” potencialmente capazes de tornarem-se “os perigos do sujeito”. O primeiro

⁴ Essa expressão é empregada por González Rey 2003b com o sentido de: culturas que não permitem a ação e reação cognitiva e emocional dos indivíduos, impondo a massificação de dogmas institucionalizados como impeditivo de racionalização dos sujeitos.

perigo é quando o sujeito, ao calar-se, anular-se, perder-se, não reivindicar, engole toda a sua emoção perante alguma situação determinada e, então, a emoção transforma-se em algo danoso para o organismo. O segundo perigo refere-se à produção de um sujeito que controla e transcende os espaços das relações, não mais dialogando, mas sim controlando, ordenando, indicando, tornando-se um sujeito egoísta e individualista.

Como já foi dito antes, a razão pode até calar-se e submeter-se, mas a emocionalidade tende a explodir em patologias, somatizadas ou mesmo manifestas no psicológico. Sendo esse sujeito dono de uma história, mesmo que se coloque numa posição de alienação ou assumindo condições impostas, tem uma ‘emocionalidade’. Portanto, quando o sujeito aceita tudo e se cala, não reagindo, sua subjetividade vai reagir por estar produzindo uma emocionalidade totalmente contrária à posição então assumida. Aí se instaura o adoecimento. Este é o caminho para a patologia: transitar por entre subjetividades sociais muito devoradoras do outro sem ter um espaço próprio, sem falar aquilo que pensa e sente.

Embora a patologia apresente-se de forma organizada na subjetividade do sujeito, o processo de cura psicoterapêutica não visa a uma ação pontual orientada para ela. Nessa perspectiva histórico-cultural, o cenário do processo psicoterapêutico é o sujeito, que aparece dentro de uma história e, simultaneamente, num contexto cujo sentido subjetivo expressa-se na configuração da patologia.

A “mudança psicoterapêutica” está essencialmente interligada à qualidade do processo dialógico estabelecido em cada relação psicoterapêutica única e particular, e comprometida com ele. González Rey (2001) afirma que isso fará com que o sujeito seja capaz de produzir novos processos de sentido e significado, gerando novos espaços de subjetivação a fim de poder se reposicionar diante da relação original que mantinha com os conflitos que o afetavam, e ainda integrar novos elementos subjetivos que irão modificar a

configuração patológica ou mesmo contribuir para o surgimento de novas configurações.

De acordo com Ponciano (1997, p. 20), a psicoterapia não visa à cura e sim à mudança que pode levar à cura: “mudar significa ressignificar coisas, pessoas, e, sobretudo, a própria existência. Não é um ato da vontade apenas, é um ato integrado, envolvendo a pessoa na sua relação com o mundo como uma totalidade consciente”.

Segundo Guidano (apud GONZÁLEZ REY, 2001),

infelizmente, como entretanto estamos longe de ter alcançado uma teoria ontológica exaustiva do funcionamento mental, capaz de explicar a estreita interdependência que existe entre emocionar-se e conhecer, a capacidade do terapeuta para empregar a dinâmica da relação a fim de facilitar a mudança do cliente continua sendo mais uma “arte” que uma “ciência” – ao menos no momento.

A partir dessa articulação do “*setting* psicoterapêutico” como um cenário de mudança e produção de novos sentidos subjetivos, torna-se oportuna a reflexão sobre se esse cenário tem também um caráter social envolvido na reconfiguração subjetiva do sujeito.

1.2.2 O social na psicoterapia

A questão de considerar o social como um aspecto importante na psicoterapia, emerge com a aparição do outro na relação psicoterapêutica. A psicoterapia, de certa forma, está comprometida com o social desde o surgimento da psicanálise em decorrência da entrada da escuta do “outro” no processo psicoterapêutico, relacionando o processo de mudança à linguagem.

Sendo a psicoterapia o encontro entre duas pessoas, percebe-se que cada sujeito dessa relação, psicoterapeuta e cliente, são constituídos por uma subjetividade individual e social, que se articulam na constituição do sentido subjetivo do outro numa inter-relação dinâmica e processual. Embora na

psicoterapia o foco esteja voltado para a subjetividade do cliente, a subjetividade do psicoterapeuta não deixa de aparecer na relação e passa a ser também um ente social a influenciar o cliente. Dois mundos constituídos a partir de suas histórias de vida com experiências emocionais, intelectuais e cognitivas únicas, tendo como fim primeiro uma relação de ajuda. Assim, será capaz de auxiliar na produção de novos sentidos subjetivos que irão modificar a vida do sujeito–cliente. Com o desenvolvimento dessa questão do social partindo da compreensão da subjetividade, percebe-se que a psique está configurada socialmente ao mesmo tempo em que constitui o social dentro do processo em que se configura.

É inerente a relação dialética entre o interno–externo. O interno caracteriza-se pela internalização que transforma o social em subjetivo e coloca o novo no social, enquanto o externo só passa a ter sentido quando em contato com o interno. Encontra-se no interno a história individual, assim como encontra-se a história no plano da cultura, no externo. Ao apontar esses aspectos, González Rey (1997) afirma que o social é uma combinação dialética permanente do externo e do interno, sendo que o externo não se esgota naquilo que tem significação para o sujeito individualmente, e a significação do interno vai sempre estar condicionada por um processo de constituição de sentido, em que o interno e externo integram-se numa completa relação dialética dentro de sua definição subjetiva.

A configuração do social acontece a partir dos sentidos subjetivos produzidos pelo sujeito em seus vários espaços de relação, permitindo, assim, o desenvolvimento psíquico. O social não é, portanto, uma dimensão comportamental externa ao sujeito. É uma produção subjetiva que não oferece um caráter universal, sendo que o sentido subjetivo só vai aparecer em relações diferenciadas entre cada sujeito com experiências concretas.

“A ação do sujeito individual é um momento do sentido produzido por qualquer evento ou processo social sobre o sujeito” – assim explica González Rey

(2004a) em seus estudos. Ele aponta, ainda, que, com a categoria subjetividade, a discussão e os estudos da questão do “social” são retomadas pela psicologia, garantindo ao fenômeno social um entendimento mais amplo e permitindo que a sociedade possa ser melhor compreendida por meio de processos subjetivos.

Portanto, ao trabalhar com o cenário da psicoterapia como um espaço de tratamento e posteriormente, de pesquisa, é necessário considerar a todo momento que aquele indivíduo que traz uma história pessoal não estava sozinho. Traz em sua configuração subjetiva experiências vivenciadas a partir de uma série de relações, inclusive consigo mesmo. É preciso ampliar “o olhar” a fim de reconhecer a influência do ‘social’ no individual, e munir-se de ferramentas teóricas para o desenvolvimento de tal trabalho. A subjetividade é um fenômeno bastante complexo, intrigante e desafiador. Ao trabalhar com a clínica, cabe ao psicoterapeuta buscar teorias que ampliem a visibilidade de seu objeto de estudo e trabalho, não negligenciando, assim, nenhuma parte constitutiva do ser humano, lidando com a humanidade do indivíduo numa perspectiva holística. É possível, sim, desenvolver na clínica um espaço onde as subjetividades individual e social se desvelem, num ir e vir da relação psicoterapeuta – cliente, permitindo que uma nova produção subjetiva de sentidos possa ocorrer e o cliente possa reorganizar-se.

É oportuna, para finalizar esta discussão, transcrever uma afirmação de González Rey (2003b):

tanto a psicologia clínica quanto a psicologia social são feitas em vários cenários metodológicos, e tudo depende da ênfase na construção conceitual. Pode-se fazer uma excelente psicologia social da psicoterapia, ler a sociedade a partir dos universos diferentes do sujeito com os quais se está trabalhando. Devemos nos nutrir bem da base epistemológica, nenhuma informação isolada tem caráter de científico em si mesmo. O científico se conquista na construção. E essa dicotomia do individual e do social se alimentou bastante de uma clínica muito individualista e naturalista, e de um social extremamente sociologizado. A clínica não pode ser a figura do homem isolado, tem que ser a sociedade, senão terminamos mudando os termos.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

2.1 Considerações metodológicas e epistemológicas

De acordo com Demo (1995, p. 11),

a metodologia é uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa; ao mesmo tempo em que visa conhecer caminhos do processo científico, também problematiza criticamente, no sentido de indagar os limites da ciência, seja com referência à capacidade de conhecer, seja com referência à capacidade de intervir na realidade.

Em uma das definições apresentadas por Abbagnano (1999, p.669),

a metodologia se caracteriza como o conjunto de procedimentos técnicos de averiguação ou verificação à disposição de determinada disciplina ou grupo de disciplinas, elaborada no interior de uma (ou mais) disciplina científica e tem como objetivo garantir às disciplinas em questão o uso cada vez mais eficaz das técnicas de procedimento de que dispõem.

Diante da primazia do método sobre a realidade estabelecida pela metodologia científica tradicional, vêm surgindo metodologias alternativas que buscam, segundo Demo (1995, p. 229), “partir da realidade social na sua complexidade, na sua totalidade quantitativa e qualitativa, na sua marcha histórica humana, também dotada de horizontes subjetivos, e depois construir métodos adequados para captá-la e transformá-la”.

A metodologia qualitativa, com freqüência, tem ignorado os princípios epistemológicos que estão na base da produção científica, e isso, às vezes, tem conduzido a pesquisas alternativas que ainda se encontram dentro dos limites epistemológicos tradicionais, os quais pretendiam superar. Portanto, formas alternativas de produção de conhecimento psicológico é uma necessidade epistemológica. Refletindo sobre novos conceitos e diferentes procedimentos de

pesquisa, e, por conseguinte, sobre a questão epistemológica, González Rey (2002b) e outros autores citados em sua obra, como Ibáñez, Stake, Rodríguez Sutil e outros, acreditam que o surgimento do qualitativo é o surgimento de uma nova epistemologia. Essa mudança de paradigma epistemológico, González Rey (2002b, p. 3) sintetiza do seguinte modo: “é o trânsito de uma epistemologia da resposta para uma epistemologia da construção”.

Para que possam surgir nas ciências sociais, novas epistemologias com capacidade de sustentar mudanças profundas no desenvolvimento de formas alternativas de produção de conhecimento, é necessária a construção de representações teóricas que gerem, para os pesquisadores, o acesso a novas “zonas de sentido” (GONZÁLEZ REY, 1997) sobre o assunto a ser estudado, que são impossíveis de serem construídas pelas vias tradicionais (GONZÁLEZ REY, 2002b).

A metodologia adotada neste trabalho é uma proposta qualitativa. Ela visa enfatizar a compreensão da pesquisa qualitativa como um processo dialógico, no qual tanto o pesquisador como os sujeitos do processo (que são objetos da pesquisa) estão implicados ativamente, destacando a importância da existência de um vínculo entre ambos para a qualidade da informação a ser produzida e, conseqüentemente, para o processo de construção do conhecimento científico.

2.1.1 A questão da epistemologia qualitativa

De acordo com Bunge (1987), a epistemologia, ou também chamada filosofia da ciência, é como um eixo, uma das ciências da ciência. É um ramo importante da filosofia que estuda a investigação científica e seu produto, o conhecimento científico. A epistemologia investiga a natureza do conhecimento científico e tecnológico, ocupando-se das questões teóricas básicas concernentes à ciência e à tecnologia. É o estudo do conhecer, o conhecimento sobre o próprio conhecimento, a teoria sem a produção do conhecimento científico. González

Rey (2004b) considera que a epistemologia tem avançado num processo de transição de uma epistemologia quantitativa-empiricista para uma epistemologia diferente, constituída por meio de distintas perspectivas do pensamento científico, sendo uma delas a que se denomina epistemologia qualitativa. Essa epistemologia traz em sua fundamentação importantes antecedentes do marxismo, da epistemologia histórica francesa, da teoria da complexidade, dos trabalhos de P. Feyerabend.

Um aspecto fundamental da epistemologia a se considerar é a necessidade de uma transformação profunda por parte do pesquisador em sua representação sobre a ciência. Esta, muitas vezes, vem comprometida com sua própria formação. O paradigma instalado, o qual condiciona fortemente a visão sobre a ciência, que o prevalece social e institucionalmente, é a que muitas vezes o pesquisador tende a perpetuar, mesmo quando delimita problemas teóricos e metodológicos que exigem o desenvolvimento de outro paradigma⁵ (GONZÁLEZ REY, 1997).

A epistemologia qualitativa surge como uma forma diferenciada de pesquisa qualitativa, em que “o qualitativo”, como definição epistemológica caracteriza o processo de produção do conhecimento científico. Ou seja, o fator mais importante é a natureza qualitativa dos processos envolvidos na produção do conhecimento científico, o que não se define pelo uso exclusivo de métodos qualitativos. A ênfase é dada ao caráter processual da pesquisa, a importância da produção de espaços dialógicos como via de produção do conhecimento e ao caráter construtivo da produção do conhecimento.

O papel da construção do material teórico aparece, na epistemologia qualitativa, como algo central. É esta que vai definindo a produção do conhecimento científico como um processo contínuo e constante, seguindo suas próprias necessidades, e que será vinculada à pesquisa pela própria atividade intelectual do pesquisador. Os métodos utilizados são considerados em seu

⁵ Traduzido do espanhol por esta pesquisadora.

aspecto social, constituídos numa relação humana, na relação de comunicação entre pesquisador e sujeito pesquisado, condição essencial para a qualidade do conhecimento a ser produzido. Toda ação instrumental tem como objetivo uma ação ativadora dos sujeitos implicados na pesquisa, contribuindo, dessa forma, para

a qualidade e complexidade da informação a ser produzida no processo metodológico (GONZÁLEZ REY, 1997, 2002b, 2004b).

González Rey (2002b, p. 28) reconhece a epistemologia qualitativa

como forma de satisfazer as exigências epistemológicas inerentes ao estudo da subjetividade como parte constitutiva do indivíduo e das diferentes formas de organização social. A subjetividade não é um produto da cultura, é ela mesma constitutiva da cultura, não podendo ser considerada resultado subjetivo de processos objetivos externos a ela, mas a expressão objetiva de uma realidade subjetivada.

A epistemologia qualitativa elaborada por González Rey (1997, 1999, 2002b, 2004b) apóia-se em três princípios fundamentais (GONZÁLEZ REY, 2002b, p. 31 – 35):

1- *O conhecimento é uma produção construtiva e interpretativa.* A interpretação é um processo no qual o pesquisador integra, reconstrói e representa em construções interpretativas, diversos indicadores que foram sendo produzidos durante a pesquisa, e que, se considerados de forma isolada como constatações empíricas, não fariam nenhum sentido;

2- *O processo de produção do conhecimento tem um caráter interativo.* A relação entre o pesquisador e o pesquisado é uma condição para o desenvolvimento das pesquisas nas ciências humanas, assim como é um atributo constitutivo do processo de produção do conhecimento no estudo dos fenômenos humanos.

3- *O significado da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento.* A singularidade constitui-se como realidade diferenciada na história da constituição subjetiva do indivíduo.

Na realização desta pesquisa foi adotada uma metodologia qualitativa que considera esses três princípios e visa romper com as tendências empiristas vigentes, na medida em que sustenta uma posição no esforço pela construção interpretativa do conhecimento. Uma das características importantes dessa metodologia é a existência do vínculo entre o pesquisador e o sujeito pesquisado. Estes são participantes ativos da pesquisa, sendo que o pesquisador tem como tarefa a interpretação dos indicadores que forem surgindo dessa relação, construindo e tecendo idéias que emergem do material gerado no cenário da pesquisa. O pesquisador vai-se convertendo em sujeito intelectual ativo no curso da pesquisa: participa das relações e, principalmente, produz idéias a partir dos elementos que surgem na pesquisa, confrontando-os com os sujeitos pesquisados, num processo que o conduzirá a novos níveis de produção teórica. Isso caracteriza a processualidade e a dinamicidade da pesquisa qualitativa. É importante ressaltar, ainda, que o envolvimento dos sujeitos pesquisados é fundamental, visto que o valor da qualidade da informação será determinado por esse tecido relacional, constituído num contexto interativo, atingido apenas através do comprometimento e da motivação desses sujeitos pesquisados (GONZÁLEZ REY, 1997; 2002b).

Essa metodologia, adotada nesta pesquisa e apoiada numa epistemologia qualitativa, considera que o conhecimento não se valida por sua correspondência linear e isomórfica como uma realidade externa ao sujeito. Assim, a pesquisa passa a não ter uma ordem estabelecida e fixada *a priori*, caracterizando-se como um processo interativo que sofre todos os efeitos irregulares de toda relação humana. Por isso, gerar uma tensão produtiva no curso da pesquisa é tarefa significativa e requer esforço do pesquisador sua manutenção. Outro aspecto significativo diz respeito ao papel ativo da realidade estudada pelo pesquisador – na qual o sujeito pesquisado também se inclui – visto que esta, dentro do seu dinamismo, não se submete passivamente às construções do

pesquisador e sempre apresenta novas dimensões a serem investigadas (GONZÁLEZ REY, 2002b).

2.1.2 A pesquisa qualitativa em psicologia

No cenário da psicologia, a pesquisa qualitativa tem despontado com maior ênfase a partir da década de 1980. No entanto, tem encontrado grande resistência nos meios acadêmicos, nos quais a institucionalização do quantitativo como científico aparece como verdade única e reiterada. Historicamente, isso se deve à profunda influência exercida pelo paradigma positivista, que resultou, no âmbito metodológico, na hegemonia da psicologia experimental e dos testes psicométricos,

garantindo, por um longo período, que esta fosse a base para o desenvolvimento das investigações e das práticas psicológicas. Porém, a psicologia clínica aparece como uma exceção, um cenário no qual surgiram e se desenvolveram diferentes escolas dinâmicas (desde a psicanálise até o humanismo) e que representaram a ruptura das posições dominantes. Apesar disso, o desenvolvimento de um conjunto de princípios relacionados com a construção do conhecimento na prática clínica resultou no fim do chamado “método clínico” (definição essencialmente ideológica). O objetivo era reconhecer o valor do método para uma prática clínica e sua não validade para a investigação científica, sendo que, na realidade, tal método continha princípios essenciais para o desenvolvimento de uma epistemologia alternativa em psicologia (GONZÁLEZ REY, 1998, p. 33).⁶

O termo qualitativo, segundo González Rey (2002b), representa uma visão diferenciada do modelo positivista em relação ao fazer da ciência. É uma nova forma de ver e estudar o mundo. Aquilo que não era passível de estudo e pesquisa, ganha espaço nessa nova metodologia de conhecimento.

⁶ Traduzido do espanhol por esta pesquisadora.

A investigação qualitativa parte do princípio de que existe uma interdependência dinâmica entre o sujeito e o objeto, uma relação contínua entre o mundo real, objetivo, e a subjetividade do sujeito. Este, como parte integrante do processo de conhecimento interpreta os fenômenos e atribui-lhes “significado”. De acordo com Chizzotti (1995), o objeto surge possuído de significados e relações que sujeitos concretos vão criando em suas ações. O pesquisador – também um personagem ativo nesse processo – aparece como aquele que desvela o significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais e no âmbito individual.

Mynaio (2000) enfatiza a existência de um vínculo entre pesquisador e sujeito pesquisado como condição essencial para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa e acrescenta que o aprofundamento dessa relação intersubjetiva durante o processo da pesquisa determinará o êxito desta, ao contemplar contextos como o dia-dia, o afetivo, o existencial, as experiências. Ao definir a subjetividade como tema de estudo, González Rey (2002b) apresenta um comprometimento com uma visão de subjetividade definida nos processos de produção de sentido, assim como nas formas de organização que esses sentidos tomam na subjetividade social e individual. Na pesquisa qualitativa, portanto, o sujeito tem caráter ativo, e suas reações não surgem de forma linear e isomorfa ao longo da pesquisa, realizando construções implicadas nos diálogos em que se expressa.

É preciso considerar que a pesquisa é vivenciada pelo sujeito como uma situação nova que gera diferentes estados emocionais. E, para que o sujeito sinta-se motivado a participar dessa pesquisa, sua relação com o pesquisador deve ser movida por confiança, interesse, presença, uma escuta ativa e participativa, num clima dialógico que favoreça sua capacidade de expressão durante o processo de investigação. E esta é a condição *sine qua non* para o êxito da pesquisa: sem o envolvimento do sujeito pesquisado, a informação a ser produzida no decorrer da investigação perde a significação.

Nessa dimensão qualitativa de pesquisa, trabalha-se com o sujeito numa perspectiva de singularidade, de ser único, possuidor de uma constituição subjetiva diferenciada. Daí a preocupação não estar focada na quantidade de sujeitos estudados. O interesse central é a subjetividade desses sujeitos apresentada pelos próprios sujeitos envolvidos e representada pela qualidade de sua expressão, pois a subjetividade vista desse modo, caracteriza a vivência interna do sujeito. A abordagem qualitativa é, portanto, uma definição epistemológica e teórica, na qual o contexto, a relação e a subjetividade são requisitos importantíssimos para o desenvolvimento da pesquisa.

2.1.3 O processo de pesquisa na epistemologia qualitativa

Para introduzir esse tópico, parece relevante abordar como a pesquisa qualitativa delinea os momentos iniciais que caracterizam o percurso desse tipo de pesquisa. Diferentemente da pesquisa tradicional, a pesquisa qualitativa não se inicia pela delimitação perfeita de um “problema”. Este representa, na investigação, um primeiro momento, no qual se concebe o que se deseja pesquisar. Trata-se, segundo Mynaio (2000, p. 97), “de um recorte que será feito pelo pesquisador e, que irá conter relações essenciais e expressar especificidade”.

González Rey (2002b) destaca que o problema necessariamente não vai ser uma pergunta a ser respondida ao final da pesquisa, e que, mais que uma construção acabada, o problema representa uma construção em processo, que irá se desenvolvendo rumo a novas e diversas formas.

O problema é, portanto, o esboço de algo que motiva o pesquisador, conduzindo-o à pesquisa, e que surge num primeiro momento como fruto de reflexões e observações no contato do pesquisador com tal fenômeno, seja este em razão de sua prática profissional ou de outro motivo alheio, mas que expresse o desejo da investigação e compreensão desse fenômeno. Como

reforça Mynaio (2000, p. 90), “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeira instância, um problema da vida prática; a escolha de um tema não emerge espontaneamente, da mesma forma que o conhecimento não é espontâneo”.

A pesquisa qualitativa é um processo contínuo de produção de conhecimento científico, no qual o problema que dá origem à pesquisa vai sendo reconfigurado à medida que os resultados interagem entre si e conduzem a novos caminhos de investigação e produção de novos conhecimentos. De acordo com Chizzotti (1995, p. 85), “a pesquisa é uma criação que mobiliza a acuidade inventiva do pesquisador, sua habilidade artesanal e sua perspicácia para elaborar a metodologia adequada ao campo de pesquisa, aos problemas que ele enfrenta com as pessoas que participam da investigação”.

Nessa perspectiva qualitativa, o levantamento de hipóteses formais perde o sentido comprobatório pertinente às pesquisas tradicionais, servindo de direção e parâmetro no confronto com a realidade empírica, não se destinando nem a verificar nem a comprovar, mas sim a construir; a verificação e comprovação podem até aparecer como momentos do processo de pesquisa, sem que representem momentos analíticos estabelecidos como o fim da pesquisa (MYNAIO, 2000; GONZÁLEZ REY, 2002b). Portanto, as hipóteses são vistas como reflexões do pesquisador ao longo da pesquisa, sem a obrigatoriedade operacional de serem comprovadas, podendo nortear o processo de construção teórica e empírica do pesquisador, sendo que não fariam o menor sentido se fossem tomadas fora desse contexto.

No caso específico desta investigação, busca-se compreender como o diálogo no processo psicoterapêutico produz processos de subjetivação diferentes, que promovem a mudança psicoterapêutica. Através da “fala” (entendida como toda expressão verbal e não-verbal) do cliente, pode-se compreender os processos intrínsecos existentes na relação psicoterapeuta – cliente, capazes de promover a mudança ‘curadora’ desse cliente; pode-se, desse

modo, dar testemunho da importância do espaço psicoterapêutico como cenário social de expressão da subjetividade individual e social do cliente numa relação intersubjetiva com o psicoterapeuta, também ele um ser individual e social, tendo como consequência a transformação do cliente, e uma mútua influência na constituição subjetiva de cada ser.

2.1.3.1 O conceito de indicador e a construção de categorias

Existem aspectos bastante distintos entre a forma tradicional da pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa em questão. O conceito de “dado”, articulado na pesquisa quantitativa de maneira objetiva, é colhido de forma direta (via instrumento) pelo pesquisador e considerado, nesta perspectiva da epistemologia qualitativa, por González Rey (1997; 2002b; 2004b), como “indicador”. Elementos que surgem na expressão dos sujeitos pesquisados por meio de instrumentos e situações diversas, convertem-se em indicadores e adquirem significação a partir da interpretação do pesquisador, e são produzidos a fim de dar sentido ao não-observável – a informação do objeto de estudo aparece atrelada ao sentido subjetivo da produção teórica do pesquisador. Todos os momentos vivenciados pelo pesquisador durante a pesquisa – as reflexões, as idéias, os momentos casuais, a aplicação de instrumentos informais – auxiliam-no a dar sentido às informações fragmentadas que foram sendo recolhidas no desenvolvimento da pesquisa, por meio do instrumento, e que contribuem para o processo de construção do conhecimento.

Considerado um elemento vivo, o indicador vai sendo construído a partir de informações indiretas e implícitas, advindas do estudado, e vai-se integrando a outros indicadores por meio de processos da construção teórica do pesquisador, adquirindo sentido dentro de um processo de interpretação. Eles são a melhor expressão dialógica constituída entre as construções do pesquisador e a realidade, segundo González Rey (2002b, p.159):

Os indicadores permitem construções que possibilitam transcender os limites da evidência e do próprio indicador produzido, e esse processo teórico é uma condição para o surgimento do próximo indicador, o qual seria inacessível sem o marco de significação produzido na construção teórica. Esse conceito de indicador caracteriza melhor o tipo de unidade usada na produção do conhecimento na pesquisa de natureza construtivo-interpretativa.

A construção de uma informação segue o caminho contínuo e aberto de um processo de construção e interpretação que acompanha todos os momentos da investigação.

No curso da pesquisa, o desenvolvimento processual de indicadores conduz ao desenvolvimento de categorias novas, que permitem a conceituação dos processos e questões surgidas no decorrer dessa investigação. Sendo este mais um momento essencial e delicado da pesquisa qualitativa, González Rey (2002b, 2004b) descreve-o como um dos mais criativos e ricos. É visto que a pesquisa representa um processo constante de produção de pensamento, tal processo avança à medida que o pesquisador consegue integrar e generalizar os diferentes indicadores que constituem as categorias. Para González Rey (2002b, p.119)

a produção de indicadores e a de categorias são processos inter-relacionados, pois, se as idéias associadas com o desenvolvimento dos indicadores não se expressam em categorias, o processo gerador de teoria sobre o qual repousa o curso da pesquisa corre o risco de interromper-se e levar ao círculo vicioso de reiteração do conhecido.

As categorias vão sendo construídas pelo pesquisador à medida que o tecido dialógico vai sendo elaborado mediante a inter-relação dos indicadores situados no espaço de sentido subjetivo do sujeito que os expressa. Essas categorias permanecem em contato com os indicadores durante toda a pesquisa. Sendo um momento na construção teórica do fenômeno, é através delas que o pesquisador pode adentrar novas zonas de sentido do sujeito estudado. “Categorias” já existentes que se integram às novas, que não poderiam ter sido

construídas sem as mesmas, e assim por diante. Conforme esclarece González Rey (2002b), este é o grande desafio da categoria: desenvolver novas zonas do objeto estudado, superando ou indo bem mais além do que qualquer categoria já existente em teorias concretas no momento atual.

González Rey, (2002b, p.125) sintetiza essa forma de ver e estudar o mundo e seus fenômenos, reiterando que

a pesquisa qualitativa, apoiada na epistemologia qualitativa, não se orienta para a produção de resultados finais que possam ser tomados como referências universais e invariáveis sobre o estudado, mas a produção de novos momentos teóricos que se integrem organicamente ao processo geral de construção de conhecimentos. As categorias universais estabelecidas devem representar só um marco relativo para a definição do problema a estudar e dar lugar a um processo diferenciado de produção de conhecimentos que possa nos informar sobre a natureza diferenciada desses processos nos sujeitos concretos, que não podem ser substituídos pelas entidades usadas para definir sua condição; portanto, a pesquisa psicológica tem de entrar nos processos qualitativos de subjetivação das entidades gerais com as quais se identificam certos fenômenos na psicologia.

2.1.4 O cenário na pesquisa qualitativa

Diante desta perspectiva de pesquisa qualitativa, todo e qualquer campo da ciência psicológica em que o psicólogo se encontre ativo em sua prática profissional torna-se “por excelência” um cenário apto para a pesquisa, embora, por muito tempo, como consequência do domínio positivista, pretendeu-se estabelecer uma separação entre a prática profissional e a pesquisa. Ao participar efetivamente do exercício da profissão, o pesquisador vai elaborando de forma contínua suas idéias.

A opção pela psicoterapia como cenário de pesquisa, no caso do presente trabalho, deve-se ao fato de ser esta a prática profissional da pesquisadora e, ainda, por ser a psicoterapia fonte permanente de pesquisa científica. A tentativa

é de resgatar o valor da produção de idéias como processo fundamental da produção científica, no sentido do que afirma González Rey (2002b, p. 102): “as idéias passam a ter valor não por sua procedência, mas pelo lugar que ocupam e pela sua capacidade geradora dentro do processo de produção do conhecimento”.

Analisando o percurso de muitos dos sistemas teóricos do pensamento psicológico, observa-se que nem todos se desenvolveram sobre as bases tradicionais da pesquisa científica e sim através da prática psicoterapêutica, como no caso da psicanálise, ou do humanismo e outros. Peter Gay (1989) aponta, em sua obra sobre “a vida de Freud”, que este fazia de sua prática, seu divã, seu próprio laboratório. Por intermédio do contato com seus pacientes, como eram chamados, Freud teve tempo e oportunidade de refinar sua técnica e foi capaz de abrir perspectivas, partindo de novos pontos de vista teóricos. Por essa razão, considerava seus casos clínicos de tão grande importância, que eles constituem um registro de sua formação.

Segundo Anderson e Goolishian (MCNAMEE & GERGEN, 1998),

a terapia é um evento lingüístico que ocorre no que chamamos de conversação terapêutica. A conversação terapêutica é uma busca e uma exploração mútuas pelo diálogo, uma troca de mão dupla, um entrecruzamento de idéias no qual novos sentidos estão continuamente evoluindo em direção à dissolução de problemas e, portanto, à dissolução do sistema terapêutico de organização e dissolução de problemas.

A significação das idéias geradas das fontes empíricas na psicoterapia será legitimada na produção do conhecimento científico. Essas informações só serão articuladas graças ao núcleo vivo de produção conceitual, constituído de forma complexa ao longo do processo de construção do conhecimento. As categorias utilizadas para organizar conceitualmente os processos relacionados ao assunto em estudo vão gerar a necessidade de um núcleo teórico de certo modo independente do empírico, o que legitimará idéias surgidas ao longo da

atividade profissional. Porém, a produção teórica gera novas zonas de sentido no momento empírico de forma permanente (GONZÁLEZ REY, 2002b).

De acordo com González Rey (BOCK, GONÇALVES, FURTADO, 2001), “a terapia é um cenário dialógico que produz processos novos de significação e sentido que geram novos espaços de subjetivação nos sujeitos implicados nela”.

A produção do cenário em uma pesquisa é primordial e deve ser tratada com bastante respeito e cuidado. O cenário é o contexto produzido visando à implicação do sujeito a ser pesquisado. Depende da criatividade do pesquisador promover um espaço acolhedor e intimista, para que o sujeito interesse-se pela pesquisa e motive-se a participar dela. Esse processo, além de implicar a intimidade do sujeito, implicará ainda seu envolvimento em situações sensíveis capazes de posicionamentos diferenciados em face de vários temas de sua vida, permitindo-lhe novas opções através dessas situações vivenciadas na pesquisa. Isso vem demonstrar as conseqüências para o sujeito desse processo de intervenção que representa a maioria das pesquisas qualitativas, e a importância do envolvimento voluntário e consciente do sujeito, no decorrer do trabalho.

2.1.5 A pesquisa qualitativa e o estudo de casos

Outro aspecto relevante, que deve ser cuidadosamente analisado a partir da definição do cenário em que a pesquisa se realizará, são os procedimentos a serem adotados.

O estudo de casos foi utilizado neste trabalho por constituir uma das vias essenciais de acesso às informações, à abordagem do objeto individual e singular que caracteriza o processo de produção de conhecimento científico na pesquisa qualitativa. A relevância desse procedimento para a metodologia qualitativa embora ainda não esteja devidamente reconhecida, em função da visão epistemológica ainda hegemônica nessa metodologia, autores como

González Rey, R. Stake, Billig e outros (apud GONZÁLEZ REY, 2002b), consideram-no uma ferramenta privilegiada para o acesso a uma fonte diferenciada. González Rey (2002b, p.156) ressalta a importância do estudo de casos para a pesquisa qualitativa, afirmando que, “de forma única, essa fonte nos apresenta simultaneamente a constituição subjetiva da história própria (subjetividade individual) e uma forma não-repetível de subjetivação da realidade social que ao sujeito coube viver”. Sobre a aceitação do estudo de casos na pesquisa qualitativa, González Rey (2002b, p.157) recorre à explicação dada por Stake:

a unicidade, particularidade, diversidade não são universalmente amadas. O estudo de casos sofre porque algumas vezes é apresentado por pessoas que têm menos implicação pelo estudo do particular (DENZIN, 1989; GLASSER e STRAUSS, 1967; HERRIOT e FIRESTONE, 1983, YIN, 1984). Muitos cientistas sociais escrevem sobre o estudo de casos como se o estudo intrínseco de um caso particular não fosse tão importante quanto os estudos para obter generalizações relacionadas à população de casos.

Chizzotti (1995) considera “o caso” uma parte significativa do todo, que consegue representar tanto uma realidade quanto uma diversidade de aspectos globais que se apresentam em determinada situação.

González Rey também se expressa com relação ao estudo de casos:

a importância atribuída ao estudo de casos deriva dos pressupostos epistemológicos associados a outra série de definições como as relacionadas à legitimidade do conhecimento e à generalização. O estudo de casos foi objeto de recusa por associar-se à definição quantitativa do individual, para que o indivíduo é a unidade da espécie, é uma exceção irrelevante para o todo, que não permite produzir generalizações sobre a espécie estudada. No entanto, quando em lugar de associar o indivíduo à condição unitária de quantidade, o vemos definido na condição qualitativa de singularidade, em que aparece como expressão diferenciada e única de uma qualidade em processo de estudo, o estudo de casos adquire uma conotação diferente (GONZÁLEZ REY, 2002b, p.157).

De acordo com Trivinos (1997), o estudo de casos insere-se numa categoria da pesquisa qualitativa em que a unidade é o objeto a ser estudado e analisado profundamente. E isso indica a natureza, a abrangência e a complexidade como características dessa unidade, que neste caso é o sujeito.

González Rey (2002b, p.157) procura mostrar, de forma consistente, as razões por que o estudo de casos deve ser o principal procedimento de pesquisa qualitativa no campo da psicologia. Em sua opinião, esse procedimento de investigação apresenta-se como:

um momento inescusável para a produção teórica na psicologia. O estudo de caso singular adquire seu valor para a generalização pelo que é capaz de apostar na qualidade do processo de construção teórica, não por seu valor em termos de quantidade. Essa afirmação é a expressão de uma compreensão diferente do conceito de generalização, em relação àquela que domina a pesquisa positivista.

2.2 Percurso da pesquisa

2.2.1 Procedimento

De acordo com González Rey (2002b), o campo de trabalho para os pesquisadores dentro das ciências psicológicas é bastante amplo, e a pesquisa científica é pertinente a todo e qualquer cenário em que esteja inserida uma prática profissional. Portanto, a psicoterapia, assim como outras práticas profissionais, constitui em precioso campo de produção de conhecimento, que é legitimado por meio da significação de que lhe é atribuída no momento dessa produção.

Depois de optar pela pesquisa qualitativa, eleger a clínica (a psicoterapia) como o cenário e a subjetividade como o objeto de estudo, o passo seguinte desta pesquisa foi selecionar, entre os casos clínicos em atendimento pela pesquisadora, aqueles que reuniam características para tornar-se foco da

pesquisa. Um dos critérios mais relevantes nessa seleção era a disponibilidade do próprio cliente em participar da pesquisa, uma vez que seu processo psicoterapêutico converter-se-ia em “objeto público” de estudo e pesquisa. Outro critério importante diz respeito à condição da pesquisa: era imprescindível que o cliente já estivesse em atendimento psicoterápico há algum tempo estabelecido o mínimo de um ano de psicoterapia. A existência de um vínculo com a pesquisadora-psicoterapeuta foi considerado visando a continuidade e prosseguimento da pesquisa.

Após a psicoterapeuta haver selecionado os casos, a proposta inicial de participar deste estudo foi feita a cada cliente ao final de uma sessão do processo de cada um, quando a psicoterapeuta, inquirida pelo resultado de sua seleção para o mestrado, compartilhou o resultado favorável, explicando sobre o trabalho a ser desenvolvido em sua dissertação. De pronto cada cliente contatado mostrou-se bastante interessado em colaborar com a psicoterapeuta, e um deles pontuou o quanto o processo psicoterapêutico vinha ajudando-o.

Posteriormente, a par de todas as implicações que compunham a pesquisa – sobretudo neste caso em que o cenário é a psicoterapia – formalizou-se a participação de E. e K.. Vale ressaltar, seus casos haviam sido selecionados anteriormente também pela pesquisadora por considerar que eles representam realidades significativas para o presente estudo.

Diferentemente de uma entrevista aberta ou semi-estruturada, as sessões na psicoterapia não são direcionadas tampouco estruturadas *a priori*. São constituídas no momento ímpar do encontro entre cliente e psicoterapeuta. O desvelar do tema processa-se nesse espaço, embora possa, sim, ser pensado *a priori* pelo cliente e, quiçá, pelo psicoterapeuta. No entanto, é a disponibilidade interna do cliente que determina o caminho a trilhar naquele instante, se é ou

não aquele o tema do diálogo. Numa linguagem técnica, o instrumento utilizado para esse primeiro momento foram os “sistemas conversacionais”⁷.

O diálogo, nessa fase, implicou uma relação mútua de confiança, respeito, atenção e interesse, principalmente no tocante ao papel da psicoterapeuta, na condição também de pesquisadora. Para González Rey (2002b, p. 55), “o diálogo não representa só um processo que favorece o bem-estar emocional dos sujeitos que participam na pesquisa, mas é fonte essencial para o pensamento e, portanto, elemento imprescindível para a qualidade da informação produzida na pesquisa”.

As sessões eram registradas por escrito e/ou gravadas e, ao final de cada encontro, fazia-se uma revisão dos registros, a fim de não perder nenhuma informação, principalmente emoções, sensações e idéias percebidas e vivenciadas pela própria pesquisadora.

Outro instrumento utilizado como suporte foram “redações”: no início do processo os sujeitos foram instruídos para que, relatassem, na primeira redação, de forma sucinta sua história de vida expressando-se ainda o significado da psicoterapia em suas vidas. Ao final do processo de pesquisa, outra redação foi solicitada, visando captar, de forma direta, mas ao mesmo tempo implícita, o sentido experienciado pelos sujeitos, cada qual ao seu modo, durante e ao final da pesquisa com relação a esse momento focal da psicoterapia.

As informações obtidas por meio de instrumentos escritos – neste caso, a “redação” – não são consideradas mais legítimas que outras fontes. Entre outras funções desse tipo de instrumento, busca-se a descentralização da intencionalidade do sujeito na produção da informação, facilitando, assim, o contato deste com novos aspectos de sua experiência a fim de estimular reflexões e emoções que possam levá-lo a novos níveis de produção de informação (GONZÁLEZ REY, 2002b).

⁷ O que caracteriza esses sistemas é que o processo não está centrado no pesquisador, pois o que se pretende é a produção de um tecido dialógico e não de um conjunto de respostas.

Partindo também dessas considerações, à medida que as sessões sucediam-se, os indicadores iam sendo percebidos e construídos. Assim, com o levantamento de eixos norteadores, tornou-se possível realizar uma análise construtivo-interpretativa dos casos. No Caso E., foram registradas 13 sessões e feitas duas redações e, no Caso K., foram registradas 12 sessões e escritas duas redações já mencionado anteriormente. Esse material foi considerado suficiente para o trabalho de pesquisa pretendido, tendo em vista a qualidade das informações que continha e foram analisadas pela pesquisadora.

Concomitantemente ao surgimento do material empírico nas sessões psicoterapêuticas e nas redações, as informações iam sendo analisadas e agrupadas – no caso E.: as informações relacionadas ao sujeito e sua vida, e as informações relacionadas ao contexto social profissional do sujeito; – no caso K.: a influência da perda dos pais e tudo o que isso representa na configuração subjetiva de K.; a relação psicoterapêutica como produtora de novos sentidos subjetivos; religiosidade numa interconexão entre subjetividade social e subjetividade individual; a tristeza e a depressão que a acompanhavam conjugadas à vontade de morrer; a dificuldade em relacionar-se afetivamente.

Diante dessas zonas de construção pôde-se levantar tópicos e ir tecendo as interpretações as quais iam se desdobrando e ramificando em novas categorias e em construções interpretativas.

Como já apresentado anteriormente, o enfoque da metodologia qualitativa, na presente pesquisa, dispensa a formulação de hipóteses e não propõe a verificação de variáveis, como na pesquisa empírica tradicional. Porém, para que houvesse a confiabilidade metodológica, tornou-se fundamental que os eixos norteadores da pesquisa fossem definidos e explicitados, delimitando o campo da investigação. Os procedimentos adotados visaram uma maior possibilidade de expressão dos sujeitos estudados, a fim de que fosse estimulado neles a produção de informações que, reunidas e articuladas com a produção teórica pudessem dar um sentido à pesquisa.

2.2.2 Sujeitos

Após a reflexão, feita anteriormente, acerca da pesquisa qualitativa de epistemologia qualitativa (GONZÁLEZ REY, 1997, 1998, 2002b, 2003a, 2003b, 2004a, 2004b), participaram desta pesquisa como sujeitos, dois clientes da pesquisadora (psicoterapeuta), um homem (Caso E.) e uma mulher (Caso K.).

Ambos já estavam em processo psicoterapêutico com a pesquisadora em seu consultório particular há mais de dois anos, o que pressupõe um vínculo psicoterapêutico necessário, neste tipo de pesquisa qualitativa. Inicialmente, os casos foram selecionados pela pesquisadora; e, num momento seguinte, os sujeitos se comprometeram a participar do trabalho.

Espera-se diante desses aspectos, a manutenção da qualidade do relacionamento pesquisador-pesquisando, tão importante e relevante, difundida por esta abordagem epistemológica qualitativa.

CAPÍTULO 3

CONSTRUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

3.1 CASO E.

...recontando sua história

E. é um rapaz de 35 anos que buscou a psicoterapia quando já iniciava um novo relacionamento afetivo, após o rompimento de seu casamento. Estava alegre com a possibilidade do novo relacionamento, porém bastante estressado com os acontecimentos advindos dos ex-cônjuges (tanto sua ex-mulher quanto o ex-marido de sua namorada), que, ainda ligados ao rompimento do casamento, sequer cogitavam a possibilidade de encontrar seus ex-parceiros em outras relações amorosas (principalmente na condição em que E. e sua namorada se encontravam: eram colegas de trabalho).

Inicialmente, este era o tema das sessões de E.:

“... ao mesmo tempo em que havia encontrado o que desejava há muito, um amor de verdade, o qual não poderia perder, estava bem próximo de um colapso, os acontecimentos ligados aos ‘ex’ quase foram o pretexto para descarregar problemas mal resolvidos ao longo de toda uma vida...”(material de redação).

Durante o processo, situações não resolvidas vieram à tona, e E., de forma bastante comprometida incorporou o processo psicoterapêutico.

Em sua constelação familiar de origem, E. é o terceiro filho, com dois irmãos mais velhos. Seu falecido pai era fiscal do trabalho e se aposentou quando E. estava na adolescência, em função de uma “psicose maníaco-depressiva” que apresentava. No mesmo ano, seu irmão mais velho, a quem apreciava como a um pai, teve “um *outra* surto esquizofrênico”, passando então a viver sob os efeitos de medicação controlada. Logo a seguir, o segundo irmão também sofre um “surto esquizofrênico”, não voltando jamais a ter com E. e

nem com a família, a mesma convivência de antes. Sua mãe, sempre muito submissa, cuidava de todos e, de maneira resignada, aceitava a forma rígida, solitária, enclausurada e triste que os três, “pai e filhos”, continuaram a viver.

Foi a partir desses episódios que E., aconselhado por um dos irmãos, procurou ajuda psicoterapêutica, na cidade em que na época residia, permanecendo em tratamento durante aproximadamente um ano:

“... foi um período de crescimento significativo, durante o qual consegui afastar-me do ambiente insalubre resultante da junção de duas pessoas doentes em casa – pai e irmão, e de outro irmão doente morando a 200 km de distância, mas sempre presente por meio de um telefonema semanal e, finalmente, de minha mãe suportando compassiva esse quadro”(material de redação).

E. passou, então, a morar fora de casa e, posteriormente, integrou um grupo de teatro, aumentando consideravelmente seu círculo de amizades.

Conheceu, nesse período, uma garota mais velha do que ele, que foi sua primeira namorada:

“... vivi o período mais tranqüilo de minha vida, apesar da minha timidez causar-me várias frustrações, em razão de não conseguir simplesmente beijar uma garota que realmente desejasse...” (material de redação).

Com o tempo, o relacionamento foi se tornando sério, e E. se sentia muito cobrado achando que deveria a tudo suportar, ficando descontente por isso. Já era estudante de Direito, nesse período, e, ao terminar o curso, prestou um concurso em Goiânia, onde veio morar então. Conheceu aqui outra garota com quem se casou e teve duas filhas, e diz que até hoje não entende o motivo “real” que o levou a se casar e ficar dez anos no relacionamento:

“... vivia segundo o ditado: se você tem um limão, tente fazer uma limonada. Entretanto, por mais açúcar e água que colocasse, nunca tive um resultado satisfatório...” (material de redação).

Na verdade, E. foi descobrindo que só estavam juntos em razão das filhas. E. sempre foi um pai muito dedicado e, preocupado com o bem-estar das filhas, manteve-se nessa relação até que elas pudessem compreender uma

separação, e até pudessem optar com relação à guarda. Atualmente, as filhas moram com a mãe, mas E. sempre manifestou o desejo de que as meninas viessem a morar definitivamente com ele, não apenas convivendo nos dias combinados.

As condições familiares e sociais vivenciadas por E., desde o início de sua vida, são fatores significativos e constitutivos da configuração subjetiva apresentada por ele. Uma identidade pessoal vai sendo formada a partir dos processos individuais em que o sujeito vai atuando, e ainda, mediante os processos sociais aos quais vai se envolvendo, atravessado por significados e sentidos tanto individuais quanto sociais. A categoria *configuração subjetiva*, proposta por González Rey (2003), é constituída pela subjetividade, que é de constituição ora individual, ora social, num desenvolvimento permanente e inter-relacional.

Embora cada membro de uma família tenha individualmente sua história, todos são também perpassados por emoções que produzem sentidos e significados vindos de outros espaços da vida social e que vão integrar essa configuração subjetiva. A família, como um espaço social de produção de sentido e significados, compartilha e produz sentido, constituindo uma subjetividade social. Assim, a patologia vivenciada no seio dessa família (Caso E.), a todos influenciou e produziu sentido, e coube a cada um assimilá-la e integrá-la, da forma possível, à sua subjetividade.

González Rey (2003, p. 202), ao introduzir a categoria *subjetividade social* esclarece que:

a subjetividade é um fenômeno individual, como um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconheçamos sua gênese histórico-social, isto é, não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma com que uma experiência atual adquire sentido e significação dentro da constituição subjetiva da história do agente de significação, que pode ser tanto social como individual.

...recebendo-o no consultório

E. buscara encontrar um profissional que o levasse aos pontos centrais de seus desequilíbrios e que não permitisse a fuga dos aspectos mais difíceis e penosos de sua existência:

“... tinha bem claro que não estava me consultando para obter um analgésico e sim por pretender fossem feitas todas as incisões que se fizesse necessário...”
(material de redação).

A relação psicoterapeuta–cliente manteve, no início, o mesmo padrão das demais relações que ele travava em sua vida, marcadas por muita racionalidade:

“... para evitar frustrações e/ou resultados desastrosos decorrentes dessa inaptidão para lidar com a sentimentalidade, sujeitei-me na maior parte de minhas relações interpessoais ao tratamento próprio dos alcoólicos, isto é, evitando o primeiro gole...” (material de redação).

Mas, aos poucos, foi deixando “a porta íntima entreaberta” para que a psicoterapeuta pudesse auxiliá-lo a abri-la.

Os primeiros encontros foram vividos com um misto de receio, apreensão, descobertas e medo do desconhecido por parte do cliente:

“... ao iniciar o tratamento, o primeiro ponto que visualizei foi que a profusão de sentimentos, relações mal-resolvidas e de fatos reprimidos formavam uma espécie de alien, alojado dentro de mim e que poderia aflorar a qualquer momento...” (material de redação).

Retomando, mais uma vez, a questão da configuração subjetiva de E., percebe-se uma cristalização quanto à forma de se relacionar e lidar com seus sentimentos, muitas vezes passando a sensação de subordinação “a algo” ou “a alguém”, não conseguindo ser dono de si mesmo, de suas emoções, não sendo ‘senhor’ de suas próprias relações interpessoais, evitando-as a fim de evitar um mal maior. No decorrer do processo psicoterapêutico, E. começa a refletir e percebe a configuração de elementos que ele mesmo sente que estão na base de seu mal-estar.

Aos poucos, a empatia, a confiança, a presença, a confirmação e demais elementos do “inter-humano” que iam se desenvolvendo na relação psicoterapeuta– cliente foram gerando o suporte necessário para uma produção de sentido diferenciada. Nas construções e reflexões do sujeito, tecidas no diálogo psicoterapêutico, novos sentidos surgiam, possibilitando ao cliente compartilhar, e, muitas vezes, fazer a escolha de permanecer, ou não, desta ou daquela forma:

“... hoje sinto que não tenho nada de tão monstruoso, ou ao menos, que sou capaz de administrar satisfatoriamente os sentimentos que tinha na conta de obscuros...” (material de redação).

Ele começa a modificar sua representação de si mesmo, que é uma importante fonte de sentido.

Como se tratava de um “estudo de caso”, e como o cenário da pesquisa era ao mesmo tempo um campo psicoterapêutico, o cuidado foi redobrado – era um *setting de pesquisa* e também um *setting legítimo e verdadeiro de tratamento*. Sem dúvida, a disponibilidade e o envolvimento do pesquisando tinha de ser o máximo, a fim de que o aspecto de “pesquisa” não viesse atrapalhar seu processo de reflexão e transformação provenientes da psicoterapia.

Consideradas suas condições, o caso E. mostrou-se interessante para a pesquisa, principalmente pelo envolvimento do pesquisando, sentido desde o início pela pesquisadora.

...refletindo sobre o caso

Com a psicoterapia, foi progredindo o nível de envolvimento reflexivo de E. com sua experiência pessoal. À medida que a psicoterapia avançava, ele se mostrava cada vez mais capaz de assumir posicionamentos em face dos diferentes eventos de sua vida, tornando-se sujeito de sua própria existência. Sua atividade reflexiva foi, aos poucos, tornando-se uma atividade de produção de

sentido e não apenas uma atividade cognitiva, intelectual, de compreensão. Isso o mobilizou integralmente de outra forma em sua vida pessoal, a ponto de permitir que superasse o medo e a angústia, com uma clareza que se manifestara em sua fala.

Um dos objetivos da psicoterapia é fomentar no sujeito o desenvolvimento da auto-regulação, a capacidade de se auto-perceber, de modificar-se, de constituir-se como sujeito de sua própria vida; de constatar, por si mesmo, se comportamentos inadequados ainda teimam em aparecer, marcando uma repetição muitas vezes não consciente e inadequada para o momento. A partir da reflexão instalada na relação psicoterapêutica, o sujeito vai-se revendo e descobrindo se realmente necessita continuar fazendo uso de determinado comportamento como algo deliberado, ou se há a possibilidade e a condição de ele mesmo ir transformando tal comportamento, a ponto de atualizá-lo, ir então construindo um novo sentido subjetivo.

E., vindo de uma família em que a maioria era constituída de homens, e tendo convivido com estes a maior parte de sua infância, somado ao fato de essas três figuras (pai e irmãos) apresentarem transtorno de humor (pai: psicose maníaco-depressiva; irmãos: esquizofrenia), acumulou, na primeira fase de sua vida, experiências e comportamentos potencialmente voltados para a inflexibilidade, rigidez, depressão e isolamento:

“... a visão que eu tinha de flexibilidade, o parâmetro, eram as pessoas da minha família, totalmente rígidos, e só de perceber que eu tinha um pouco achava que era muito; hoje percebo que muitas coisas que eram princípios, realmente não precisa se manter intocáveis, e essa escavação que a gente tem feito tenho percebido tanta coisa, que eu não preciso estar me mantendo rígido, engessado. A sensação da alegria, do prazer de descobrir, que vai de eu me livrar de um monte de coisa que tava ocupando espaço sem necessidade. Acho que peguei gosto pela coisa de procurar mais esses pontos que estavam enrijecidos e pensar mais no que preciso manter e o que dá para descartar...”
(material de sessão).

Na psicoterapia, E. começa a se perceber como sujeito de si mesmo, a separar o que é seu e o que é do outro. E., embora reconheça muitas dessas características como parte de sua subjetividade individual, reconhece, nesta, também a constituição que se origina em uma subjetividade social. Sua história, inegavelmente, passa pela história de sua família, num movimento cíclico e inter-relacionado de constituição. Refletindo e, principalmente, ativando a emocionalidade, o sujeito vai constituindo novos sentidos subjetivos que, perpassados também pelo social, representado aqui pelo *setting psicoterapêutico*, vão sendo capazes de transformar e modificar os rumos de sua vida.

E. redescobre, aos poucos, a alegria e o prazer de fazer uma “faxina interior”, descartando “o velho” e se abrindo para “o novo”, mergulhado num processo constante de reflexão ativado pela psicoterapia:

“... Mas esse é um outro aspecto que tenho me sentido mais seguro, também, esse aspecto de transição eu tinha medo, tínhamos até conversado sobre isso num outro momento, lembra? Parece que tô conseguindo colocar cada coisa no seu espaço, um monte de fantasmas que eu tinha acho que se dissiparam nessa colocação em prática” (material de sessão).

Ao falar de suas questões internas dando “voz” aos seus sentimentos e inquietações, e, principalmente, ao ser ouvido e acolhido em seus temores mais profundos, E. vai conseguindo desmistificar aspectos que até então não podiam sequer ser pensados (compartilhados, então! – impossível!). Com isso, foi-se tornando aberto à possibilidade de novas opções, de novos rumos para sua vida.

E. estende essas mudanças à sua relação com a namorada:

“... até para falar me sinto mais tranquilo. Me sinto bem em conseguir, como é mesmo que você costuma dizer, reconfigurar. O mais importante no nosso processo, ver a possibilidade de se atualizar é bom, não preciso ficar fazendo as coisas que fiz a dois anos atrás, essas mudanças que a gente vai passando (E. e sua namorada), temos tido segurança nelas...” (material de sessão)

O depoimento de E. confirma, assim, o processo de “totalidade” que representa a psicoterapia, em que o ser humano, ao se deixar tocar pelas transformações em determinada região de seu campo pessoal, descobre que outras áreas vão também se reconfigurando, mesmo que estas não estejam no foco da mudança.

As transformações na vida do sujeito vão acontecendo quando este se sente mais seguro e confirmado por si mesmo e/ou pelos outros. E, para tanto, a presença da dimensão “dialógica” na relação psicoterapêutica é condição *sine qua non* para que o sujeito consiga compartilhar:

“... para mim era difícil abrir esses momentos estanques. Agora, tendo sido feito de forma gradual, estamos sentindo mais os momentos (E. e sua namorada) sabendo distinguir os momentos de privacidade e os momentos de todos juntos. Tinha medo de ser invadido e na verdade estamos é ganhando com essas novas possibilidades que estão se abrindo. Mais ou menos como um quebra-cabeça, as coisas se encaixam e avançam mais...” (material de sessão).

E. começa a repensar os próprios limites, reorganizando o campo através da hierarquização das prioridades e dando seqüência à realização dos sonhos e objetivos sem se perder na falta de autonomia ou no poder advindo muitas vezes das relações:

“... o mais importante foi o fato de eu estar colocando um limite para mim, eu sempre ia abrindo exceções, hoje não, já estou colocando em prática esses limites...” (material de sessão).

E. utilizou a reflexão, na psicoterapia, como uma via para realmente transcender os espaços de conflito que estavam instalados em sua vida:

“... volta e meia eu pensava em meio aos meus estudos que moral eu tenho diante dos estudos se eu não consigo mudar aqui, meu casamento. Na época não teria sido bom, não teria aproveitado. Daria para ter aproveitado melhor o tempo, mas não teria sido bom, sem ter resolvido o campo pessoal, afetivo – não teria acrescentado no meu campo profissional. Hoje conforme vou sedimentando e tendo mais certeza do que quero fazer, tenho me sentido um pouco triste, não basta só eu querer, ter consciência, vai demorar um ano ou

dois para eu conseguir. E esse desejo misturado a essa demora, às vezes fico aborrecido” (material de sessão).

Ele vai assumindo posições nas diferentes áreas de sua vida, defendendo seus próprios espaços, sem abrir mão deles:

“... com isso acabei decidindo por estudar para Concurso. O essencial para mim dessa conversa é que enquanto eu estiver lá, sinto que tô conseguindo pôr um limite para mim mesmo, consegui colocar para mim uma meta, um foco. Tinha muitas vontades, mas nada estava muito claro, ao falar disso, conversar com as pessoas as coisas estão se definindo. Tem sido bom, tenho me sentido mais seguro. O fato de ter essa conversa com o Juiz serviu para eu poder delimitar, eu conseguir colocar esse limite...” (material de sessão).

Sua determinação de defender seus espaços bem explicitada na forma como conversa com seu chefe.

... repensando o caso

No decorrer das sessões, ao refletir sobre elas e em contato direto com a teoria que norteava essas reflexões, o caso foi-se configurando de tal modo que alguns eixos de significação destacaram-se: a marcante influência familiar na configuração subjetiva de E.; a insatisfação profissional e a acomodação a uma situação financeira cômoda, e de certa maneira estável, visto que o desprazer e o contínuo incômodo na realização das tarefas tornava-se constante; o crescimento das filhas obrigando-o a atualizar-se em seus métodos de convivência e educação com elas e, por fim, a relação afetiva, despertando a vontade e a possibilidade de viver uma relação “nova”, fora dos padrões estabelecidos e já experienciados por ele no casamento como filhos, coabitação, etc.

Para E., a psicoterapia tem sido vivenciada e experienciada com muito cuidado e expectativa:

“... na medida em que as sessões foram sucedendo, comecei a descortinar que a maior fonte de aflição residia na incapacidade de lidar com os componentes de meu ser, em razão de temer que por detrás de cada um deles se escondesse

algo terrível que, uma vez descoberto, seria minha caixa de pandora particular...” (material de redação).

E esse medo foi-se transformando, à medida que E. sentia-se mais seguro e tranqüilo para se expressar e agir conforme uma nova forma que começava a surgir – uma nova configuração:

“... mais que absolvição, a terapia me trouxe a possibilidade de, além de conseguir enxergar o bom e o mal que coexistem em mim, sem ser ofuscado por qualquer um deles, conseguir integrá-los e utilizá-los em meu favor. Eles já não são estranhos para mim e, por isso, por fazer parte da minha experiência, ajudam-me a superar os limites que eu tinha me imposto para garantir aquilo que considerava como equilíbrio e normalidade” (material de redação).

3.2 - CASO K.

... recontando sua história

K. é uma jovem de 25 anos que veio à psicoterapia encaminhada por uma colega de faculdade, que, muito sensibilizada por sua história de vida e preocupada com seu estado psicológico na época, sentia que ela precisava de ajuda profissional e incentivou a busca de tal auxílio.

Nascida no interior do Tocantins, K. era a primogênita e, segundo seu relato, seu pai e sua mãe viviam juntos, se gostavam, mas brigavam bastante – mais tarde K. veio a saber que eles se uniram em função da gravidez de K., mas não eram casados. Essa união não era aprovada pela família de seu pai, e este já havia tido um outro filho anteriormente.

Desde bem pequena, K. sentia-se “estranha”, se achava feia e não se julgava meiga como deveria ser:

“... sentia que não agradava de alguma forma, nem em casa, nem na escola... parecia que estava sempre atrás de algo que faltava, como se eu não estivesse no lugar certo, ou estivesse vivendo de maneira errada...” (material de redação).

Além da união dos pais, outro fator que a incomodava era a reclamação constante da mãe por não terem casa própria, sendo que o pai de K., um engenheiro agrônomo, possuía uma enorme fazenda e gados, e ainda gerenciava, como filho mais velho, o patrimônio de sua família.

De acordo com K., seu pai era uma pessoa muito culta e tranqüila, relacionando-se melhor com ele. Já sua mãe, uma enfermeira, era uma pessoa muito simples e expansiva, bem diferente de K., e por vezes colocava K. em situações de constrangimento:

“... eu sabia que ela me amava, mas às vezes achava que ela não se agradava de mim.” (material de redação).

Os pais são figuras primárias e relevantes no processo de produção de sentido subjetivo para um filho. Trabalhando especificamente o caso K., percebe-se, que tanto seu pai como sua mãe, foram personas significativas para seu desenvolvimento, embora cada um tenha contribuído de forma única para seu processo de configuração subjetiva. A colocação anterior de K. e outros momentos por ela referidos em seu material empírico mostram que o relacionamento afetivo, especialmente com sua mãe, influenciou sua produção de sentidos subjetivos. É importante destacar que o relacionamento afetivo com a mãe ou com pessoas íntimas, mesmo que se tenha consciência, tem efeitos impossíveis de se mensurar sobre o processo de produção de sentido subjetivo, pois é produtor de uma emocionalidade que vai além da capacidade de regulação da criança.

Quando estava com cinco anos de idade, nasceu sua irmã:

“... a presença dela melhorou um pouco as coisas, como se o seu nascimento tornasse a nossa família mais sólida...” (material de redação).

Teve uma infância “boa”, tinha muitos amigos e se dava bem na escola. Guarda na lembrança, com nitidez e clareza, vários momentos saudosos e significativos desse tempo. Entre eles, recorda-se de seu pai contando, orgulhoso, sobre a escolha de seu nome e sobre seu significado.

Porém relata que quando tudo parecia estar melhorando, justamente no ano em que haviam se mudado para a casa que seu pai construía, e que iriam fazer uma viagem no fim do ano, seus pais e sua irmã sofreram um terrível acidente de automóvel, fatal para seu pai e mãe:

“... Nossa! Agora minha vida tinha virado de cabeça para baixo mesmo... mudei de cidade, de casa, fiquei sem os meus amigos, sem a minha rua, sem dinheiro, sem meus pais, e com a minha irmã entre a vida e a morte...”
(material de redação).

Como K. era muito católica e vinha adiando uma confissão havia alguns meses, começou a imaginar que tudo havia acontecido por culpa sua, como um castigo.

K. estava com onze anos quando seus pais morreram e teve que sair de sua cidade, mudando sua vida totalmente a partir daí. Foi acolhida pela avó paterna e passou a morar, juntamente com sua irmã, no interior de Minas Gerais, em meio à família de seu pai:

“... foi horrível, lá não era como eu imaginava, as pessoas da minha família que moravam lá eram muito bonitas e chiques... achei que tinha perdido meus pais, mas que mudando prá Minas, que era quase uma Europa no meu pensamento, iria ganhar muito. Mas as coisas novas que encontrei não eram nada boas...” (material de redação).

Como seu pai era quem administrava os bens de herança da família, tiveram vários problemas com o inventário:

“... e os meus tios deixaram isso prá que eu e minha irmã resolvêssemos quando maiores, e nós ficamos sem dinheiro, vivendo com muitas limitações...” (material de redação).

Passaram a viver uma vida bem modesta, e K. teve que se contentar em estudar numa escola pública, interrompendo as demais atividades que freqüentava como dança, inglês e outras. Entendia que a avó gostava das netas, mas não sentia isso na prática; na falta do pai de K., a família toda começou a passar por sérias dificuldades financeiras e outras, e ela se sentia bastante culpada por tudo:

“... fiquei muito sozinha... e imagino que a minha irmã não tenha sofrido tanto com isso, ela era bem criança e não se lembrava de tanta coisa assim, e... ela era bonitinha e as pessoas tinham um xodó por ela, talvez até por ela ter se machucado muito no acidente...”(material de redação).

Estava entrando na adolescência e com isso todas as transformações da idade, surgindo vários questionamentos, sonhos, dúvidas, e cada vez mais se sentia só, feia, humilhada e com muita saudade de seus pais, sua casa, suas coisas, sua vida. Percebe-se que nesta produção de sentido, na realidade, as emoções relacionadas a ser feia e sentir-se humilhada, já haviam sido sentidas por K. em sua relação com sua mãe. Desse modo, enfatiza-se que os sentidos subjetivos vão sendo produzidos e se estendem como uma teia pelo processo de subjetivação do sujeito.

Mais tarde, K. e sua irmã vieram para Goiânia com a avó, e uma tia passou a morar com elas, dividindo com a avó a criação das meninas:

“... meu relacionamento com a tia W. era péssimo, ela não gostava de mim, ou fazia questão de não gostar... hoje entendo que talvez não fosse bem isso, ela estava num período difícil também... acho que ela tinha o direito de não querer ser nossa mãe, só não tinha o direito de deixar isso claro com tanta crueldade como fazia, afinal, eu não era culpada, ninguém era, mas entendo o lado dela...” (material de redação).

Com o tempo, a situação foi-se ajeitando e K. percebia que entre a tia e sua irmã existiam muitas afinidades:

“... e não ver a minha irmã sofrendo, já ajudava bastante... mas comigo era diferente, a gente não se esbarrava mesmo...” (material de redação).

Diante de tantas dificuldades e sentindo-se profundamente sozinha, K. fez então um *“pacto com Deus”*, iria aceitar tudo que lhe estava acontecendo sem perder as esperanças, pois tinha a certeza de que, se estudasse e se tornasse independente, poderia modificar tudo isso:

“... às vezes eu pensava que da mesma forma que tinha acontecido algo muito ruim na minha vida, iria acontecer algo muito bom que colocaria tudo

novamente no lugar... eu ficaria rica, linda e amada num passe de mágica! E com isso fui sobrevivendo...” (material de redação).

K. não deixava de sofrer e chorar sempre, mas, confiando nesse “pacto”, acreditava que ia dar a volta por cima.

Nesse ponto, vê-se nitidamente um processo de produção de sentido muito interessante em que se misturaram a fantasia e a religiosidade, que foram capazes de permitir que K. seguisse adiante naquele momento em seu processo de desenvolvimento. Percebe-se também a articulação da subjetividade individual e da subjetividade social produzidas com a participação de K. nesta “nova” família com tantas dificuldades. A situação permanecia a mesma:

“... a minha felicidade não chegava nunca... sem contar que as coisas passaram a só acontecer no sufoco!” (material de redação).

Tudo de positivo que acontecia a K. chegava depois de muito sofrimento e quando os resultados já não faziam mais o mesmo sentido: passou no vestibular da UFG para Direito depois de ter sido reprovada numa primeira tentativa e ter de fazer cursinho, gastando um dinheiro com que poderia ter comprado um carro, quando fez dezoito anos. E esse dinheiro só chegou às mãos de K. depois de estar terminando o 2º grau numa escola pública: era a pensão de sua mãe que havia sido deferida, mas levou bastante tempo até que fosse liberada.

Nada parecia dar certo na vida de K.:

“...com isso a sensação de que alguma coisa estava errada voltou muito forte.....comecei a ficar impaciente porque tudo estava demorando muito a acontecer....o vestibular não mudou isso, o melhor estágio que eu podia fazer também não mudou, o emprego que consegui..., e com o tempo comecei a achar que tudo estava perdido.....”(material de redação).

K. tinha vários sonhos, como ter um namorado e constituir família, comprar um carro, conseguir acabar o inventário de seu pai e recuperar suas posses, ter um bom emprego, sua própria casa, ser bonita, culta e magra, enfim, necessidades que, se atendidas, K. poderia voltar a ser feliz. Mas tudo isso parecia distante para K., quase impossível.

Sem dúvida, os primeiros anos de K. foram vivenciados e constituídos por emoções muito fortes com a perda de seus pais, sua casa, sua cidade, sua escola, seus amigos, enfim, um mundo subjetivo que havia se configurado a partir de valores, crenças, cultura, seu meio familiar e social, e que durante certo tempo caracterizaram e nortearam a vida de K. De repente, ela se viu sem todo esse aparato, apenas carregando consigo sua irmã entre “a vida e a morte”, as lembranças de tempos difíceis, porém alegres, com a sua família e amigos, suas emoções, suas dores, suas crenças, seus sonhos, sua vida... Tudo aquilo que algum dia lhe pertencera e havia produzido sentido em seu viver, foi deixado para trás abruptamente, sem condições de escolha ou sequer de esperança de um dia retornar a ter.

...recebendo-a no consultório

K. cursava o último ano de faculdade, quando uma colega sua, cliente da psicoterapeuta a época, apresentou-lhe sua história manifestando o desejo de fazer algo pela amiga, que se encontrava muito deprimida. Pediu a psicoterapeuta que a atendesse, oferecendo-se, para arcar com a parte financeira do tratamento. A psicoterapeuta não interpôs, de início, objeções, desde que K. assim o quisesse, mas, já na sessão inicial, percebeu que o “fator financeiro” era algo muito importante e significativo em toda a história de K.. Era uma garota a quem a vida muito havia dado, porém a própria vida havia-lhe tirado muito também. Por isso, sentia-se inferiorizada e bastante complexada diante de tudo que lhe vinha acontecendo. Seu sofrimento estava estampado em sua fala, seus gestos, sua desesperança, em sua vontade de morrer: havia uma necessidade premente de ser ouvida e compreendida por alguém, sem censuras ou julgamentos *a priori*. K. precisava ser acolhida e aceita em suas mais “absurdas” necessidades (era assim que os outros as julgavam).

Como K. já estava trabalhando, mesmo ganhando pouco, percebeu que seria extremamente psicoterapêutico que arcasse com o compromisso financeiro

de suas sessões, e então foi combinado, de início, um valor simbólico possível para K.; e, no curso dos acontecimentos, esse contrato foi sendo revisto. A questão financeira, desde o começo do trabalho foi muito relevante para K., acostumada a sempre não ter o direito de realizar o que gostaria, quando isso envolvia dinheiro, agarrou-se a esta oportunidade cheia de motivação e entusiasmo:

“... pra mim a terapia é fundamental, não sei dizer se o fato de ela ter sido a primeira das conquistas com as quais eu sempre sonhei, dentre elas o meu carro e o curso de inglês, faça com que eu sempre a tenha visto com bons olhos. Na realidade, ter a chance de fazer terapia pra mim foi como um presente, uma coisa que eu pedia pra Deus por achar que seria bom. Então, pode ser que essa minha predisposição tenha feito as coisas darem certo...”.(material de redação).

A necessidade de “estar com” alguém, poder revelar suas aflições e não sofrer preconceitos fez com que K. fosse se abrindo aos poucos e confiando seu mundo subjetivo à psicoterapeuta, que, com bastante cuidado, atenção, presença, empatia, inclusão e outros elementos do inter-humano, buscava estabelecer a relação de confiança e segurança relevante para o desenvolvimento deste processo.

“... na terapia é diferente, eu confio na minha terapeuta hoje porque sei o quanto ela me conhece, e conhece a verdade mais sincera sobre mim. Acredito na nossa relação porque apesar de não sermos pessoas “amigas”, essa relação não tem os vícios de uma amizade comum”.(material de redação).

Por várias vezes K. sentia-se desanimada e temia que a psicoterapeuta desistisse do seu caso, pois julgava-o muito complexo em função de tantas marcas ao longo de sua vida. K. acreditava “na sinceridade e seriedade como os pilares da psicoterapia”:

“... confiei em trazer o passado porque ela não me conhecia, não poderia ter preconceitos sobre mim. Só isso me fez acreditar que ela poderia me ajudar. Isso, e saber que aquilo era palpável, real e não como as paixões de

amigos e parentes, que são sinceras, mas muitas vezes se perdem no meio de compromissos, opiniões egoístas, etc.” (material de redação).

Dessa forma, a relação psicoterapeuta – cliente foi-se configurando, permitindo que K. exercitasse o compartilhamento de suas vivências, sem se preocupar com julgamentos e avaliações, ansiando eventualmente pelo encontro:

“...é muito bom poder guardar certos acontecimentos e sensações pra expor só nesse momento e analisar o que houve, vendo os pontos positivos e negativos, com alguém que só está levando em consideração as minhas confidências já feitas anteriormente, e que eu sei que são verdadeiras... mas que não está me julgando por ela mesma ou pela impressão que teve de mim em uma outra ocasião qualquer, o que ocorre normalmente quando conversamos com amigos e familiares...”. (material de redação).

Dadas as particularidades do caso K., o efetivo envolvimento e seriedade com que encara o tratamento e os conteúdos trazidos às sessões, seu caso foi selecionado como sendo bastante apropriado ao estudo proposto.

...refletindo sobre o caso

A psicoterapia veio trazer para K. novas esperanças de se compreender, de não se sentir extremamente só, de poder dividir com uma pessoa alheia ao seu círculo familiar e social toda a sua história:

“... no meu caso, que precisava rever todo o conceito de mim mesma em razão das carências e perdas que acumulei durante a minha vida, essa “re-introdução” no mundo através da orientação de alguém de “fora” da minha vida, sem uma concepção pré-formada sobre mim, era, e ainda é indispensável”. (material de redação).

Através do diálogo estabelecido na relação psicoterapêutica, o cliente vai aos poucos revendo suas relações consigo, com o outro e com o mundo, percorrendo sua trajetória de vida e trabalhando conteúdos, a fim de atualizá-los no “aqui-e-agora”, produzindo novos sentidos subjetivos, e sendo capaz de reconfigurar sua subjetividade.

K. nomeou os encontros das sessões de psicoterapia de *“um diário que conversa com a gente e ajuda a entender as coisas”*. Ao espaço da psicoterapia tem trazido temas que manteve guardados por tempos e jamais foram compreendidos por outras pessoas, em razão de um motivo ou de outro, e que assim poderiam permanecer não fosse a oportunidade de compartilhá-los com alguém “fora” do seu mundo:

“Ainda não entendo muitas coisas que acontecem e não é possível parar de sofrer diante do que faz sofrer. Mas tenho consciência de mim. Não mais um ser perdido a mercê do sofrimento. Sou uma pessoa consciente das próprias carências que, dentre outras coisas, sofre como a grande maioria das pessoas”. (material de redação).

K. vem experienciando momentos de ‘tomada de consciência’, em que tem conquistado o direito de fazer escolhas e se responsabilizar pelas conseqüências, em pleno exercício da condição de ser sujeito:

“... quero ser senhora de mim tanto nas coisas boas quanto nas ruins”. (material de sessão).

Em razão das ‘grandes perdas’, K. refere-se a ‘grandes vazios’ que possui, e relata que acontecimentos e fases ruins conduziram-na a ‘buracos’ dos quais não teria tido condições de sair se não tivesse buscado ajuda:

“... a terapia me ajudou a preencher os meus ‘buracos’ com o que havia de melhor em mim”. (material de redação).

Sem dúvida, a psicoterapia é um processo capaz de proporcionar ao sujeito reflexões e mudanças de comportamento. No entanto, no caso específico de K., é preciso destacar a disposição, o comprometimento, com que desde o princípio ela se dedicou (e ainda se dedica) ao seu processo de busca, de questionamentos, e reconfiguração de sua subjetividade.

“... Não saberia dizer se sofro menos por fazer terapia. Acho que não. As fases ruins continuam sendo ruins. A diferença é que essas mesmas fases passam a ter um sentido, porque já consigo fazer relações entre elas, ligá-las a outras e, principalmente, contorná-las”. (material de redação).

O cenário psicoterápico estabelecido (relação psicoterapeuta–cliente) passa a influenciar a produção de sentido subjetivo na configuração de K.. Como a subjetividade individual é constituída também pela subjetividade social, ao mesmo tempo em que a constitui num movimento contínuo e dinâmico, trata-se aqui da questão de a psicoterapia ser um cenário social produtor de sentido subjetivo: o psicoterapeuta – como um ente individual e também social – relaciona-se com o cliente – como um ente também individual e social – e vice-versa, numa inter-relação permeada pela emocionalidade, fazendo emergir novas configurações subjetivas.

Outro aspecto a se destacar no caso K. é a religiosidade que permeia sua configuração subjetiva desde o princípio de sua vida. K. relata que, antes do acidente que vitimou sua família, sentiu necessidade de se confessar, porém não o fez; diante da notícia da morte de seus pais, passou a acreditar que deus punira-a por não haver feito a confissão:

“... imaginava que aquilo tudo poderia ser culpa minha, como um castigo”.
(material de redação).

E é assim que K. mantém sua relação com deus, ora se desesperando e não mais confiando no seu poder, ora agradecendo e reconhecendo a presença dele em sua vida.

Por vezes, os seres humanos têm necessidade de acreditar na existência de uma força superior, sendo essa energia representada pela divindade. Geralmente, em circunstâncias de dificuldades, desesperança e dor, tende a manifestar-se ou acentuar-se, quando acometidos por situações que o tornam impotentes. Esse sentimento identificado como ‘fé’ está contido nos valores e crenças da humanidade, faz parte da história do homem, perpassando gerações. E, como tal, deve ser respeitado e considerado pelo pesquisador. Sendo este também um ser humano, movido pela preocupação de colaborar com o desenvolvimento humano, deve buscar para si o entendimento e o reconhecimento da

manifestação desse fenômeno em sua vida, através de suas reflexões, e assim estará próximo das condições de compreender melhor a necessidade do cliente.

K., em seus momentos de descrença, desafia ‘os porquês’ de seus sofrimentos e chega a avaliar que tem vivido conforme a crença em seus princípios religiosos, mas que deus parece não enxergar que ela tem feito sua parte. Diante disso, sente por vezes vontade de atentar contra si mesma, julgando não adiantar nada “aos olhos de Deus” a maneira como leva a vida. Tem buscado refletir bastante sobre suas responsabilidades, mas percebe-se uma alternância dessa reflexão com a questão da crença (fé) e a fantasia:

“Com esse tratamento, eu fui começando a entender que as coisas poderiam ser um pouco diferentes, mas o que ainda continuava me sustentando era o fato de, lá no fundo, ainda acreditar que aconteceria um milagre que mudaria tudo. Muita coisa boa teria que acontecer para eu poder ser feliz e só um milagre teria como resolver tudo a tempo.” (material de redação).

Não obstante a crença na divindade, K., por diversas vezes, apresenta, como mostra o material empírico (que é um recorte de seu processo psicoterápico) momentos de profunda tristeza, conjugada à vontade de morrer, que chegam a apontar para um diagnóstico clínico de depressão:

“... não tenho coragem de me matar, mas queria me deixar morrer, assim talvez eu morresse logo, não tem nada que vai me fazer conseguir o que eu quero, eu tenho medo que não dê certo...”. (material de sessão).

Embora ainda lutando por seus ideais, K. aparece desanimada diante dos contínuos acontecimentos em sua vida:

“... é incrível como eu perdi as esperanças, a força, parece que não acredito mais em nada, nas pessoas, mas o que eu queria mesmo era não ter que tentar ficar quieta no meu canto, acho que nunca mais vou acreditar nas coisas como eu acreditava, parece que nunca mais vou ter momentos felizes...”. (material de sessão).

Durante seu processo psicoterápico, tentativas de envolvimento da família no tratamento de K. foram feitas, principalmente conversas com sua tia W., figura significativa em sua história, mas esta se mostrou distante e incrédula

com relação ao sofrimento de K., apesar de, em sua fala, haver se apresentado como disponível para o que fosse preciso. Com o andamento das sessões, diante do aumento progressivo de seus mal-estares, foi proposto a K. que fizesse uma avaliação médica e, caso este julgasse necessário, tomasse algum medicamento:

“Remédio eu não quero tomar, eu não acredito mais que as coisas podem mudar. Não tenho nenhuma pessoa no mundo por mim... acho que quem teria que sentir isso por mim seria minha tia, avó e irmã, e elas não sentem. Amigo é amigo.” (material de sessão).

Começou, então, a fazer uso do medicamento sob orientação médica em função do diagnóstico de depressão orgânica, e ‘coincidentemente’, na mesma época, situações relevantes que emperravam sua vida foram-se resolvendo, como o inventário de seu pai, a aprovação num concurso interno, que lhe assegurava certa estabilidade no emprego e outros. K. conseguiu falar disso com sua família:

“... Não quero que ninguém saiba que eu estou fazendo essas coisas (buscando psiquiatra e tomando remédio), eu acho que nunca mais vou achar bom estar viva, contei por alto prá minha irmã, prá minha prima, mas não fez diferença nenhuma compartilhar com elas...”. (material de sessão).

Devagar o bom-humor, a disposição e a capacidade de batalhar pela vida foram aumentando:

“... junto com o remédio muita coisa veio,... mas principalmente uma paz que eu não tinha há muito tempo”. (material de redação).

Com isso, K. tem-se fortalecido para prosseguir em seu processo de reconfiguração subjetiva. E todos esses acontecimentos articulam-se e vêm-se somar a sua subjetividade, produzindo novos sentidos.

Outro aspecto importante e significativo na vida de K. tem sido a sua dificuldade em se relacionar afetivamente com rapazes. Sonha casar-se, ter filhos, constituir família, mas não consegue ir adiante em seus namoros, ou melhor, nem chega a iniciar um relacionamento. Não compreende a razão por que os rapazes pelos quais se interessa nunca a querem, e vice-versa, apenas se

aproximam dela aqueles por quem não sente a mínima atração. K. tem bem definido para si o tipo de relacionamento afetivo que quer ter, sem traições, com amor, carinho, companheirismo e sexo apenas depois de se conhecerem bastante, e se sentir apaixonada.

“... se eu for namorar com ele, acho que vai ser uma ótima pessoa pra começar... só que assim Merissa, pra eu namorar com o R. eu acho que a gente tem que sair mais mesmo, conversar mais assim, porque eu não gosto dele o suficiente prá namorar, prá dormir com ele assim, eu tenho que ficar gostando mais dele, sabe, eu gosto dele, mas só com o tanto que eu gosto dele não dá prá namorar ainda....” (material de sessão).

Porém, quando percebe que o interesse maior é sexual, ou mesmo que, por outro motivo qualquer, o rapaz não chega a namorá-la, K. vai ‘ao fundo do poço’, sente-se rejeitada, feia, estranha, insuficiente e volta a se rebelar contra deus e a vida. Questiona que se não é para dar certo, então por que Deus permite que apareça o rapaz em seu caminho:

“Acontece que eu quero namorar, entende?, eu quero uma pessoa que queira namorar comigo, eu não quero transar com o R. num segundo encontro, não é isso... pois é, eu quero começar a namorar, sabe, e aí transar com meu namorado e depois pode até terminar, aí, se não gostar mais de mim, pronto, mas eu quero namorar, entende?, não é transar no primeiro encontro”. (material de sessão).

E este ponto tem sido nos últimos tempos, a questão mais recorrente e refletida no ‘setting psicoterápico’, tamanha profusão de sentimentos e emoções mobilizadas a partir dos conteúdos envolvidos com este tema.

...repensando o caso

Ainda em contato com o material empírico e com as impressões emocionais da relação da psicoterapeuta-pesquisadora com a cliente, eixos temáticos foram-se delineando e construídos, para uma melhor compreensão do caso: a influência da perda dos pais e tudo o que isso representa na configuração subjetiva de K.; a relação psicoterapêutica como produtora de novos sentidos

subjetivos; religiosidade numa interconexão entre subjetividade social e subjetividade individual presente em sua vida; a tristeza e a depressão que a acompanhavam conjugadas à vontade de morrer, revelando a luta do ser sujeito frente às situações cotidianas que se impõe a ela como dificuldades; e finalmente, a dificuldade em relacionar-se afetivamente exigindo dela novamente a luta do sujeito que se tensiona frente aos impactos que a vida proporciona.

K. tem-se disposto a mergulhar profundamente em suas dores e dificuldades, e a psicoterapia surgiu como um meio de auxiliá-la nesse processo, tendo a certeza que aí não estaria mais só. Tem sido um trabalho árduo e, por vezes, muito dolorido. Mas, a cada vitória, sente-se encorajada, confirmada e acompanhada, dispondo-se a prosseguir em sua jornada:

“... a terapia me ajuda a ver o que é realmente meu dentro das minhas vitórias, derrotas e decisões, e guardar isso pra mim, expondo apenas o produto de todas essas coisas nas minhas relações. Eu ainda choro, rio, converso, debato e peço opiniões as minhas amigas e aos meus familiares, mas tenho as minhas próprias conclusões e vivo por elas. Sou mais feliz assim”.

K. tem procurado reconhecer suas limitações e expandir-se, na medida do possível. Almeja um ‘lugar ao sol’, tranqüilidade financeira, estabilidade emocional e profissional, e a recuperação do ‘tempo perdido’ com a constituição de uma nova família para si:

“... eu acho que eu tenho obrigação por tudo que eu recebi, pelo meu pai, pela minha mãe, não quero ficar medíocre, por medo de ficar só, de não casar, de passar dificuldade. Acho que mereço passar (concurso), tenho todo direito de tentar. Se a vida tiver me dando os instrumentos, acho que tenho que tentar, é isso, tô determinada. Não quero mais ficar dispondo do meu corpo, da minha cabeça, da minha energia, com coisas que não compensam. Quero conseguir não deixar nada me abater – quero viver mais leve, tô te falando isso desde o início do ano. Quero amadurecer, deixando de ser infantil, tenho que fazer minha parte, só assim vou subir os degraus, ficar feliz, só assim vou deixar de

estar com tudo ao meu favor e me permitir receber isso...". (material de sessão).

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício da prática psicoterápica constitui uma forma singular de interação humana e propicia experiências fecundas acerca da dimensão do esforço do sujeito em busca de mudanças. Estas só se fazem significativas quando vivenciadas emocionalmente, pois, do contrário, têm-se apenas mudanças comportamentais, intelectuais.

A teoria da subjetividade proposta e desenvolvida por González Rey logra trazer à tona o sujeito-emoção e tem trazido grandes contribuições para estudos no campo da psicologia. O resgate da categoria sujeito em uma amplitude maior possibilita compreender mudanças emocionais significativas, como as que o sujeito pode empreender em sua vida a partir da relação psicoterapêutica.

Tradicionalmente, a subjetividade era considerada apenas em sua dimensão interna. Porém, nesta perspectiva teórica, ela se manifesta concomitantemente no nível individual e no social. A partir do desenvolvimento da categoria subjetividade, a compreensão da sociedade como um macrossistema, constituído por sujeitos com subjetividades individuais e que constituem uma subjetividade social, também foi ampliada.

No entanto, essa mesma sociedade, cujo funcionamento é melhor compreendido à luz dessa teoria, tem gerado uma subjetividade social capaz de excluir o sujeito. Por ser potencialmente ‘subversivo’, ‘revolucionário’, convém à sociedade mantê-lo numa condição alienante, submissa, ausente, pois, se assume posições, reivindica, o sujeito pode desestruturar todo um sistema em funcionamento, desenvolvido histórica e culturalmente para que alguns possam deter o poder, o controle, e outros apenas executar tarefas sem pensar e questionar. Daí o caráter também revolucionário dessa teoria, que chama a atenção para as potencialidades do sujeito a partir da sua emoção.

A psicoterapia, nesse ponto, representa um cenário no qual o sujeito busca estabelecer uma relação que poderá promovê-lo, ativar sua capacidade de reflexão, sua consciência do poder de transformação inerente a todo ser humano. Como, muitas vezes, as demandas do mundo, da sociedade e mesmo as demandas internas do ser interrompem o fluxo dessas potencialidades humanas, desequilibrando o sujeito, a psicoterapia propõe-se a restaurá-lo.

Em ambos os casos pesquisados no presente trabalho, percebem-se momentos em que os sujeitos rendem-se aos clamores da sociedade, do outro, e relegam a si próprios, cedendo à tentação de corresponder aos chamados e abafando necessidades e sonhos pessoais. Porém, à medida que o diálogo psicoterapêutico vai-se estendendo, a condição de ser sujeito vai sendo restaurada e fortalecida.

No caso E., isso é demonstrado nas situações, por exemplo, em que E., num estado de conflito profissional intenso, sente vontade de realizar outros trabalhos, mas não consegue superar a dificuldade de propor uma carga horária menor para seu chefe, ou mesmo lidar com a possibilidade de afastar-se do cargo que ocupa. As circunstâncias que o envolvem preponderam, em face de sua necessidade de auto-realização, sobrepondo-se à sua vontade, e envolvendo-o cada vez mais na teia das influências sociais. Porém, mais adiante, estando E. em contato com suas necessidades e emoções, e refletindo sobre as possibilidades, vai-se dando conta de que é possível negociar, consigo mesmo e com o mundo, uma forma alternativa de viver seu lado profissional.

No caso K., algumas situações ilustram bem esses momentos em que ela se deixa invadir pelos outros, não impondo limites, nem mesmo reconhecendo-os. Auxiliada pelo processo psicoterapêutico, consegue enxergar as situações de outra maneira, colocando-se em foco na relação com as outras pessoas, de uma forma igual, com defeitos, carências, falhas, culpas. K. vai tomando consciência de que, como todo mundo, tem direitos e deveres, e merece ser feliz tanto quanto qualquer outra pessoa. Permitir-se tem sido sua 'palavra de ordem'.

O material empírico demonstra o quanto tem sido significativo para K. e E. o fato de terem criado um momento dedicado à reflexão sobre suas inquietações e angústias. K. encontra no espaço psicoterapêutico um ambiente que considera ímpar, e chega a sentir-se extremamente ameaçada, quando surge uma possibilidade de ter de dividi-lo com uma prima.

Desenvolver um espaço em que o sujeito possa compartilhar seu mundo subjetivo não decorre de uma atitude meramente científica. É, antes, uma ‘arte’. Respeitar e reconhecer, psicoterapeuta e cliente, a limitação de cada sujeito, pode significar a possibilidade da verdadeira transformação. É preciso reconhecer o outro, acreditar nas potencialidades que cada qual possui, para que o sentido subjetivo produzido no curso de suas histórias de vida possa ser reconstruído.

E é assim que E. tem caminhado em sua experiência no processo psicoterapêutico. Além de se permitir compartilhar e vasculhar suas situações internas, vai-se colocando perante elas e o mundo, em seu tempo, numa nova perspectiva, produzindo novos sentidos subjetivos que, ativados pela emocionalidade, resultam em novos comportamentos, sentimentos e atitudes.

É certo que não é objetivo da psicoterapia elevar o homem à perfeição ou libertá-lo de todos os seus problemas. No entanto, acima de tudo, intenta contribuir para que o sujeito alcance uma maior consciência de si e do mundo. E, na medida do possível, busca estimular o sujeito para que este se faça ‘senhor de si mesmo’ em suas atitudes, relações, necessidades.

Este trabalho objetivou despertar a reflexão acerca do *setting* psicoterapêutico como um cenário social de produção de sentido. O registro sistemático e a análise das sessões, nos casos E. e K., possibilitaram uma compreensão mais clara da influência do processo psicoterapêutico na vida e no funcionamento de cada indivíduo.

A produção de sentido inerente à psicoterapia é perpassada e constituída tanto pela subjetividade individual quanto pela social. O cliente vem para o

setting psicoterapêutico trazendo consigo a trama de suas relações com o outro e com o mundo, e ainda seus conflitos internos. Ao chegar, encontra, na figura do psicoterapeuta, um ser igualmente constituído por uma individualidade e perpassado pela subjetividade social. Portanto, instaura-se um inter-relacionamento de subjetividades, que, por conseguinte, vão-se reconfigurando e constituindo novos sentidos subjetivos.

O cenário constituído pela psicoterapia mostrou-se um privilegiado campo em potencial para pesquisas, como esta, sobre o desenvolvimento humano, bem como sobre os múltiplos aspectos implicados nesse processo. A fim de aprofundar mais essas questões, acredita-se que outros casos devam ser acompanhados, de perspectivas diversas, por psicoterapeutas que reconhecem a importância do conhecimento gerado em sua prática.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ANDERSON, Harlene; GOOLISHIAN, Harold. O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber. In: MCNAMME, Sheila; GERGEN, Kenneth J. (Org.). *A terapia como construção social*. Trad. C. Dornelles. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BANCHS, Maria A. Representaciones sociales y subjetividad. In: FURTADO, Odair; GONZÁLEZ REY, Fernando (Orgs.). *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro, 2001. Tradução e introdução de N. A. Von Zuben.

BUNGE, Mario. *Epistemologia: curso de atualização*. Trad. Cláudio Navarra. 2.ed. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 1987.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. trad. Francisco Franke Settineri e Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. V. I.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1995.

FARR, Robert. *As raízes da psicologia social moderna*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FURTADO, Odair. O psiquismo e a subjetividade social. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 719 p.

GIORGETTI, Valéria. *A subjetividade e suas implicações na escolha profissional e na formação do estudante de psicologia*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília. 2003.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: o debate pós-moderno. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: EDUC, 1997.

_____. *La investigación cualitativa en psicología: rumbos e desafios*. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. La subjetividad: su significación para la ciencia psicológica. In: FURTADO, Odair; GONZÁLEZ REY, Fernando (Orgs.) *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002a.

_____. Lo cualitativo y lo cuantitativo en la investigación de la psicología social. *Psicologia e Sociedade*, São Paulo, v. 2, n. 10, jul./dez. 1998, p. 32-52.

_____. O emocional na constituição da subjetividade. In: LANE, Silvia T. M.; ARAÚJO, Yara (Orgs.). *Arqueologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. O enfoque histórico-cultural e seu sentido para a psicologia clínica. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a.

_____. *Personalidade, saúde e modo de vida*. São Paulo: Thompson, 2004b.

_____. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002b.

_____. *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Pioneira Thompson, 2003a.

_____. [Apontamentos de aula e orientação durante o Mestrado]. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, 2003b.

GUATARRI, Félix. Linguagem, consciência e sociedade. In: *Saúde e loucura*, São Paulo, Editora Hucitec, n. 2. 1990.

HYCNER, Richard. *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1995.

HYCNER, Richard; JACOBS, Lynne. *Relação e cura em gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997.

LANE, Silvia T. M. A dialética da subjetividade versus objetividade. In: FURTADO, Odair; GONZÁLEZ REY, Fernando (Orgs.). *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate*

entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Trad. Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.

MCNAMME, Sheila; GERGEN, Kenneth J. (Org.). *A terapia como construção social*. Trad. C. Dornelles. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MEZAN, Renato. *Escrever a clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade. In: FRIED, Dora (Org.). *Novos Paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MYNAIO, M. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Abrasco, 2000.

NEUBERN, Maurício da Silva. As emoções como caminho para uma epistemologia complexa da psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 16, n. 2, p. 153-164, 2000.

_____. *Complexidade e psicologia clínica: desafios epistemológicos*. Brasília, DF: Plano, 2004.

_____. *Passos para uma epistemologia complexa da psicologia clínica*. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília. 2003.

_____. Três obstáculos epistemológicos para o reconhecimento da subjetividade na psicologia clínica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 1, n. 14, p. 241-252, 2001.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. *O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica*. 2.ed. – São Paulo: Summus, 1997.

ROGERS, Carl. *A terapia centrada no paciente*. Moraes Editores, 1982. Lisboa.

SCHULTZ, Sydney Ellen; DUANE, P. *História da Psicologia Moderna*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, s.d..

SPINK, M.J.P. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999.

TRIVINOS, N. S. Augusto. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1997.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

APÊNDICES

A) Material Empírico – Caso Clínico E.

1ª Sessão - dia 13/10

“Tenho estado satisfeito com a conversa que tivemos sobre o desenvolvimento dos outros lados...”.

“Tenho sentido vontade de me ocupar com outra coisa, principalmente por ter entendido o papel que o trabalho tem ocupado em minha vida.”

“Está ficando mais clara a necessidade de embelezar mais a vida, o fato de conseguir visualizar bem o contraste entre essa sensação de mediocridade que dava ficar lá corrigindo processos e uma coisa que é prazerosa, que eu gosto, e tudo isso vem fortalecer essa necessidade de mudar, de trazer mais coisas que eu gosto de fazer para o dia-a-dia, por ter percebido o porquê que eu estava flagelando lá no trabalho e sem uma coisa mais concreta.”

“Eu tenho que prestar atenção para que não me cobrem mais do que qualquer outro faria.”

“Tenho me sentido seguro quanto ao rumo a tomar principalmente o medo que eu não percebia de sair de lá, não é uma coisa que não tem me preocupado, é alguma coisa que estou mais seguro em relação.”

“Estava reparando como tem sido tranquilo em relação à “enteada” e ela a mim, a visão que eu tinha de flexibilidade, o parâmetro, eram as pessoas da minha família, totalmente rígidos, só de perceber que eu tinha um pouco achava que era muito, hoje percebo que muitas coisas que eram princípios, realmente não precisa se manter intocáveis, e essa escavação que a gente tem feito tenho percebido tanta coisa, que eu não preciso estar me mantendo rígido, engessado. A sensação da alegria, do prazer de descobrir, que vai de eu me livrar de um monte de coisa que tava ocupando espaço sem necessidade”.

“Acho que peguei gosto pela coisa de procurar mais esses pontos que estavam enrijecidos e pensar mais no que preciso manter e o que dá para descartar.”

“Até em relação ao começo do namoro, até alguns fatos tão ficando distantes, nossa! Que coisa! Como é que aconteceu isso. Provavelmente são coisas que nunca mais vão se repetir...”.

2ª Sessão - dia 20/10

“Essa semana foi boa” - voltou a sair com a namorada juntamente com suas filhas e a filha dela. Fala sobre a convivência entre e com as três, cinema, jantar, etc.

“O trabalho tem estado no centro das minhas atenções, depois que eu consegui ver melhor porque eu não saía, cada vez mais tem se tornado até insuportável o estado de nervos que tenho estado com a situação.” – dá um exemplo de um funcionário reclamando de uma situação onde E. acha que foi até grosseiro – “tenho estado muito suscetível ao que tem acontecido, vou tirar uns dias de férias no serviço, vou dar uma pensada. Tô até levando trabalho para casa, sábado acordei mal humorado. Por mais que eu trabalhe, me desdobre, o jeito que as coisas são lá, não tem como melhorar”.

“Tenho me preocupado com a D. (namorada), se eu vou sair da Chefia, se ela sai, se volta para o antigo serviço, fico querendo ajudar e para mim fica até mais difícil achar uma saída para os dois. Racionalmente seria melhor se ela voltasse para o apoio e estudasse para concurso, acho que ela se sentiria melhor, mais segura, lá ela vai estar sempre pressionada, sem tempo para estudar. Ela sente necessidade de estudar, ela realmente tem medo do que vai acontecer com ela.”

“Com relação a isso vejo que é uma questão de opção mesmo – se eu ficar vai ser para eu aposentar fazendo as mesmas coisas, insatisfeito. Se eu quiser mudar a minha própria vida vou ter que mudar o meu trabalho. É muito difícil prá mim ter essa tranquilidade de as coisas estarem difíceis no trabalho e eu não ligar. O único jeito de continuar seria se eu não tivesse que me responsabilizar pelo trabalho das pessoas, que eu pudesse apenas coordenar, foi o que me deixou

Sábado de mau-humor, ver as redações e ter visto coisas fora do lugar, se eu não tivesse tanta responsabilidade.....se ele chamar a atenção é como se eu tivesse feito.”

“Mas na verdade estou satisfeito de conseguir falar, pelo menos nesse ponto não me sinto culpado em falar, em propor, principalmente porque tenho propostas. Só de estar tranqüilo, sentir que vai ser uma conversa natural até pela experiência que já vivi com o colega M., só de não me sentir culpado”.

Tp = Você acredita que tem a ver com o fato de vir falando, refletindo sobre isso aqui na terapia?

“Ah, sim! A diferença está em ver delimitado os pontos, perceber até a culpa que eu sentia em reclamar, achar que tinha era que dar conta do serviço e isso acabou. Ver e sentir a segurança, e ao ponto de conseguir enxergar que é uma opção, não é uma coisa que dá para ser resolvida de forma racional. Ah! Vou sair, não agüento mais! Não precisa ser extremada. Essa tranqüilidade de conseguir expor de forma natural “assim não tenho condições de ficar, assim eu tenho”.

“Antes eu ficava imaginando uma censura que viria, hoje não, tenho opções para apresentar, e ele vai ter que ver o que serve para ele, de mim parte uma tranqüilidade para expor, era meu maior medo, ouvir isso: Ah! Mais aí não dá, é uma coisa que faço e que acho ético colocar, não é como se eu tivesse agindo de forma irresponsável. Me sinto seguro de sentir, encontrar, esse meio termo, para mim é uma afirmação, é um jeito que fico satisfeito em resolver as coisas, é uma solução que me deixa feliz, estar seguro em relação a qualquer coisa que me incomode.”

3ª Sessão - dia 30/10

= Está de férias no trabalho, foi até lá, ontem, resolver umas pendências.

“Notei que ter ido lá no meio das férias me fez pensar mais na insatisfação de continuar na posição de assessor. Coisa que eu pensava ficar para o resto da vida, quando eu vejo que tenho possibilidade de prestar um concurso e ter mais autonomia do que hoje eu tenho. Estava muito confortável, não me incomodava de ter que prestar contas, ontem quando sentei lá, foi uma sensação muito forte de querer mudar. Lá é um lugar incerto, no sentido do meu chefe (aposentadoria, substituição) e então desorganiza mais uma vez. Outra coisa que coincidiu foi encontrar um colega assessor como eu e ver as instabilidades do colega, as incertezas....”

“Tem me dado vontade de estudar...”.

“Na próxima semana meu chefe volta – vou estar mais tranqüilo. De umas duas semanas para cá as coisas tem ficado mais claras, o que eu sinto. Me senti feliz na forma com que conversei com a D. (namorada), o medo que eu tinha de parecer que eu estava cobrando dela seria uma coisa boa se ela conquistasse o concurso, seria uma conquista para ela.”

“Acho que é uma coisa boa de se fazer juntos – estudar para mim por ser mais premente, e para ela quando perceber que está no caminho, direcionada, para ela também vai ser bom.”

“Pensando se eu ficaria ou não, pensando nisso, atrasaria a possibilidade de fazer o mestrado, mas pelas tentativas que venho fazendo lá no âmbito do trabalho, está me parecendo que se eu não tiver uma autonomia de organizar o meu tempo, do meu lado, pela minha dificuldade de impor os meus limites, e por outro todo ano no mínimo uns dois meses tenho esses picos de trabalho, e essas saídas de pessoal, nunca dá prá contar realmente com as pessoas.”

“Quero trabalhar mais em casa para as meninas ficarem lá à tarde para estudarem. Me preocupo em estar com as meninas no momento de estudo delas.”

“Agora está bem decantado esses objetivos para mudar. Eu tinha essa insatisfação, mas era uma coisa meio incerta, essa necessidade também de estar mais perto das meninas.”

“Até para falar me sinto mais tranqüilo. Me sinto bem em conseguir, como é mesmo que você costuma dizer, reconfigurar. O mais importante no nosso processo, ver a possibilidade de se atualizar é bom, não preciso ficar fazendo as coisas que fiz a dois anos atrás, essas mudanças que a gente vai passando, temos tido segurança nelas. A D. também tem se sentido mais segura e tem essa tranqüilidade de estar relacionando com as meninas.”

“Para mim era difícil abrir esses momentos estanques. Agora, tendo sido feito de forma gradual estamos sentindo mais os momentos, sabendo distinguir os momentos de privacidade e os momentos de todos juntos.”

“Tinha medo de ser invadido e na verdade estamos é ganhando com essas novas possibilidades que estão se abrindo. Mais ou menos como um quebra-cabeça, as coisas se encaixam e avançam mais.”

“Posso agora ir identificando o desprazer no trabalho, por exemplo, visualizando os limites da situação, o que me incomoda, o que dele aproveito, e isso dá segurança com relação ao que fazer.”

“Principalmente hoje, não sinto que ficar nesse cargo é só responsabilidade minha, como se não pudesse sair, ter obrigação moral de ficar. Não adiantaria ninguém falar, “não precisa de você ficar”, eu pensava “eu tenho que ficar aqui, até eu agüentar”, se eu não chegasse no limite não teria fim.”

“E essa percepção não é tão difícil quanto, e que não envolve extremos, não precisa partir para isso, que tem os matizes intermediários. E para mim ou era oito ou oitenta, ou fica até o limite ou abandona, faz alguma coisa radical, e a tendência era ir até o limite, e agora dá prá, não é nenhuma indignidade para mim falar não, dá para levar isso em frente sem me sentir culpado, como era, como me sentia antes”.

“Fica claro que, lembrando das vezes que já tentei melhorar minha situação no trabalho ou em outras, sinto que em determinadas situações tenho conseguido ter essa flexibilidade, tem um sentido de descoberta, e muito do que eu já li de arte, filosofia, dessa forma de pensar não sectária que permite compreender a vida de uma forma mais ampla, lendo parecia tão bom, mas quando eu olhava para mim, me sentia incapaz de administrar essa forma de que a teoria parecia tão bonita principalmente que tenho me sentido mais feliz, mais seguro, é de estar conseguindo dosar as coisas, administrar, desde o começo eu morria de medo de perder o controle da situação, e hoje me sinto bem de conseguir transitar de um lado para outro sem me desequilibrar. Mesmo esse movimento pendular só de um lado para o outro, com medo de ficar solto sem ter um lado ou outro para me segurar, e agora dando as passadas sem risco de sentir, sentindo que estou dentro das limitações, de poder eu mesmo me administrar.”

4ª Sessão - dia 03/11

Nessa sessão E. chega bem atrasado – horário com as filhas.

= Fala da viagem com as filhas.

A filha voltou a falar do medo de ser esquecida pelo pai quando este se casar.

A namorada diz que quanto mais se puxar o assunto mais vai valorizá-lo.

E. tem pensado muito numa rotina à tarde, pois a filha mais velha está precisando.

Fala da preocupação com as filhas – escola.

E. diz que com relação à escola vai acabar tendo que conversar com a mãe das meninas, a “ex”, e que isso é desagradável.

“A princípio me senti um pouco triste em ver a angústia dela nessa situação, mas me sinto feliz de ter recuperado a segurança para tratar da situação”.

“Tem sido importante eu mesmo ter essa confiança de que elas tem esse espaço, tenho resguardado o espaço, deixando que, conseguindo delimitar a posição

delas e o que estávamos falando na sessão passada, estar permitindo que a D. e sua filha entrem nesse espaço mas mantendo o espaço de cada um”.

5ª Sessão - dia 10/11

“Essa semana foi boa, voltando ao trabalho”.

= As filhas vão ficar na escola que ele tinha gostado, não precisando dele falar com a ex-mulher.

“Fiquei satisfeito pelas meninas irem para lá, e por ver que as coisas estão mais delimitadas, e ver que esse distanciamento com a M. (ex) está mais consolidado”.

“Tem ficado mais nítido embora a M. não tenha falado, com relação à guarda das meninas tá cada vez mais nítido que ela não está tendo muito interesse em relação a elas. Esse ano que vem elas vão ficar mais em casa, e é um passo para elas quererem ficar mais comigo, acho que é um passo importante”.

“Esse final de semana, por exemplo, boa parte elas ficaram com a babá, teve uma feira na escola. A D. sugeriu que eu desse uma dura na M.(ex), eu pensei, acho que não vale a pena, o negócio é deixar por conta das meninas, partir delas essa vontade. O que vai realmente pegar acho que é a pensão, que é uma fatia grande do orçamento, e o próprio fato de mexer com o pedido de guarda, ah não! acho que isso mexeria com ela”.

“Mas esse é um outro aspecto que tenho me sentido mais seguro, também, esse aspecto de transição eu tinha medo, tínhamos até conversado sobre isso num outro momento, lembra? Parece que tô conseguindo colocar cada coisa no seu espaço, um monte de fantasmas que eu tinha acho que se dissiparam nessa colocação em prática”.

“Tô precisando me adaptar a essas mudanças da M. (filha mais velha), esse contato, certas coisas nela que me irritam, mas que tô precisando de um maior contato, acho que até favorece a absorção dessas mudanças, é que para mim é

uma coisa muito distante – fase menininha para adolescência, minha família era só de homens, na escola era só meninos, só no colegial fui ter contato com meninas, para mim é um universo desconhecido. Vai ser importante isso, porque a primeira vista tem muitas coisas que são difíceis, tenho até de certa maneira acostumado a lidar, mas é difícil, requer esforço. É mais fácil lidar com a outra M. (filha mais nova), ainda está dentro dos limites que eu conheço, é mais confortável, mas por outro lado eu sinto a necessidade de tentar compreender a M., de enxergar as coisas mais com o olhar dela, embora seja difícil tem pra mim até um caráter de desafio, uma superação até nesse processo de me tornar mais flexível, de não enxergar, não tentar tr uma visão taxativa das coisas. É um outro ponto que eu sinto que se não tivesse assim dentro desse processo acho que nem sei assim como eu reagiria, acho que eu não teria muito essa vontade de compreender, teria assim muitos embates pelo fato da M. estar, apesar de tudo ela tem uma personalidade forte, até no sentido de ser mais teimosa, e eu acho que teria fatalmente tentado impor a minha vontade, e ela com essa predisposição, acho que não teria muito diálogo no fim das contas, seria difícil estabelecer uma comunicação”.

“É difícil, queremos ver nos filhos uma versão melhorada da própria existência, e quando eu vejo várias coisas que eu acho que ela não precisaria passar, cometer, e vendo que tá incorrendo nisso, é difícil eu aceitar, pensar “ah! Eu agi dessa forma porque não tinha quem me orientasse, e quando vejo que ela tem uma realidade totalmente distinta e comete esses erros, e na prática não é uma versão melhorada e sim uma pessoa distinta, pode até ter semelhanças, mas é outra pessoa”.

TP. = “Voltando atrás um pouco, você está falando de coisas da M. que tem estado difícil, novo para você. Você tem percebido que ela é outra pessoa e tem percebido coisas diferentes, novas nela”.

“A forma dela de se relacionar com as amiguinhas, ficar com segredinhos, o fato de já querer, ter vontades próprias, por mexas no cabelo (ficou muito ruim), mas

porque uma amiguinha tinha feito, então me parece que esse universo dos gostos, das vontades, parece muito distante de mim, prá mim. Até a questão de gosto musical, da forma de se vestir, e do fato natural dessa pré-adolescência de querer ficar contestando sem ter muita razão, e a imagem que eu tenho é de me tornar chato, (apesar da idéia ser boa), autoritário no sentido de ficar enchendo o saco mesmo. E o que torna mais difícil para mim é que a M.(filha mais nova) eu reconheço nela uma menina fácil de conviver no sentido de organização, de cooperação do dia a dia, aí que fica muito mais distante esse universo da M.(filha mais velha), mas que por outro lado também, vejo tantas coisas que valem a pena que se eu conseguir estabelecer um canal de comunicação, momentos que ela pode ter mais tranquilidade nessa fase é que me fazem não desistir.”

“Com ela tenho uma dificuldade, ela tem que ser manobrada, mas quando ela sente, quando ela pega algo para fazer, para estudar, aí ela vai bem. Sinto que tem muita coisa que vale a pena incentivar, mas tem de toda forma uma barreira que eu tenho de transpor e a primeira vontade é deixar de lado, mas eu vejo que é só eu ir ao encontro dela que ao mesmo tempo fico com pena dela. Ex: o livro Diário de uma princesa – leu na casa dele em 3 dias, na casa da mãe não conseguia.”

6ª Sessão - dia 17/11

“Essa semana foi boa, conversei com o meu chefe...”.

“Na 6ª feira fui até a casa dele para conversarmos. Coloquei a situação, que tava difícil de levar, vou conseguir melhorar bem a situação do Gabinete – ele vai trazer mais gratificação para o Gabinete para que eu possa chamar mais gente prá trabalhar.”

“Com isso acabei decidindo por estudar para Concurso. O essencial para mim dessa conversa é que enquanto eu estiver lá, sinto que tô conseguindo pôr um

limite para mim mesmo, consegui colocar para mim uma meta, um foco. Tinha muitas vontades, mas nada estava muito claro, ao falar disso, conversar com as pessoas as coisas estão se definindo. Tem sido bom, tenho me sentido mais seguro. O fato de ter essa conversa com o Juiz serviu para eu poder delimitar, eu conseguir colocar esse limite.”

TP. = O que tem te levado a pensar em concurso?

“É um meio de conseguir uma autonomia para levar adiante os outros projetos.”

“Tudo isso mexeu com a D., o fato de eu estar conseguindo ter esse foco do que fazer, teve um efeito nela de começar pensar nela em relação a isso, se vai estudar, ou o quê. Sempre acreditei que tudo tem sua hora, se tivesse tentado concurso antes teria até passado – mas as coisas estavam todas fora de ordem. Tinha medo de não conseguir por um limite entre o trabalho e a vida pessoal”.

“Quando se tem um objetivo é incrível como a gente arruma um tempo – esse fim de semana consegui estudar mesmo estando com a M. (mais velha). Tô conseguindo aproveitar essas mudanças que vão tendo e tirar o proveito dessa relação com elas. Agora a preocupação está em como vão ser os reflexos em relação a D. – penso que ela vai até ver que não é um bicho de sete cabeças, também para ela é possível.”

“Outra coisa boa é que eu e a S. (enteada) estamos bem. Em relação a D. e eu estamos agora passando por uma fase nova de ver quais são os nossos objetivos – esses novos que eu tô traçando tem mexido muito com ela, a ponto dela me questionar: “quando você passar num concurso será que você vai querer ficar comigo?” Ela não percebe que isso não tem importância para a relação, até porque para mim essa mudança é mais um meio em si mesmo que um fim. Mexe com as próprias cobranças que ela tem com ela mesma, e isso me deixou um pouco chateado; com o meu direcionamento eu acabei mexendo com ela, abalando mais ainda a segurança que ela tava tendo. Apesar de eu ficar chateado, acho que vai ser bom para ela passar por essa experiência, e até mesmo se for para ficar do jeito que está, vai ficar bom para ela se ela quiser”.

TP. = Faço com ele uma reflexão com relação ao passado deles, como ele tem ajudado nas mudanças da vida dela.

“Acho que realmente agora é que estou me definindo e acho que isso está mexendo sim, acho que é possível mesmo, talvez falte a ela uma ajuda externa, pelo menos os primeiros passos. De toda forma tenho um pouco de receio de forçá-la a fazer uma coisa sem, em razão de ser uma necessidade minha – eu quando ponho um objetivo, tenho persistência em relação a ele. Tenho medo de me tornar um chato, na forma de colocar limites, regras para o relacionamento em função de estudar. Engraçado, falando me remete um pouco a essa dificuldade que tenho em relação às meninas de colocar regras naquilo que é óbvio, aquilo que deveria se depreender da própria situação. É difícil falar “olha, tenho que estudar”, meu medo é presente até pelo fato de ter conseguido nesse tempo que estamos juntos de ter gerado as regras e os limites do relacionamento sem ter que ficar lembrando que existem regras. Nesse momento acho que eu teria que estar sempre chamando a atenção para os limites porque a D. é meio avessa aos limites.”

7ª Sessão - dia 24/11

“Essa semana foi muito cansativa no trabalho, depois das férias tá sendo difícil...”.

“Conversei muito com a D. sobre ela ficar ou não quando eu sair, e ela está com medo dos problemas dela se tornarem insignificantes para mim”.

“Ao conversar com o Juiz eu decidi que vou ficar até passar num concurso”.

“O mais importante foi o fato de eu estar colocando um limite para mim, eu sempre ia abrindo exceções, hoje não, já estou colocando em prática esses limites”.

“Uma coisa que me aborreceu essa semana foi um problema que tive com um assistente – já descobri de vez que não tenho nem paciência nem vontade de

ficar administrando esse tipo de coisa, de ficar resolvendo problemas dos outros. Mas fiquei satisfeito de ter falado, colocado, de ter visto qual era a minha obrigação moral, de solidariedade e o que não era. Fiquei satisfeito de na hora ter agido sem nem ficar pensando como vou falar, de ter exposto com firmeza sem destrutá-lo, de ter mostrado o lado de cada um. Antigamente eu ficaria sem ação, mas talvez nem falasse nada. Tudo isso reforça mais a minha vontade de sair, agora que eu aprendi a agir, o como é correto para eu agir, descobri que não é o que eu quero fazer. Eu ficava tentando mascarar, eu tinha que ser calmo, ter certa superioridade, vi que não dá nada disso. Vi que não me faz bem ficar administrando, chamando a atenção, ficar nessa situação de falar com as pessoas faça isso, faça aquilo, ficar negociando qual é a maneira certa de obter determinado resultado. Acho que é fruto de ver, a gente já conversou aqui, de ver o outro lado, de entender os motivos que levam o outro a se comportar de forma mais lógica para determinadas situações”.

“Falando nisso lembro da D., nessa situação específica – o concurso, sair ou não- bom se você sabe o que tem que fazer então não reclame. Eu consigo ver a dificuldade que seria para ela fazer alguma coisa para mudar, mas seria possível sim, mas nesse caso específico consigo enxergar além do lógico, do razoável para a situação”.

“Eu não tenho vontade de me envolver com as situações dos colegas, me parece que é um esforço sobre-humano para eu ter que ficar temporizando”.

“Ter tido a conversa com o Juiz foi um marco para mim, menos mesmo pelos resultados práticos que vão demorar a acontecer, mais mesmo por marcar uma posição para mim. E essencialmente e mais significativamente, apesar de ter me preparado bastante, mas no final das contas de ter sido algo natural, a partir do momento que coloquei em prática, quando fui falar consegui expressar com clareza , com segurança, as dificuldades que eu tinha lá para resolver. E acho que é até isso que tem dado, esse ano tem pouca gente e para o próximo ano fica um quadro reduzido, apesar de me preocupar um pouco tô tranqüilo por saber

que a parte que me cabia é alertar para o problema, e isso eu fiz, se acontece alguma eventualidade já não é uma responsabilidade tão minha. Até mesmo para repartir a responsabilidade lá no trabalho eu já tô me sentindo em melhores condições de fazer isso, de dividir e não assumir o excedente que sobra todo para mim. E para mim tem um caráter de importante até mesmo para o futuro, o medo que eu tinha de se eu fosse trabalhar como Juiz, Procurador, o medo que eu tinha de assumir mais que os outros – desse processo todo eu vejo é que eu não preciso sempre extrapolar os meus limites, no trabalho em si, nas relações...”.

Tp. = Termino a sessão pedindo ao cliente para que esse refletisse se esse medo tem algo a ver com o fato de ainda não ter se decidido e empenhado num concurso para Juiz, Procurador, onde fantasiava ter que assumir tantas responsabilidades como as de seu trabalho.....

8ª Sessão - dia 01/12

“A M.(1ª filha) e a M.(2ª filha) estão numa fase que estão se estranhando. Uma mexendo nas coisas da outra, uma fiscalizando a outra...”

“Ontem saímos todos – fala das dificuldades da D.(namorada) com a filha, fala da paciência e estratégias que tem usado para lidar com o mau humor das filhas”.

“Com esse contato que a gente tá tendo, cada vez eu noto, eu acho diferente perceber a D. na relação com a S. (filha dela) ou com a mãe, ou na relação que tem comigo, e fico pensando também no outro lado como ela me percebe na minha relação com as meninas, com minha mãe e meus irmãos”.

“Me chama a atenção o fato de vê-la numa posição não muito satisfatória, numa posição que não seria o que eu acho mais correto. Sendo que com a relação que a gente tem, a gente consegue resolver os problemas que a gente tem, que eu acho que tem uma predisposição melhor para resolver.....tô lembrando uma

coisa que nós conversamos há muito tempo.....por motivos distintos é difícil ver a D. como mãe, eu também tenho me estranhado como pai, quando junta todo mundo convivendo, mais que todos percebo que não só ela, mas eu também tenho minhas próprias relações e dificuldades. Temos saído juntos com muita freqüência, todo fim de semana, e embora não tenha acontecido nenhum incidente mais sério, não deixa de trazer essa sensação de , tanto o contraste entre ela com a S.(filha da D.), quanto ela com as minhas meninas, o contraste da gente enquanto a sós, e da gente quando junto com as meninas. Parece que a gente nem está tão junto quando estamos com as meninas, é raro a gente ter, mesmo ficando fisicamente perto, é muito diferente de quando estamos a sós. Me preocupa, me chama a atenção, em razão dessa forma de relacionar com nossas filhas – coisas que ela permite a filha dela, coisas que eu permito. O fato é que tenho sentido as diferenças, embora a gente tenha um objetivo comum, mas na forma de executar eu vejo essas diferenças e fico pensando que ela também vê e fica refletindo sobre essas diferenças. A forma que eu lido com as meninas, sou bem mais autoritário, inflexível, mais duro, do que a forma que sou com ela (D.), e vice-versa. Mas é uma constatação que quanto mais a gente fica junto mais a gente sente que não está muito a vontade, não está muito seguro nessa forma que a gente lida com as meninas quando a gente tá junto. Ontem mesmo eu já tava com vontade de ir para casa mais cedo, acabamos ficando mais, me parece que ela até tem mais vontade de prolongar as atividades enquanto eu acho que devemos manter um tempo menor, tendo ainda um tempinho para ficar mais juntos, as meninas e eu no caso”.

“Em tudo isso o que mais me chama a atenção é que, nem parece a gente quando estamos todo mundo juntos, é algo muito diferente do relacionamento que tanto tempo a gente já tem mantido”.

“Com a D. a relação que tenho é de previsibilidade, já trabalhamos muito aquilo que não gostávamos, e temos melhorado, mas quando colocamos todo mundo junto me parece muito imprevisível, pela forma que lido com as meninas e pela

forma que quando junta todo mundo, a S. e a D. parece que não estão bem resolvidas”.

9ª Sessão - dia 08/12

“Na outra sessão conversamos sobre as meninas, fiquei pensando na penúltima sessão, e fiquei pensando naquilo que tínhamos conversado sobre ter medo de fazer algo prá mim”.

“Na época em que meu chefe era presidente poderia ter feito algo prá mim, mas fiz pelo trabalho – fiz uma sistematização para o trabalho. Eu tinha uma esperança de que as pessoas estudassem mais e desenvolvessem mais o trabalho – até aconteceu, mas fiquei pensando que poderia ter feito algo prá mim, já que tive oportunidades que poderia ter aproveitado para fazer coisas prá mim. Foi a época que fiz especialização, mas dava para ter feito mais por mim.”

“Sinto que se eu não conseguia arrumar minha própria vida no casamento, que eu me sentia covarde, fraco, de resolver aquilo como eu poderia pensar em fazer alguma outra coisa”.

“Volta e meia eu pensava em meio aos meus estudos que moral eu tenho diante dos estudos que eu não consigo mudar aqui, meu casamento. Na época não teria sido bom, não teria aproveitado. Daria para ter aproveitado melhor o tempo, mas não teria sido bom, sem ter resolvido o campo pessoal, afetivo – não teria acrescentado no meu campo profissional. Hoje conforme vou sedimentando e tendo mais certeza do que quero fazer, tenho me sentido um pouco triste, não basta só eu querer, ter consciência, vai demorar um ano ou dois para eu conseguir. E esse desejo misturado a essa demora, às vezes fico aborrecido”.

“Esse final de semana – algo que me preocupava, como íamos resolver entre nós o tempo (ele e D.), se ela ia estudar ou não – eu consegui perguntar para ela como ela via, sentia isso, porque a minha impressão é que ela poderia eventualmente se sentir, achar que não tava tendo graça o namoro se tivesse que

tirar um tempo do namoro para estudar – e eu consegui colocar que eu gostaria que fosse algo voluntário – se ela não fosse estudar comigo, eu dividiria melhor o tempo sem prejudicar o nosso namoro. Eu precisava era ter algo definido entre nós dois – o que poderia atrapalhar é que eu quando pego algo para fazer eu faço.....foi bom que o que eu imaginava ela afirmou que é fato (exemplo da cama – ele se levantar sem romantismo). Eu fiquei tranquilo porque conversando vi que é fato que vou ter que arrumar um tempo específico – fiquei satisfeito porque é mais fácil eu me adaptar do que ela, sou mais inflexível, se eu disser que vou fazer vou mesmo”.

= Faço uma reflexão: Que interessante a preocupação com o relacionamento e pontuei a questão de ser inflexível mas ao mesmo tempo ele é que teria que se adaptar.

“Conversei com ela sobre a questão da nossa configuração enquanto família”.

“Cada vez tenho me sentido mais seguro enquanto pai, tô conseguindo lidar melhor com os conflitos, tenho aceitado mais o jeito da M. (filha mais velha), tenho me saído melhor”.

“Se me perguntassem se eu queria ter filhos (amo minhas meninas e não me imagino sem elas) – mas hoje não me imagino como já quis antes, ter um filho com a D. – pela dificuldade de uma pessoa em ser feliz, olho prá minha experiência e acho que eu sempre tive muita sorte, sempre achei pessoas que me ajudassem muito. O mundo vai ficando cada vez mais complicado de viver”.

“Vejo a minha relação com as meninas, se me pedissem para destacar a coisa que mais ressalta, para mim é o senso de responsabilidade, encaro o vínculo com elas, sinto que é de obrigação, responsabilidade por dar condições para elas levarem uma vida razoavelmente boa. Ah! Um bebê é engraçadinho, mas no final das contas não vale a pena. Se se faz um balanço dos custos em todos os sentidos em se ter um filho é uma coisa que voluntariamente eu não traria para minha vida. Se eu me casasse com alguém que amasse muito teria filhos em função dessa pessoa, e não de mim mesmo, eu sempre pensei assim”.

“Tem uma passagem no evangelho que retrata que nasceu uma criança entre nós mostrando o renascimento da esperança, mas eu não consigo sentir isso – só pelo nosso desejo sei que não conseguimos fazer de um filho uma pessoa melhor”.

“Não é uma coisa que quando estamos juntos – não vejo como um acréscimo o fato de ter outro filho, as nossas relações – eu me sinto muito bem quando estou só com a D., era tudo que eu queria, que eu até idealizava. Quando junta todo mundo é um contraste muito grande e parece que ressalta mais ainda o caráter de obrigação, o caráter de, um esforço a mais, como se eu tivesse que ser – acho que a sensação é essa, que eu já tô desempenhando esse meu papel de responsável pelas meninas já está sendo bom, e esse papel teria que ser aumentado com mais uma criança?”

“Para a D. é um acréscimo as meninas, é um ganho, ela e a S. gostam de mais agitação, de estar fazendo alguma coisa sempre, e para mim e as meninas elas já se acostumaram em ficar quietas, com menos pessoas, não é como a necessidade delas”.

Tp. = Mas a D. quer ter mais filhos?

“Eu já fiz vasectomia, e acho que ela não gostaria, mas de ter uma família constituída, é um desejo dela sim, mas não é um desejo meu – isso eu não consegui enxergar o porquê, mas sinto isso. Por mim tudo bem, acho que ela vai querer isso logo. No fundo eu queria estar sentindo essa necessidade de formação de uma família, mas também acho que é uma coisa minha, não é uma coisa que eu fale com naturalidade na relação, mas que ressalta mais com as meninas, as dificuldades de encarar bem a relação de família não é uma coisa que não deixo de me censurar um pouco – falo aqui porque acho que tenho que trazer para refletir...”.

10ª Sessão - dia 15/12

“Nosso segundo ano que passamos juntos...”.

= Fala do aniversário da filha M. (mais velha) no fim de semana.

“Vamos viajar na próxima 2ª para passar o Natal na casa da minha mãe.....”

= Fala da situação de ter que entregar as filhas logo após o Natal numa cidade – fala também da formatura das meninas na escola. Fala da ex-mulher: “é só acontecer essas coisas que fico mal, mas tirando isso tenho me sentido mais tranquilo”.

“Pela minha ex-mulher, seria indiferente se volta e meia não tivesse que me lembrar da besteira que fiz de me envolver com ela, de não perceber o quanto de risco que esse envolvimento poderia provocar, as conseqüências que isso ia ter. É isso que volta e meia acontece, tenho que relembrar, vez ou outra tem alguma espécie de problema. Eu sinto uma certa, não consigo entender como que alguém consegue ir tão longe na falta de princípios porque eu sempre imaginava (quando era casado) sabia que sempre que houvesse um problema não poderia confiar, e com a separação não consigo aceitar que alguém possa não ter uma visão mínima das coisas, poxa vida! Ficou bem financeiramente, um casamento que era ruim eu reclamava ela também, racionalmente deveria agora tocar a vida, não teria que ter contato algum mas ainda insiste em contato, sem razão nenhuma, nunca o contato está em razão das meninas. Não vejo sair alguma coisa de bom, de útil num contato com ela”.

“Fico com pena das meninas que às vezes ficam imaginando que seria possível pelo menos uma amizade – a ex. ficou uma época buzinando na cabeça das meninas que queria ser minha amiga. Quanto mais o tempo passa mais vejo a distância, não tem nada a ver, hoje seria uma pessoa que se eu tivesse algum contato eu me afastaria que é impensável eu ter ficado casado com uma pessoa assim, não tem nada a ver mesmo. A expectativa que eu tinha era que com o tempo ela tivesse a mesma percepção, que não temos o que conversar, não tem

que dar “oi”. Para mim me incomoda isso, essa falta de senso mínimo de convivência, de perceber que eu faço a minha parte com as meninas, as minhas responsabilidades e pronto. Falo que se não tiver conseguindo levar, me passa as meninas. Acho que as duas coisas principais que ela me passa é a falta de um senso moral e um egocentrismo que revela pelo trato com as meninas, aquela coisa que não cuida direito, não dá atenção, mas quer tá levando a coisa de qualquer jeito, penso que a questão da boa pensão influencia muito”.

“Me sinto até culpado de ter colocado as meninas nessa situação e sei lá por quanto tempo ainda vai persistir. Por mais que eu seja firme e consiga manter os limites, sempre as meninas vão estar no meio do fogo cruzado, por mais que eu explique às vezes vou ter que sacrificá-las por não abrir um espaço para ser invadido, elas de uma forma ou de outra vão sofrendo as conseqüências”.

“Mas no geral vejo que avancei nisso, de ter mais firmeza para lidar com a situação – me senti mais seguro, certo do que estava fazendo nas festinhas, por exemplo, por estar sabendo que era certo o que tinha que fazer na situação”.

“Nas férias elas vão, depois das nossas viagens, elas vão ficar mais comigo – tem uma piscininha lá no prédio, vou ajeitar... Ah! Fiquei feliz, fui eleito síndico, vou legislar em causa própria, risadas... – fala um pouco sobre ser síndico”.

“Sinto que de um modo geral, tenho sentido uma agonia de querer mudar logo, mas não conseguir de um modo imediato, no trabalho”.

“Com relação a D. temos tido espaço para pensar e conversar, foi já uma evolução grande estar inserido na família, com as meninas. Tem sido bom, os medos, as resistências já estão sendo superadas em boa parte, ainda sinto essa diferença entre estar sozinho com a D. e estar com ela e as meninas, que não sou só eu, ela também fica um pouco atordoada. É um grande contraste essa situação de namoro e a situação com a família, que é hoje a grande preocupação que se vê, a coisa da rotina, o ritmo da vida sem que atrole as pessoas, as relações, e o meu grande medo é perder esse controle e viver em função das atividades que

a vida de casal demanda. O ponto que eu via o casamento com a M.(ex) eu via mesmo como uma sociedade – ela tinha que manter o ingresso mínimo na sociedade de realizar e eu não gostaria de deixar que o relacionamento com a D. virasse isso, num sentido apenas de estar juntos para passar pela vida, para tornar a existência mais fácil, não quero isso. Quando tá todo mundo junto eu sinto esse contraste, esse distanciamento”.

“Ontem fomos ao cinema com as meninas, no final despedimos e íamos esquecendo de nos despedir, tenho medo dessas coisas... No meu ex-casamento eu tava lá em função de cuidar das meninas, eu tava infeliz vivendo lá, a partir do momento que abri a possibilidade de ser feliz, de ter uma companhia, eu sinto que elas percebem isso, que elas deixaram de ser o único foco da atenção e eu sinto a importância de ter aberto essa experiência, é difícil dizer para as meninas “olha, de agora em diante vocês vão ter que dividir”, elas não tinham essa visão, eu praticamente não tinha esse lado”.

11ª Sessão - dia 19/03/2004

“... semana corrida. Nem tive tempo para pensar... a primeira impressão que eu tive quando você falava na sessão passada – o significado mais aparente na doença do meu pai foi a perda de um modelo - eu tinha 11 anos quando ele adoeceu pela 1ª vez) – até então era ponderado, apesar de que era muito nervoso, era sempre controlado com o dinheiro dele, tinha até uma seriedade exagerada. Fui usar calça jeans com 14 anos, usávamos camiseta lisa hering que não destoasse. Eu admirava essa sobriedade, nossa casa era muito silenciosa – eu gostava dessa diferença, nossa vizinhança era muito barulhenta. ‘A quebra de um modelo’ – a partir daí como se eu tivesse que cuidar da minha própria vida”.

“Foram três anos seguida vivendo uma vida oposta ao que era antes. Quando começavam os surtos ele ficava uma pessoa ideal – mais agradável, divertido, depois perdia o controle e ninguém agüentava. Na fase depressiva ficava

trancado no quarto e não se comunicava muito. Depois deu uma acalmada e depois de um ano teve outra crise e foi quando saí e fui morar em Londrina. Justamente nessa época da doença eu quase não tinha amigos, tinha mais no primário, depois não me adaptei no colégio quando fui para o ginásio. Com a terapia comecei a ter mais consciência de tudo o que tava acontecendo com eles – lia muito sobre tudo, tinha que me transformar, tinha que ficar mais culto (estava preocupado com coisas que os colegas não estavam) falar daquilo eles não se interessavam, eu não praticava esportes, não tinha nada que favorecesse o vínculo de amizades. Com isso ficava muito em casa lendo, não tinha muito por onde escapar, dar vazão ao sentimento de isolamento, de solidão. Os modelos que eu tinha foram caindo um a um. Prá mim eram modelos, cada um a seu jeito, tinham qualidades que eu apreciava”.

“Uma coisa que me deixava curioso, como a minha mãe agüentava tudo isso – como ela pôde ser forte de agüentar, e passiva também, e me preocupa o que em mim é também passividade ou bom senso”.

“Falando sinto que como que eu gostava da tranqüilidade que eu tinha até tudo começar a acontecer. E quanto mais eu venha a expandir minha rede de relações mais distante sinto que fico dessa tranqüilidade. Por outro lado sinto que na prática esse desejo não funciona, não faz bem prá mim”.

“É como se eu vivesse usando um aparelho para corrigir a postura permanentemente, que até eu sinto um reflexo de todo o processo que a gente passava, certas coisas que para mim pareciam inimagináveis que hoje já até acostumei, que bom que não é mais, eu tô aprendendo – o caráter inevitável de certos acontecimentos”.

“O que me ocupa hoje é saber que tipo de relacionamento que eu quero e que é possível de ser levado, de ser concretizado. Me deixa em dúvida o fato de acreditar que eu tenho uma auto-suficiência e que eu não sei também o quanto eu quero me despir dessa imagem.”

12ª Sessão - dia 02/04/2004

“... desculpa ter avisado meio em cima da hora na semana passada, mas 6ª feira passada tava um caos assim, tava um trabalho, principalmente coisas do condomínio prá resolver...”

= Tp: “Você agora está com bastante coisas...”.

“É, não sei se vou dar conta não, (sorri...)”.

“... esses dias assim é que eu fui ver o quanto de tempo que eu tinha, antes, o tanto de coisas que eu coloquei, assim, por conta do condomínio mesmo que, tem tomado um tempo muito grande... até tava pensando, tava vindo prá cá e tava pensando, o quanto eu me envolvo com isso, tipo de atividade assim que... eu tava falando prá D., que é o tipo de coisa que eu menos queria fazer na vida...”

= Tp: “Ser síndico...”.

“Uhum! É, tudo que eu não faço na minha vida que é controlando conta, preocupando se tem que pagar, dando orientação, tudo que eu não queria fazer eu tô envolvido...”.

= Tp: “E por que é que pegou E.”?

“Foi mais uma, uma questão de honra, porque quando eu voltei lá pro prédio, quando a D. foi prá lá, eu vi que tinha caído muito mas não me irritava assim, a gente não tem muita visão, mas de vez em quando você encontrava assim um lixo lá no prédio, é uma coisa que a gente pensa mas não, logo esquece né, ainda mais que eu não fico na área social entro pela garagem, então quase não vejo muita coisa. Mais aí a D. começou a falar que tava ruim, daí eu peguei os livros lá do síndico prá ver o quê que tava acontecendo, vi que tava com problemas, que ele não cobrava de algumas pessoas, apesar de toda assembléia mandava ele cobrar e ele não cobrava, e aí de tanto conversar com a D. aí acabou tornando uma coisa, porquê lá ninguém queria assumir e eu não ia conseguir sair lá da assembléia reelegendo o mesmo síndico, até pela condição ele falava que não

queria mais pegar mas eu sabia que se ele pegasse era prá daí não fazer absolutamente nada né, e aquilo prá mim assim, eu não ia conseguir, ia conseguir mas aquilo ia me incomodar cada vez saber que eu não fiz nada né, podendo. E mais ou menos como tava acontecendo com o trabalho, assim como eu acabo me saindo bem ou pelo menos fazendo assim bem mais do que se fez até hoje lá, eu assim sei que na maior parte do tempo é difícil, assim eu não deixo também de ficar um pouco satisfeito de ter realizado coisas, de ter conseguido, arrumar coisas que estavam me incomodando e é engraçado, às vezes é ter outra, é ter uma postura que eu não tenho rotineiramente na minha vida cotidiana, encarna um papel diferente que, até que na hora que eu tava lá no teatro representando não passava nada mesmo pela minha cabeça, não tinha a menor...era um trabalho, uma coisa que realmente era um outro eu, e nessa atividade de síndico é também como se fosse um personagem que é diferente do que eu sou normalmente, mas eu penso, assim, que é um meio de viver uma existência diferente, de você dar vazão a um desejo do que eu gostaria de em muitos momentos ser, uma firmeza que eu não tenho, vestido aí nesse papel de chefe ou de síndico, assim tomei um gosto por experiências de viver essas situações de, justamente, de ter pego esse cargo...”

= Tp: “Experiências muitas vezes parecidas com os momentos em que você representava um papel no teatro, mas que na verdade são comportamentos que você gostaria de ter como seu no dia-a-dia, sem ser só representando o síndico, por exemplo, é isso? É isso que você está dizendo”?

“... é isso... eu sinto que ao mesmo tempo que eu, que eu em parte eu gostaria, quando há também eu não me recrimino por gostar. Acho que eu não deveria estar fazendo, eu não deveria estar tendo esse comportamento...”

= Tp: “Não deveria”?

“... é, porque não é o ideal que eu tinha traçado prá mim, era uma vida mais de contemplação e cada vez mais eu me sinto ligado a esse mundo da razão que não era...”.

= Tp: “A sua proposta inicial”?

“... Uhum! E aí eu me vejo cada vez mais... durante todo esse tempo conversando sobre isso, pensando sobre essa... e parece que ao tentar corrigir esse rumo, cada vez mais eu tô me afastando do que eu imaginei prá mim...”.

= Tp: “Eu imaginei ou eu imagino E. Eu quis isso um dia, esse era o meu projeto de vida um dia, não é viver prá contemplação. E hoje”?

“... eu acho que eu ainda quero, mas as atitudes que eu tomo são incompatíveis com...”.

= Tp: “Eu acho que eu ainda quero” – o quê que te leva a pensar isso?

“... assim, o que leva que eu ainda queira? Ser satisfeito com o que eu tô fazendo, assim, eu não tô. E também os poucos momentos que eu me dedico, que eu tenho um horário prá pensar, são bons, por isso que eu acho, eu penso assim na falta de firmeza, por isso que eu falo “acho”, porque uma coisa eu consegui na 3ª e 5ª eu não consegui ainda ficar a tarde inteira como eu queria, ficar trabalhando lá em casa, mas cinco horas eu saio, e que era uma coisa que eu nunca tinha feito, e agora pode ser o que for, antes eu ficava pensando “Ah! Eu não posso sair...”.

=Tp: “Você fala sair do seu trabalho...”.

“... do trabalho, exatamente. Ir prá casa prá ver como estão as tarefas das meninas, era uma coisa que eu não conseguia, quer dizer ainda não consegui tudo “agora eu vou prá casa prá estudar”, isso daqui não consegui todo o tempo ainda, mas saio sem culpa, introjetei, as meninas estão lá em casa, a secretária vai embora e eu tenho que estar lá, e vou e pronto. Foi uma coisa que eu tive essa firmeza e aí achei esse tempo prá estar lá com as meninas. E por quê que prá estudar eu não tenho essa, eu não acredito tanto como no caso das meninas? - que é uma coisa, eu chego assim e é uma coisa...., tem dia que eu chego e é trabalho braçal mesmo de ajudar nas tarefas, de fazer com que façam, e nem sempre é gratificante. Com a mais velha eu tenho mais trabalho, mas o fato é que eu gostaria de conseguir esse tempo, aconteça o que for que eu vou dar um

jeito de cumprir. E também é uma atividade que está no plano da ação mesmo, do que qualquer outro...”

= Tp: “E que também você está se propondo... não é uma coisa que estava nos seus planos...começou a fazer parte a partir do ano passado quando você começou a ver o descaso que as meninas estavam tendo com os estudos...”.

“... Uhum! Exatamente... Eu vejo uma cota de sacrifício prá dar certo... A visão que eu acho que eu consigo passar prá frente depois que eu terminar de fazer assim, as metas que eu me propus, acho que vai ser possível... mas prá mim fugiu nessa questão de, parece que eu só vou cair nisso mesmo, prá fazer esse tipo de coisa, administrar, mesmo que me custe muito, é uma coisa que eu acho que eu tenho que faço bem... mas prá mim não era o que eu queria fazer não (fala isso com a voz bem baixinha)...”.

= Tp: “O quê que você gostaria realmente de estar fazendo, E.”?

“... mais tempo prá pensar despreocupadamente... prá poder pegar o que eu tenho e escrever... fico pensando, que o tanto de coisa assim que eu já recolhi e que tá mais ou menos até sistematizado... falta eu conseguir escrever um assim, tipo um esboço do que eu queria estudar assim de forma... mas que é atropelado pelas outras atividades... eu sinto assim uma fraqueza, falta eu ir atrás disso... eu tô ficando cada vez mais pragmático, mais voltado prá resolução desses problemas práticos lá no trabalho, e, que foi uma coisa que nasceu como uma necessidade de me adaptar ao trabalho, e que com o tempo moldou a minha forma de pensar. Praticamente toda a leitura que eu tenho, todo o andamento do que eu gostaria de escrever, de trabalhar, está voltado justamente sobre aquilo que você estava falando que é justamente na sessão passada, que é se tornar senhor da própria história, mas eu não consigo tomar conta da minha própria vida então como é que eu posso falar sobre isso. Eu achava que eu tinha resolvido bastante com o fato da separação mas ainda hoje eu me sinto que eu não controlo muito a minha vida, ainda que por alguns instantes eu sinto que eu tenho algum controle, e essa é a gratificação que isso traz, é independente, e o

grande problema que eu tenho, eu me sinto mais levado pelos acontecimentos do que qualquer coisa, acho que tirando a separação, a única decisão mesmo, o único momento que eu tive mais a vida na mão, tive que tomar mesmo a decisão de fazer uma coisa, ao mesmo tempo dentro daquilo que já tava sendo, um posicionamento que a vida tava pedindo dentro do caminho possível, do único caminho que eu tava seguindo né, uma ou outra decisão acidental...”.

= Tp: “Mesmo no seu relacionamento com a D.?”

“Não... eu coloco no mesmo contexto né, no contexto da separação... agora assim no começo né, porque agora eu já sinto meio...”.

= Tp: “Meio...”.

“Já sinto o medo de ser levado de novo pela situação que a gente começou a viver e tenho medo de tomar de novo uma decisão que não reflita muito... mesmo levado pelo curso dos acontecimentos... algo que realmente não expressasse a minha vontade própria... Prá mim essa sua colocação foi como colocasse assim o dedo na ferida... é uma coisa central prá mim...”.

= Tp: “Tomar as rédeas da sua própria vida...”.

“Uhum! Falando assim parece que tem sido uma fonte recorrente de... que eu nunca tinha pensado como ela não deixa de oferecer certa gratificação, eu acabo deixando mesmo me levar pelos acontecimentos, mas não fica uma coisa bem resolvida.”

= Tp: “E é mesmo, “tomar as rédeas da própria vida”, “se assenhorear de si mesmo”, é uma caminhada, não é algo que a gente (estala os dedos) consegue assim de uma hora prá outra. Aquele sentimento de realmente sair dele. E é preciso estar se sentindo realmente, prá poder tomar essa atitude. E quantas coisas a gente acaba fazendo, como você disse, porque o rumo das coisas está me levando prá lá. ‘Vou ser síndico porque o meu prédio precisa de uma série de reparos que eu tô sentindo na pele que precisa, então vou me propor’. Não é de todo ruim essa experiência, tem coisas que você está aprendendo. Parece que você está concluindo que não é “prá mim isso aí!”, é isso?”

“Uhummm!!!!!! Mas o que eu aprendi até nesse período aí foi ter uma certa condescendência, não, não chega a ser assim uma condescendência, mas de entender que o comportamento das pessoas a partir do que eu fui vendo assim.....que tem determinados grupos assim, não tem como alterar o comportamento, você pode corrigir aqui ou ali, você pode diminuir, mas na essência, por exemplo, o individualismo você pode argumentar, você pode mostrar, e até reduzir bastante, mas não tem como você chegar e convencer do contrário, por uma série de fatores mesmo que às vezes eu não pensava, que vai da própria estrutura familiar, lá dos meninos (irmãos), e por isso ainda assim prá mim a experiência é positiva, o que eu tiro foi, o contato até com coisas que eu li e pensava sobre o Direito mesmo, isso eu tenho aprendido, tem sido mais essa reação, vivenciar a reação lá daquele grupo que tá lá sobre determinada regra em relação ao poder, a forma como reage, prá mim não deixou de acrescentar.....”

= Tp: “Exercício para casa: à medida que você estiver lá exercendo sua função de síndico, vivendo, emocionalmente o que vai acontecendo, o que vai sentindo, vamos ver o que vai acontecendo com você. Não só no papel de síndico parece que, como você mesmo falou, tem algumas outras coisas, outros papéis que está vivenciando que você tem sentido incoerência, vamos deixar que essas coisas fiquem com uma ‘cor’ mais forte para ver como é prestar atenção nisso”.

= Encerramos falando do feriado da semana santa.

Comentamos nesse dia sobre as gravações.

= Tp: “Como tem sido prá você estar sendo registrado?”.

Cl: “Nem percebo, assim...”.

Tp: “Mais adiante vou me informar melhor, acho que vou precisar de uma autorização por escrito...”.

Cl: “Ok, tudo bem!!!!”

13ª Sessão - dia 07/04/2004

“... eu estava pensando sobre aquilo que conversamos na sessão passada... sobre os meus papéis, o meu desempenho... na verdade assim isso tem tomado a maior parte do meu tempo... principalmente agora com o fato de eu estar ficando mais com as meninas, as atividades como síndico, então assim na maior parte do tempo eu tenho preenchido com alguma atividade que... que eu tenho que me adaptar a posição, pra realizar as tarefas que eu tenho e... tem sido, tem ficado mais nítido a questão de saber da importância que essas atividades tem pra mim... de saber o lugar que elas ocupam na minha vida, e essencialmente porque.....que eu acabo assim deixando me envolver, tanto por elas”.

“Como eu tava falando, às vezes eu acho que eu não dou para esse tipo de coisa, como se eu... acho que reflete que há algo que a gente acha que tenha valor.....volta e meia eu sempre, penso.....no 2º grau, éramos críticos do sistema, era uma preocupação grande nas nossas conversas, no que a gente fazia....de não querer incorporar, uma coisa de adolescente, de não ser incorporado pelo sistema, de não reproduzir as mesmas coisas que a gente não concordava. E aí éramos quatro a cinco pessoas que conversavam, tinha um grupo assim maior, mas cinco pessoas mais próximas que praticamente tínhamos as mesmas preocupações, as mesmas ansiedades, as mesmas inquietações, e para mim nunca foi uma coisa muito bem digerida, na época lá do vestibular eu participei lá da companhia de teatro um ano e meio mais ou menos, que foi uma coisa importante pra mim, mas o que tem relação é que eu saí porque já tava querendo estudar para o vestibular em Brasília, mas não deu certo e fiz em Londrina. Eu saí mesmo mais por uma questão mais pragmática, que de qualquer forma já tinha definido, já tinha crescido escutando, meu pai era servidor público, meu irmão foi, o outro era funcionário da Caixa, que o jeito de ter estabilidade era fazendo um concurso público, então assim logo no 2º Grau eu já tinha escolhido fazer Direito, eu tinha vontade era de fazer História, mas

escolhi Direito porque era o que dava mais para conciliar as minhas preocupações, a minha curiosidade em relação às Ciências Humanas, como um meio de ganhar a vida mesmo, e aí foi o primeiro ponto, a primeira renúncia, deixar de fazer teatro para estudar. Foi o primeiro ponto que eu já senti abandonando. Depois na Universidade, logo comecei a namorar a A., aí apareceram os concursos, foi um período, e aí de repente eu deixei para trás o teatro e a própria perspectiva, daí eu pensei, eu vou passar depois eu vejo, e aí depois casei e a minha vida tomou um curso totalmente distinto”.

“É uma coisa assim mais dessa época do 2º Grau que eu sinto assim a vontade de realizar alguma coisa de que eu realmente me orgulhasse, uma criação, e não esse desempenho, que eu acho que eu me saio relativamente bem, mas que eu acho que fazer parte das coisas que se consomem né, quando no dia-a-dia vão passando e não tem uma perenidade, uma permanência na vida. E é uma coisa que eu nem, não procuro nem mesmo pensar muito, mas sinto assim, é uma dívida para comigo mesmo de ter deixado...”.

1ª REDAÇÃO

1. Razões que conduziram ao início do tratamento

O primeiro tratamento psicoterápico a que submeti durou cerca de um semestre, em 1985, com uma estagiária da Universidade Estadual de Londrina. Não me recordo, ou melhor, não posso aquilatar se tais sessões renderam alguma contribuição para mim. Fui encaminhado por meu irmão A., após ele ter seu primeiro surto de esquizofrenia.

Em seguida, atendendo recomendação da estagiária com quem me consultava fiz mais um ano de terapia com uma psicóloga, sendo que dessa experiência retirei resultados práticos. Por sugestão dessa psicóloga fiz um tratamento com fonoaudióloga, praticamente eliminando problema de dicção

denominado sigmatismo – a conhecida “língua presa”. Após o início do tratamento passei a morar fora da casa de minha família e, concomitantemente passei a integrar um grupo de teatro, o que aumentou consideravelmente meu círculo de amizades. Foi um período de crescimento significativo, durante o qual consegui afastar-me do ambiente insalubre resultante da junção de duas pessoas doentes em casa – pai e irmão -, de um outro irmão doente morando a 200 km de distância, mas sempre presente por meio de um telefonema semanal e, finalmente, de minha mãe suportando compassiva esse quadro.

Acho que tive alta no próprio ano de 1986 ou, no máximo, em meados de 1987. De 1987 até 1989, quando conheci minha primeira namorada, vivi o período mais tranqüilo de minha vida, apesar da minha timidez causar-me várias frustrações, em razão de não conseguir simplesmente beijar uma garota que realmente desejasse. Durante esse tempo somente tive coragem de sair com umas meninas que trabalhavam como empregadas domésticas em um prédio próximo ao que se localizava a “república” em que morava. Mas, na época, até isso era uma conquista.

Desde o momento em que passei a ter esse relacionamento sério, em 1989, ainda estudante do 1º ano de Direito em Londrina, até setembro de 2000, quando me separei, já com duas filhas, chefe de um departamento no local de trabalho, vivi uma situação de constante esforço, eis que continuamente confrontado por novas situações e oprimido por esses dois relacionamentos que, nada obstante terem perdurado por longo período, estavam muito longe de corresponderem ao que esperava de uma vida a dois.

Em suma, com a A., a primeira namorada, achava que deveria ser um super-homem e a tudo suportar; obviamente, não conseguia e vivia mal e, boa parte do tempo por conta disso. Já com a M., a mãe de minhas filhas, vivia segundo o ditado: se você tem um limão, tente fazer uma limonada. Entretanto, por mais açúcar e água que colocasse, nunca tive um resultado satisfatório...

Em outubro de 2000, comecei a namorar a D., começando uma fase totalmente nova. Todavia, a alegria do novo relacionamento foi acompanhada da infelicidade de presenciar a maldade humana bem de perto, em razão dos atos treloucados dos respectivos ex- M. e H. O stress decorrente foi quase insuportável, eis que ao mesmo tempo em que havia encontrado o que desejava há muito – um amor de verdade -, o qual não queria perder, vivenciava o ódio de forma muito próxima.

Ao iniciar em tratamento, mais ou menos em maio de 2001, estava bem próximo de um colapso: os acontecimentos ligados a H. e M. quase foram o pretexto para descarregar problemas mal resolvidos ao longo de toda uma vida.

Foi exatamente com esse estado de espírito que cheguei para a primeira consulta. E ao iniciar o tratamento, tinha bem claro que não estava me consultando para obter um analgésico e sim por pretender fossem realizassem todas as incisões que se fizessem necessárias.

2. Relação psicóloga/paciente

Em razão de estar em uma situação limite, o meu desejo era encontrar uma profissional que realmente me encaminhasse aos pontos nodais a serem resolvidos, não permitindo que na hora h fugisse dos mesmos.

E você, nesse ponto, superou qualquer expectativa. Além, obviamente, da competência, duas palavras resumem as qualidades que você demonstra: firmeza e objetividade.

Confesso que, já ciente da minha inabilidade de lidar com sentimentos, desde o início sempre procurei ver a nossa relação de modo estritamente racional. Conforme tratarei no tópico seguinte, ao fazer essa espécie de resumo deparei-me com algo que nunca havia percebido de forma tão clara: para evitar frustrações e/ou resultados desastrosos decorrentes dessa inaptidão para lidar com a sentimentalidade, sujeitei-me, na maior parte de minhas relações

interpessoais, ao tratamento próprio dos alcoólicos, isto é, evitando o primeiro gole.

3. Evolução do tratamento

Ao iniciar o tratamento, o primeiro ponto que visualizei foi que a profusão de sentimentos, relações mal resolvidas e de fatos reprimidos formavam uma espécie de *alien*, alojado dentro de mim e que poderia aflorar a qualquer momento.

Isso para mim é uma questão praticamente superada. Hoje sinto que não tenho nada de tão monstruoso, ou ao menos, que sou capaz de administrar satisfatoriamente os sentimentos que tinha na conta de obscuros. Acho que sou “normal”, utilizando o termo no sentido de uma citação de Heber Soares Vargas, psiquiatra londrinense que li ao estudar para redigir uma decisão, e que para mim define o que penso do que seja a normalidade:

“Em Psiquiatria as pessoas consideradas essencialmente normais tem, em geral, um bom contato com a realidade, um razoável grau de sucesso ao lidar com problemas cotidianos e mantem-se bastante firmes quando sob tensão. Os indivíduos anormais também estão em contato com a realidade, embora sejam mais propensos a interpretar mal, fazer distorções e a enfrentar os problemas da vida cotidiana com graves dificuldades. Essa tênue demarcação é insuficiente, concorrendo muitas vezes para diagnósticos inseguros na prática psiquiátrica”.

Atualmente, seguindo o raciocínio iniciado no tópico anterior, veja como desafio aprender a lidar com os sentimentos visíveis, ao invés de tentar simplesmente escamoteá-los ou suprimi-los. Nesse capo, reconheço avanços quanto a raiva ou a impaciência, que já não guardo somente para mim e tenho externado com habilidade que reputo satisfatória.

Entretanto, tenho tido dificuldade para dosar a vontade de ser “bonzinho” com a de ser duro, ora exagerando em um lado, ora em outro.

Outro aspecto que esta mais nítido para mim e o de quanto me encastelei no trabalho, ambiente no qual me sinto mais a vontade. Embora isso seja nocivo, pois me limita e dificulta que venha a realizar outros desejos, acabo me rendendo a essa saída mais fácil. Descobrir como libertar-me dessa camisa-de-força e outro dos meus objetivos.

Por ultimo, tenho vontade de reduzir meu perfeccionismo e, nesse passo, conseguir conviver melhor com o plano real, com todas suas imperfeições. Agir levando em conta apenas o que seria ideal e racional, a par de imobilizar, já me levou a resultados práticos desfavoráveis.

2ª REDAÇÃO

A TERAPIA

O momento terapico para mim assumiu, ao longo do tempo, o espaço em que posso trazer à tona os aspectos que reputo mais sombrios da minha existência sem me preocupar com o juízo de valor a respeito deles.

Essa foi uma experiência que aos poucos tomou forma. A princípio, a terapia constituía, a meu ver, uma maneira de solucionar os problemas que me afligiam, tal como se vai a um médico e se pede um antibiótico.

Contudo, na medida em que as sessões foram sucedendo, comecei a descortinar que a maior fonte de aflição residia na incapacidade de lidar com os componentes de meu ser, em razão de temer que por detrás de cada um deles se escondesse algo terrível que, uma vez descoberto, seria minha caixa de pandora particular.

No atual estágio da terapia, sinto-me habilitado para aceitar a minha forma e trabalhá-la naquilo que não me satisfaz. Superei, pois, o medo que tinha de mim mesmo.

Acredito, assim, que esse resultado satisfatório, deve-se ao fato de ter conseguido deixar de mirar o resultado em si e deslocado o olhar para o procedimento para solver os problemas existentes e futuros. Mais que absolvição, a terapia me trouxe a possibilidade de, além de conseguir enxergar o bom e o mal que coexistem em mim, sem ser ofuscado por qualquer um deles, conseguir integrá-los e utilizá-los em meu favor. Eles já não são estranhos para mim e, por isso, por fazer parte da minha experiência, ajudam-me a superar os limites que eu tinha me imposto para garantir aquilo que considerava como equilíbrio e normalidade.

B) Material Empírico – Caso Clínico K.

1ª Sessão - dia 04/11

“... Eu não consigo me libertar, tirar isso que eu sinto de dentro de mim...”.

“... Parece que tudo que eu vivi a minha vida inteira faz com que eu sinta essas coisas, não consigo sentir nada que me faça feliz”.

“Não vou poder voltar atrás e parece que pode acontecer qualquer coisa, eu me casar, ter dinheiro, que nunca vou ser feliz,... sempre que eu sentir algo ruim as coisas ruins vão voltar juntas”.

“Não vou ter pai, mãe, carinho, essas coisas que eu não sinto...”.

= Fala da sua conversa com uma colega de trabalho

“Tinha decidido não contar mais nada da minha dor pra ninguém, mas se alguém me vê chorando e pergunta então eu conto”.

= Fala da tia V. que não a entende.

= Fala da amiga – tomou fluoxetina, inibiu o choro, não conseguia mais chorar, só que estava triste do mesmo jeito, mas conseguiu estudar um pouco.

= Não conseguia dormir – tomou um remédio e dormiu. Hoje está conseguindo estudar.

= Vai fazer as provas, não sabe se vai passar.

= A amiga diz: “Pensa uma coisa de cada vez, eu nunca imaginei que você estava sofrendo assim”.

“Eu queria ir embora, sinto que tô no lugar errado fazendo a coisa errada. Eu não quero passar por isso sem sofrer, eu não quero é sofrer”.

“Remédio eu não quero tomar, eu não acredito mais que as coisas podem mudar. Não tenho nenhuma pessoa no mundo por mim...”.

“Acho que quem teria que sentir isso por mim seria minha tia, avó e irmã, e elas não sentem. Amigo é amigo.”

2ª Sessão - dia 10/11

= Havíamos conversado anteriormente na possibilidade de K. fazer uma avaliação médica, a fim de que talvez pudesse acrescentar alguma informação nova. Então fez uma consulta com um psiquiatra.

“Não consigo entender como as pessoas conseguem viver com essa lei de causa e efeito”.

= Com a avaliação médica, fica diagnosticado uma depressão orgânica, e o médico prescreve a K. a medicação.

“... mas olha Merissa, não tem nada na vida que me faça ser uma solteirona feliz, nem Jesus Cristo... porque o que eu queria era tomar o remédio, melhorar da depressão e aí eu vou conseguir. Mas eu não acredito nisso. Simplesmente se tiver que acontecer vai ou não. Não acho que ficar menos deprimida vai facilitar, não tenho esperança...”.

“... não tenho coragem de me matar, mas queria me deixar morrer, assim talvez eu morresse logo, não tem nada que vai me fazer conseguir o que eu quero, eu tenho medo que não dê certo...”.

“... prolongar essa minha sobrevivência só vai me trazer mais sofrimento, para ver daqui a três anos a R. (amiga) casar, as meninas passarem num concurso daqui uns dois anos...”.

A consulta com esse psiquiatra mexeu muito com K, ela se referiu a relação entre eles como um atendimento formal, nada afetivo ou humanitário, bem indiferente. Mesmo não gostando, resolveu tomar o remédio prescrito. Chegou a voltar nele outra vez, mas a relação fria com o médico fez com que buscasse outro profissional – mais tarde foi ao psiquiatra da amiga continuando o tratamento.

3ª Sessão do dia 14/11

= Amiga percebe K. muito calada, triste, liga pra ela e se coloca a disposição.

“... você e a Y. (outra amiga) nunca me procuraram quando vocês tiveram problemas mais sérios. Não sei por que, mas eu nunca sirvo pra vocês nessa hora, e também porque vocês não podem me ajudar. Fico só me expondo e dando margem pra vocês ficarem me cobrando as coisas...”.

“... Quero ser senhora de mim tanto nas coisas boas quanto nas ruins. Mas ela disse que está pronta pra me ajudar e me convida pra irmos à Federação Espírita tomar um passe e assistir a uma palestra...”.

“... Não quero que ninguém saiba que eu estou fazendo essas coisas (buscando psiquiatra e tomando remédio), eu acho que nunca mais vou achar bom estar viva, contei por alto pra minha irmã, pra minha prima, mas não fez diferença nenhuma compartilhar com elas...”.

“... não sei mais o que é necessário, tô perdida e não tô com vontade de descobrir também, parece que é difícil demais mudar tudo pra me sentir melhor...”.

“... Minha irmã (C.) pensa igual a minha tia V., sei que tudo isso que contei o remédio, isso não fez diferença nenhuma no emocional dela, mas ela não se importa, e eu gostaria que ela se importasse...”.

“... para mim o que me faz adoecer é estar viva, não tem jeito, a minha família não vai entender isso nunca. Ninguém acha que a tia V. tinha que ser diferente, só eu acho, talvez eu tivesse que ser diferente, só que eu não quero. Estou com medo, estou com muito medo do estar sozinha, mas sei que estou. Tenho medo de não ter as reações que eu penso que eu teria. Não sei explicar mas tô sentindo muito medo...”

“... a L. (amiga) acha que eu devo ficar do jeito que eu estou, mas eu não consigo, tenho amigas que conseguem, eu não. As coisas me tocam muito mais fortes do que às outras pessoas, gosto das coisas bem definidas. Ela acha que está bom do jeito que está, mas eu não acho...”.

4ª Sessão - dia 24/11

“... não quero mais lutar, não quero mais nada. Não acho que o remédio está fazendo efeito...”.

“... não sei o que vai ser da minha vida, não sei. Eu tô solta no mundo, parece que não quero mais nada, a única coisa que quero é ficar em casa dormindo...”.

“... a prova de hoje, tô menos preocupada que a outra...”.

“... tô de saco cheio – acordar no mesmo lugar, viver, queria ser outra pessoa, viver em outra casa, ter um namorado...”.

“... sempre acontecia algo pra me tirar disso, mas agora tá difícil, e sair pra quê? Continuar aquela vida de antes pra quê? Por isso que eu falo que eu queria que isso me consumisse de vez. Não tenho pra quê querer melhorar. Tudo que eu tinha que fazer eu já fiz e eu vou melhorar prá continuar esperando...”

“... Olha só o que eu achava que podia melhorar aconteceu... a única coisa que eu poderia fazer por mim era suportar o fato da família não estar comigo, passar

num concurso, namorar, então melhorar pra quê? Pra estudar? O que eu sinto é que vou melhorar pra piorar de novo, porque o que me fez ficar assim não vai melhorar então pra quê melhorar? Não tenho perspectiva de que esse inferno vai acabar...”.

“... tô eu indo pra Patos de Minas (no Natal) como eu sempre fui. Eu sempre achei – não sei se é porque meus pais morreram quando eu tinha onze anos, e era muito criança, sempre achei que eu ia viver daquele jeito até um certo tempo, mas que depois ia melhorar...”

“... eu sonhava que aqueles pais não eram meus, que ia ser filha de um milionário, que eu ia ser modelo, ganhar na cena, que ia acontecer alguma coisa que ia mudar totalmente a minha vida, e essa vida eu não quero (choro)... vejo que na vida das pessoas mais cedo ou mais tarde as coisas se ajustam, na minha não, então não quero melhorar só dormir... se eu pudesse ficava assim a vida inteira...”.

5ª Sessão - dia 02/12

= Fala da dificuldade com o psiquiatra – diz que está ruim – foi quando resolveu trocar de médico.

= Conta sobre um casamento que foi, um rapaz com quem ficou conversando.

“... é bem mais novo que eu, é bem “peão”, 3º ano de Veterinária, masca fumo, uma coisa nada a ver, até acho que deve ser uma boa pessoa, mas nada a ver...”(o rapaz chegou até ela prá conversarem depois de ficar olhando muito)

“No mesmo dia teve a festa da B. – tem muito viado, ela bebe muito, ia rolar maconha, foi numa chácara – achei melhor não ir, fiquei no casamento...”.

“... domingo fui ao Shopping, 6ª fiquei em casa... fico correndo de chorar, nos primeiros dias o remédio estava me dando sono, de uns três dias pra cá não estou dormindo, não senti que os remédios melhoraram em nada...”.

“... não aparece comprador para a Fazenda, as dívidas vão aparecendo, não sei de onde vai sair o dinheiro... tirei 18º lugar na prova pra conciliadora e 21º pra secretária, não sei o que vai ser em janeiro...”.

“... não tenho vontade de fazer nada, nem tô a fim de fazer conta do meu dinheiro de dezembro pra fazer algumas compras de fim de ano. Estar de roupa nova ou velha não vai adiantar...”

“... saio na rua e vejo as coisas de Natal, não sinto nada. Antes nessa época quando abria a janela via esse clima, me vinham lembranças dos meus primos, era bom, hoje não sinto nada, não tenho esperança...”.

“... Não tô a fim de ir para Patos de Minas, não tô a fim dessa viagem, ao mesmo tempo que seria bom ir ficar lá com algumas pessoas tomando sol, mas ao mesmo tempo não tô a fim...”

= Fala que pode estudar para concurso junto com as amigas – “... queria tanto ter forças pra fazer isso, sei que ganharia mais, mas sei que o dinheiro pra mim é importante, não posso pagar, nem parar de trabalhar...”.

= Tp: terapeuta sublinha com a cliente essa fala: “queria tanto ter forças pra fazer isso...” – pontua que está um pouco diferente, pois semana passada não queria nada, hoje quer ter forças.

“... é incrível como eu perdi as esperanças, a força, parece que não acredito mais em nada, nas pessoas, mas o que eu queria mesmo era não ter que tentar ficar quieta no meu canto, acho que nunca mais vou acreditar nas coisas como eu acreditava, parece que nunca mais vou ter momentos felizes...”.

“... não estou conversando nisso com ninguém, só com você. Quando encontro com as meninas finjo que não está existindo nada disso. Minha tia, minha avó, nem sonham...”.

“... eu queria que acabasse sabe, e como eu acho que é impossível voltar a ter os sentimentos que eu tinha como sei que não vão voltar, queria que Deus acabasse com a minha vida pra mim...”.

= Volta a falar do rapaz na festa...

“... acho que não foi nada a ver, acho que ele tava olhando pra tudo e qualquer mulher na festa, eu olhei e ele veio...”.

“Liguei pra ele depois, foi mais ou menos. Ele é engraçado, me deixou a vontade, não sei se vou sair com ele não. O que eu queria era sentir um encantamento, algo de bom na vida, sair com ele não vai me trazer nada de bom...”.

“... está sendo pior agora, antes eu acreditava em algo que poderia melhorar, me agarrava a algo em especial, hoje não vejo nada...”.

“... para mim não tem sentido, não consigo arrumar um motivo para melhorar a vida que levo. A única coisa que posso fazer por mim é estudar, mas não melhora - o que me faz sentir assim é a falta de amor, a falta de vida, é coisa demais que eu fui guardando, é como se fosse 70% de mim, os outros 30% não dou conta, não consigo virar o jogo, parece que nada nem um namorado, nem um emprego vão conseguir melhorar o que já passei e o que sinto. Parece que não quero mais viver. E a minha relação com a vida é essa, já falaram demais pra mim que eu não sou boa, pra eu poder viver parece que eu teria que ver o contrário disso apesar de que na minha casa isso continua acontecendo...”.

“... não consigo construir outra pessoa na base que eu tenho, não quero mais fingir de viver, prefiro não passar por nada. O último momento bom que vivi na minha vida foi aquele churrasco do A. (um primo de quem gostava muito se davam bem e foi a trabalho para o Sudão)...acho que nunca mais vou me sentir daquele jeito. A criança feia, rejeitada, não está no lado de fora, ela está dentro de mim...o que me falta é a vida que eu não tive, e que me fez perder toda a graça desse mundo. Eu acreditei com 13 anos que aquelas perdas não eram pra sempre e eu não aceito mais. Eu tanto aceitei que eu tô aqui, que eu consegui estudar, que não usei drogas, nem saí por aí me prostituindo, eu acreditava que ia melhorar, mas só que isso não acontece, e eu cansei de esperar, e eu fui perdendo a cada dia, hoje eu sinto que perdi a graça de viver, e viver na casa da minha avó até vender a fazenda sem perspectiva de um namorado, tenho uma

possibilidade de ficar só, de ficar na minha avó naquela casa, e estudando pra concurso, isso não é vida, eu não quero viver assim, porque viver assim é viver perdendo...”

Nesta sessão K. mesmo tomando o medicamento estava “muito” deprimida e fiquei bastante preocupada com o que K. poderia fazer com sua vida, então conversamos muito a respeito de alguém estar sabendo, assim como eu estava, de tudo que naquele momento K. estava passando e sentindo, mas ela não aceitava a possibilidade, até porque considerava que já havia por orientação minha, compartilhado com a tia e a irmã sobre a medicação e que elas nem se importaram com o fato, ignorando tal assunto. Mas como K. iria viajar e estava muito mal resolvi propor que conversássemos com outra pessoa sobre seu estado (até mesmo para nossa segurança, pois ela estava bastante deprimida), alguém que fosse viajar com K. e com quem pudesse eventualmente conversar e compartilhar suas angústias nesses dias. Resolvemos que seria com uma prima, e interessante que K., depois de relutar, mas acatando a idéia começou a ver isso como algo positivo para si, a sensação que eu tinha é que ter alguém que se interessava e preocupava com ela deixava-a melhor.

Durante a viagem K. relatou se sentir muito só em meio a muita gente, e durante seu retorno de carro com a família me mandou uma mensagem pelo celular dizendo que estava retornando do mesmo jeito de quando viajara, que nada havia mudado e que estava muito sem esperanças para esse novo ano. Voltamos a nos encontrar no início de março.

6ª Sessão - dia 19/03/2004

= Chega atrasada a essa sessão que se torna bem curta.

= Rapidamente fala do seu fim de ano, sem entusiasmo e querendo mudar o assunto.

= Fala de uma grande amiga que passou num concurso e foi embora para o Acre. “Eu ainda não tô sentindo falta dela – conversávamos mais por telefone, ainda não deu tempo...”.

“Estou aí do mesmo jeito, estudando, trabalhando e indo para a Academia...”.

“... não te conto! Lembra do H. (um rapaz com quem ela ficou e logo ele viajou prá França), ele me escreveu – compartilha os detalhes bem alegre...”.

“... em casa tá do mesmo jeito... minha irmã está feliz em Viçosa, minha tia está sem dinheiro...”.

“... esse ano tô muito nem aí, não vou me preocupar com problemas que não são meus e que não tem jeito de resolver... as fazendas já estão à venda, o que mais posso fazer?”

“... tô bem, tô mais tranqüila, não sei o que é não sei se é previsão boa de futuro, parece que foi um milagre...”.

“... não vejo mais os meninos intocáveis, parece que as pessoas são pessoas normais, daí não me fazer falta não ter ninguém. Parece que hoje não falta tanta coisa, mas não é tão fundamental ter alguém, hoje se eu não me casar, acho que não vou morrer...”

7ª Sessão - dia 26/03

“... duas coisas que me deixam triste com relação ao mundo – não sei se só comigo ou com as pessoas também acontecem isso...”.

“... acho, parece que tão subestimando a minha inteligência. Ando tendo muito choque com as pessoas, será que as pessoas acham que eu acredito nas coisas que elas dizem? Sempre foi muito bom trabalhar com as pessoas humildes, mas tenho me sentido mal agora. Parece que tão curtindo com a minha cara, “será que as pessoas são ignorantes, ou estão fazendo de bôbos prá viver”? Lá na conciliação é um órgão do Judiciário, mas parece que as pessoas curtem com a nossa cara nas audiências – no jornal, na TV, será que o mundo está assim?”

Parece que eu tenho vontade de subir mais um nível, parece que tô convivendo com tantas pessoas pobres de espírito... tô querendo o concurso do STF, em Brasília parece que as pessoas são mais cultas, menos medíocres, mais envolvidas com coisas importantes.

Ex: Uma pessoa que conhece minha avó, e sabe que ela ganha um salário mínimo, quer que ela pague o dízimo – eu perguntei a ela: “vó, a senhora sabe pra onde vai esse dinheiro?”

“... no juizado acontece muito de pessoas fazerem negócios malucos e fazer os outros de bôbo... veja a estória das bolsas universitárias...”.

“... Pra onde vai o mundo? Lá no Juizado cheguei a seguinte conclusão: não passou as seis horas no juizado – estamos fazendo sete horas corridas. Eu e a D. temos que cumprir oito horas, não tem lei, os outros não. Eu não tô aqui de favor, eu ralei, eu prestei concurso, parece que fazem de tudo pra que a gente saia. Eu vou fazer o que minha consciência mandar, vou continuar a estudar. Meu pai ralou muito, minha mãe ralou muito, e eu também, eu acho que eu tenho obrigação de conseguir algo melhor. Se o pessoal do TJ achar que isso é motivo de perder a minha função não tô nem aí, vou estudar para um cargo melhor. Meu pai trabalhou tanto, pelo menos uma vantagem eu vou ter que ter deles terem morrido cedo, vou vender as fazendas, vou ficar numa condição melhor e vou estudar, você tem que fazer aquilo que te compete, não mais do que aquilo, não vou gastar meus neurônios, não vou arrumar nem uma ruga por isso, vou fazer só minha obrigação. Eu não preciso disso, vou estudar pro meu concurso, acho que fico me desgastando por coisas muito a toa, percebi que me esforçando as pessoas estão tirando proveito em cima de mim...”

“... tô sentindo obrigação, pela inteligência que Deus me deu, pela perspicácia, estou sentindo cada vez mais a necessidade de conviver com gente mais elegante, não é rica não, com mais “sabedoria”, e isso não quer dizer mais instrução. As pessoas são muito pobres em sabedoria. O povo que está acima de

mim, o presidente do Tribunal e as partes com quem trabalho são tão pobres de espírito.....”

“Se as fazendas forem vendidas até o fim do ano – vou comprar um ou dois apartamentos, e se o aluguel disso der para comer e morar vou pedir licença não remunerada e vou pra Brasília morar numa kitinete e estudar pro meu concurso. Investir numa coisa melhor, eu vou fazer um sacrifício...”

“... eu acho que eu tenho obrigação por tudo que eu recebi, pelo meu pai, pela minha mãe, não quero ficar medíocre, por medo de ficar só, de não casar, de passar dificuldade. Acho que mereço passar, tenho todo direito de tentar. Se a vida tiver me dando os instrumentos, acho que tenho que tentar, é isso, tô determinada. Não quero mais ficar dispendo do meu corpo, da minha cabeça, da minha energia, com coisas que não compensam. Quero conseguir não deixar nada me abater – quero viver mais leve, tô te falando isso desde o início do ano. Quero amadurecer, deixando de ser infantil, tenho que fazer minha parte, só assim vou subir os degraus, ficar feliz, só assim vou deixar de estar com tudo ao meu favor e me permitir receber isso...”

“... bom, tenho um outro tópico que ainda não consegui concluir na minha cabeça, quero sua ajuda...”

“... não consigo me colocar no lugar do outro. Ex: Prima – M. Eu estava como a M. está, insuportável, só que por outro motivo. A R.(amiga) fez comigo o que tô fazendo com a M., e eu sofria muito. Não queria fazer isso com a M”.

“A R. me disse que se sentia mal de estar de namorado perto de mim por eu estar sem. Eu deixava tão claro isso pra R. que ela se sentia mal. Eu queria que ela entendesse que me fazia sofrer, hoje eu fico pensando o quanto eu era imatura, infantil... Hoje eu vejo que cheguei a correr o risco de perder a amizade da R. Ela não podia me contar nada sobre o namoro que eu mudava, ficava triste, chateada, e ela percebeu e se afastou de mim. Claro, quando se está vivendo algo bom, como um bom namoro, a gente quer compartilhar com as amigas. Isso eu não percebia, só olhava pra mim e me sentia mal...”

“Com a M. tem acontecido o inverso, hoje eu estou bem, e ela está péssima, agressiva, por estar gorda e agora fazendo regime. A M. me faz sentir mal de trocar de roupa na frente dela, me sinto mal por ser magra e não gorda como ela. Não acho isso certo, eu me sentir mal por ela estar se sentindo mal. Quero encontrar uma forma de ajudá-la, de dizer pra ela o que me faz mal. Tudo que eu falo ela reclama, como eu fazia. O ideal de corpo dela é o meu. É muito difícil, ela está fazendo regime e está difícil. Como ela não está comendo o jeito dela de reclamar é sendo chata, soltando a agressividade dela prá cima de mim. Eu sei que não é fácil, eu já tive no lugar dela. Dá vontade de dizer: “ei, é só parar de comer, minha filha... (arruma um namorado – já pensou se a R. falasse isso naquela época, era o que tava difícil pra mim.) – não quero fazer isso. Eu consigo entender, mas não consigo ajudar. Parando de conversar com ela, isso eu não quero, e falando com ela , ela só me agredi. O quê que eu faço? Eu engordo, paro de comer? O quê que eu faço?”.

= Tp: O quê aconteceu com você? O que você fez? Vamos nos lembrar da sua experiência...

“Cheguei no fundo do poço. Acho que vou ter que estar perto da minha prima e esperar que aconteça com ela o que aconteceu comigo. Não adianta falar pra ela, não adiantava falar pra mim. Sei que não tem jeito, só está na minha cabeça por experiência, acho que tem que esperar ela, me sinto bem e gostaria de ajudá-la. Tenho medo de não conseguir me calar, de não ter paciência, de fazer com ela o que a R. fez comigo – vazou, parou de falar sobre o namoro pra mim – agora que tô melhor é que ela falou tudo isso pra mim.”

=Tp: E o que foi que aconteceu com você durante esse afastamento?

“... foi a melhor coisa do mundo, parei de ser obrigada a ouvir coisas num momento em que eu não estava preparada para – tive consciência de que fui egoísta, sei que ela sofreu. Conversando agora conseguimos voltar à amizade, todas as duas amadureceram. Poderia ter acontecido também de nunca mais termos voltado à amizade, não houve perda, poderia ter havido. Com a M. não

sei se me afastando se vai ter volta depois. Ela é minha prima, mora na minha casa, está no meu quarto... ela é muito infantil, ela vai ter uma estrada grande para chegar no meu nível, tenho medo de uma mágoa que pode não se reverter nunca”.

=Tp: A sessão foi encerrada após a terapeuta marcar dois pontos importantes com a cliente. O que realmente poderia ser feito por M. e que estaria ao alcance de K., e o que ajudaria a prima sem prejudicar K.

8ª Sessão - dia 02/04/2004

“Essa semana foi complicada, Merissa, olha só, por causa da M. (prima). Ela começou a dar os “estrimiliques” dela... passar mal na escola... ela é muito ansiosa...”.

- Pede K. para marcar psiquiatra e psicólogo para ela.

“É engraçado porque eu tinha pavor de tomar remédio, a M., tudo que ela queria era estar tomando remédio, você precisa ver a felicidade dela por isso... cada um é de um jeito...”.

* Vai ao psiquiatra da K. Gostou muito do médico da prima. Pede para K. marcar um horário com Merissa. K. liga para a secretária, vê os horários, retorna para a prima e essa contemporiza querendo um horário às 6^{as} depois do horário de K., pois essa levaria a prima e ficaria esperando o final de sua sessão para irem embora juntas.

K. pede para M. ligar e se ajeitar – M. vê que realmente não tem jeito, mas em função da propaganda que K. fez da terapeuta, M. diz que só serve se for com esta. K. contemporiza com M. mostrando as dificuldades e impedimentos de horário e condução.

K. se irrita por M. ser tão dependente e diz:

“... eu não sei se é porque eu tive que ser muito independente muito cedo, então assim essa dependência da M. ela me sufoca um pouco, sabe. Será que a M. não

se toca, por exemplo, que eu não posso perder uma hora do meu tempo lá na Merissa sem fazer nada só esperando ela! E outra, Merissa, meu tio paga escola pra ela caro, paga regime, paga remédio, paga um monte de coisas e ela tem que entender que ela tem que ir numa psicóloga que atenda convênio, isso assim é uma coisa óbvia, sabe,... eu tô vindo aqui, mas meu caso foi especial, ela tem que entender que tem que buscar um convênio. Vai em uma, vai em outra até ela gostar, não é possível que ela não vai gostar de nenhuma, sabe,..... e de preferência que fosse ali por perto lá de casa, ou da escola dela, pra ela ir de ônibus e voltar, umas coisas que eu fico assim indignada, sabe.”

= Tp: “Mas o quê parece que ela está querendo?”.

“O quê que ela quer? Ela quer um horário depois do meu pra vir comigo e depois eu ficar aqui esperando pra ela voltar comigo.”

= Tp: “O quê que ela quer K.”?

“Ah! Não sei...”.

= Tp: “Ela quer o nome e o telefone do seu psiquiatra e ela vai nele, ela quer a sua psicóloga e só serve se for ela... percebe...”.

“Parece que ela quer ser eu, sabe Merissa, e isso me incomoda de um tanto, sabe. E eu fiquei pensando comigo mesma, não pode, imagina Merissa eu entro aqui falo mal dela uma hora e depois ela entra (ri um pouco nervosa), sabe, acho que até você vai ficar doida, entendeu, assim umas coisas sabe, e eu fico assim... porque tem coisas que é muito difícil pra mim, da mesma forma que eu imagino que era muito difícil pra minha tia, porque, por exemplo, a minha tia achava que eu tinha tudo, ela não entendia, porque ela não reconhecia o sofrimento que eu sentia porque ela nunca sentiu nada parecido, então assim, essa dependência da M. pra mim é muito difícil porque apesar de eu saber que ela sofre como eu sofria assim, as pessoas não entenderem e tal... pra mim é muito angustiante, é muito diferente, é discrepante do que eu vivi, entendeu, assim, assim como eu tive que ser independente muito cedo é muito difícil lidar com essa dependência excessiva que ela tem, entendeu, porque uma coisa que eu nunca tive foi essa

dependência, então assim é muito difícil pra mim, sabe, é muito difícil. Toda hora que eu chego lá que eu vejo que ela tá lá... não sei parece que ela não tem atitude, sabe, assim, simplesmente a ficha dela não cai, a ficha dela não cai, ela não imagina que ela está incomodando, é isso, ela não imagina, porque tem uma coisa na M. que eu não dou conta porque é muito diferente de mim, por exemplo, a M. ela chega em casa e fica a tarde inteira de uniforme, sabe aquela pessoa que nem tira o uniforme, eu não dou conta, a primeira coisa que eu faço quando chego em casa é tirar a roupa que eu tava, tomar um banho, ela não.....(dá outros exemplos de extrema folga e desleixo da prima) – é difícil pra mim porque, porque eu imagino, eu sei que ela está sofrendo, tanto quanto eu sofri, acontece que ela é muito diferente de mim, ela é muito desorganizada, sabe, ela é muito dependente, e ela é muito folgada, e isso me incomoda, porque eu sou muito diferente disso, porque eu sou muito organizada, eu sou muito crítica e sempre fui muito independente, então pra mim é muito difícil lidar com essa dependência dela, é muito angustiante, assim.....(continua dando exemplos de dependência e de folga da prima.....)”.

É muito interessante como K. está tocada pela dificuldade da prima vivenciada segundo ela, na mesma proporção, só que num pólo totalmente oposto.

“... sabe Merissa a Y. (amiga) me falou uma coisa e é verdade... eu tô estudando pra concurso, e ela disse: ‘K., não adianta, passa em concurso quem é egoísta, sabe, se você ficar abrindo exceções você não vai conseguir estudar, sabe, porque você perde o ‘ritmo’ e é Merissa, assim, porque por exemplo lá em casa todo mundo me vigia o tempo inteiro, se eu tô cansada um dia ou não estou muito bem, não quero estudar, eu tô vendo que eu não posso por exemplo não posso mais falar assim que hoje eu não vou estudar, hoje vou descansar, amanhã eu estudo, porque assim, parece que eu não sou dona do meu dia de amanhã, entendeu, porque aí eu não estudei no dia que eu estava cansada e aí por

exemplo se for um dia que a M. quer ir a algum lugar ou a minha vó tem que ir ao médico, o quê que acontece, eu não tenho coragem de dizer - hoje eu não vou porque eu programei de estudar, porque aí fica todo mundo me olhando com aquela cara de “é, né, ontem você ficou o dia inteiro a toa e agora não pode levar a vó porque tem que estudar”! - sabe, eu não sou dona de mim, assim, acho que o único jeito de eu conseguir, poder não querer fazer as coisas lá em casa era se eu por exemplo estudasse todos os dias, e todos os segundos, entendeu. Porque aí eu poderia dizer que eu não ia porque aí eu realmente estava estudando, mas pra isso eu tenho que estudar o dia inteiro e toda hora, não posso querer ver um filme, e deixar pra estudar a noite, porque a noite pode ser que precisem de mim e eu não tenho coragem de dizer não, porque eu fiquei a tarde inteira sem estudar porque eu quis ver um filme e agora que ela pede pra eu fazer alguma coisa eu não posso porque tenho que estudar, sabe. Das duas uma, ou você estuda 24 horas. por dia, ou você se isola, ou então tem uma família igual a da R., a mãe da R. não pede uma linha pra ela, ela não tem que fazer nada, só estudar. Minha tia até que não me pede muita coisa não, mas a M., ela acha que eu estou por conta....”

= Tp: “E você está por conta dela”?

“Ué, tô né.”

= Tp: “E o fato é que você está”.

“Eu não tenho coragem de falar que não”. (continua exemplificando a sua falta de coragem de dizer não em relação aos pedidos da prima). “Eu não consigo falar não pra M. e ela não desconfia, então cada vez mais eu tô com vontade de ficar sozinha. Eu acho horrível, porque acho assim que só quando a gente tá sozinha é que a gente vê o valor da família da gente né, mas eu acho assim, às vezes eu rezo sabe, pedindo pra minha tia ir pra Patos, a minha avó também pra ver se eu consigo estudar”.

= Tp: “E aí vão ficar você e a M”!

“Não, aí vou ficar só eu... se ela não passar no vestibular eu não sei se ela fica em Goiânia, e se eu tiver que morar com ela, meu tio vai ter que pagar um aptº do lado do cursinho dela e pagar uma empregada, não vou morar com ela pra ser mãe dela não. Meu tio fez muita coisa por mim, eu reconheço, eu agradeço, mas não é por isso que vou deixar de viver minha vida pra tomar conta da M. Como que eu vou fazer uma coisa dessas?”

= Tp: “Embora você já esteja tomando de alguma forma”!

“É, embora já esteja fazendo, né! Porque tá dum jeito que...”.

= Tp: “Você gostaria mesmo que eu a atendesse, K.”?

“Não... (dá uma risada...), mas eu não tenho coragem de dizer pra ela... como é que eu vou dizer isso pra ela”?

= Tp: “E realmente eu não tenho horário...”.

“Eu tô achando ótimo, porque aí não tem jeito dela vir...”.

= Tp: “Mas não dá pra você dizer: “M. é o meu processo, meu processo é com ela e eu não gostaria que você estivesse com ela também nesse momento...”.

“Eu não tenho coragem de falar, se eu falar isso com ela, ela chora três dias e não conversa comigo nunca mais... a M. é muito infantil, Merissa, infelizmente não a culpo, é criação, ela tem que amadurecer, ela é sonsa, não é que está incomodando e fingi que não sabe não, ela não imagina mesmo, ela não vê, ela é muito imatura...”.

= Tp: “E você vai continuar alimentando a imaturidade dela... como é pra você dizer pra ela: “M. hoje eu não posso realmente...”

“Eu tenho medo da repercussão disso, meu tio ficar sabendo e dizer: “Nossa, a K. não pode levar a M., fiz tanta coisa pra ela...” e também da tia V., o que ela vai pensar, porque eu não sou uma pessoa que fica o dia inteiro em cima dos livros, então o fato de falar não porque eu tenho que estudar não é uma boa justificativa lá em casa. Pra ser eu teria que estudar o dia inteiro, toda hora, mas como não é... e essa semana foi especificamente irritante, tudo que eu programei tive que desprogramar pra levar minha avó no médico... é muito difícil... E esse

negócio da M. ta me desorientando um pouco, acho que não tinha que ser assim eu fazendo meus horários em função da M., acho que ela tinha que se tocar.....já tentei organizar nossos horários mas não adianta....

Eu sei que se eu for morar sozinha, eu sei que eu vou sentir muita solidão, sabe, mas às vezes eu acho que se isso não acontecer eu não vou passar num concurso nunca, entendeu! Porque continuar estudando desse jeito eu não vou passar nunca, e eu não sei como estudar mais sem magoar as pessoas lá em casa. É muito ruim porque tudo que eu queria na vida era ser Delegada Federal, e se eu não passar esse ano só vai ter outro concurso daqui dois anos, e eu queria passar nesse. A sensação é essa, se eu não ficar sozinha pra estudar não vou conseguir... cada vez eu penso mais nesse negócio que se vender a fazenda eu posso comprar um aptº, alugar e ficar morando numa kitinete em Brasília só estudando, porque aí eu posso estudar e fazer academia, daí posso estudar e me preparar para a parte física.....a fazenda parece mesmo que vai ser vendida, foi feito uma proposta que os meus tios e eu achamos que é muito boa, mas mesmo assim não sei como vão ficar as coisas, ta demorando demais,a M. ta me sufocando, mas o resto ta bem, tô tranqüila, agora com ela não sei o que fazer.....”

= Tp: Mas quando você fala “não sei o que fazer”, parece que fazer alguma coisa é sinal de ofender, e “ofender eu penso no meu tio que fez tanta coisa por mim”, é isso que você colocou. Você está falando de uma coisa que está na sua cabeça: ‘se eu disser não, vai acontecer isso, isso, e isso’... você não experimentou nada, de nenhuma forma... você ainda não disse não pra nenhum dos pedidos dela, e você está querendo o respeito e compreensão das pessoas sem você própria se dar o respeito, você está chegando ao seu limite”.

“Eu posso começar a tentar, né, dizer não pra ela...”.

= Tp: “Pelo menos numa situação em que você se sinta um pouco mais encorajada e ver o que acontece. O que seria, por exemplo”?

“Não sei, eu teria que ver... Eu detesto ter que acordar cedo, acordo porque tenho que acordar, sabe aí o que acontece, no sábado eu dormia até mais tarde, pra estudar na parte da tarde, só que aí a tarde ela precisava de mim pra fazer alguma coisa, aí eu não tenho como virar e dizer “não, eu tenho que estudar”, porque daí ela olha pra mim com aquela cara de “uhum, se você quisesse tanto estudar você tinha acordado cedo e tava estudando desde manhã”, sabe, ai Deus! é muito complicado, porque eu não sou dona dos meus horários, sou a partir do momento que ninguém precise de alguma coisa, mas assim se quiser aí eu não posso...”

= Tp: “Então você não é dona dos seus horários... só é até que alguém te peça algo, não é você quem diz: agora eu vou fazer isso, agora mesmo aquilo... tudo bem pra você, por exemplo, hoje ficar sentada a tarde assistindo um filme e amanhã estudar”?

“Pra mim tudo bem, isso vai muito de cada um... às vezes eu tô muito cansada...”

= Tp: “E quando o outro diz pra você - “ah! Mas ontem você não estudou?” Isso mexe com você...”

“Mexe, eu sei que as pessoas não entendem, sabe Merissa...”

= Tp: “Você entende”?

“Ah?... (se assusta com a pergunta...)... eu entendo, mas parece que... não sei... eu às vezes me sinto obrigada, parece que o certo seria mesmo estar estudando todo dia toda hora, entendeu! Então parece assim que se eu abri mão de estudar pra assistir um filme, porque que eu não vou abrir mão de estudar, entendeu... é como se eu não tivesse como me justificar, realmente, porque que eu abri mão de estudar pra assistir um filme, porque não abrir mão pra levar minha avó ao médico, porque se eu não abrisse mão de estudar pra nada, aí tudo bem...”

= Tp: “Justificaria pra você dizer isso para os outros...”

“Olha, eu não tô abrindo mão pra nada, então não tem jeito...”

= Tp: “Você está percebendo então K., nem pra você é justificável, nem pra você... abrir mão da sua tarde de estudo hoje porque você está cansada, é 6ª

feira, e você quer ver um filme, não justifica. Então você não consegue quando alguém te pede algo, dizer não, porque nem você acha que justifica... você acha que tinha que estar estudando todos os dias.....é isso K”?

“É, teria primeiro que partir de mim, né... pois é... é estranho, é como minha amiga diz, a gente sabe que a gente precisa, mas a gente já é tão moldada pra estudar todos os dias e a gente se cobra tanto... eu sei que eu tenho esse direito de descansar, mas assim o que eu me cobro o que eu acho que seria o ideal era eu estudar todos os dias e é isso que eu sei que é o ideal na cabeça de todo mundo... então eu não consigo dizer pra minha tia: olha, eu não estudei porque eu estava muito cansada, porque eu não estava a fim, mas hoje eu tenho que estudar e não posso levar minha avó no médico... não consigo... não tem jeito...”.

= Tp: “Mas com relação a M. tente experimentar, e ver o quê que dá pra fazer e como você se sente ao fazer...”.

- Interessante que K. consegue perceber quando a tia faz por M. coisas que não deveria, critica, aponta, fica indignada, mas com relação a si e as coisas que tem feito para M., principalmente, não consegue fazer diferente.

“Acho que uma coisa que me sufoca muito é o fato da M. querer ser igual a mim, aí Merissa, me dá um desespero, não sei como lidar com isso, nunca tive ninguém querendo ser igual a mim, aliás, totalmente ao contrário, então eu não sei lidar com isso, sabe, eu sei que não é por maldade, mas, às vezes eu me sinto ‘vuduzada’, é muito estranho.....às vezes eu pego a M. me olhando e sofrendo, sabe, é muito ruim, sei lá”.

“Ela é muito diferente de mim, ela é muito bagunçada, desorganizada, e eu não agüento isso... um dia eu estava arrumando pra sair e ela chegou da academia, suja, suada, e deitou na minha cama em cima do meu travesseiro, Merissa, eu pensei que eu fosse ‘chutar a M.’, eu sou muito enjoada com o meu travesseiro,

aí eu falei: “Não senhora, pode sair da minha cama, suja, suada no meu travesseiro, não , não, aí eu falei...”.

= Tp: “E como ela reagiu?”.

“Não, ela reagiu de boa...”.

= Tp: “Então K. percebe, você pode tentar... ela é imatura, como você diz, talvez realmente o que falte a ela são os limites.....”

“Tenho dó dela, se ela fosse morar numa república ela ia sofrer... parece que não, mas eu gosto muito dela... mas não dá... a K. (irmã de K.) consegue dizer tudo pra M...”.

= Tp: “Vai ficar como exercício pra semana tentar descobrir a sua forma... experimenta... ao experimentar veja como você se sente... isso pode ir te dando forças pra descobrir a sua forma... e não a da K. (irmã)...”.

9ª Sessão - dia 07/04/2004

“Hoje estou me sentindo melhor assim, né, primeiro porque a M. viajou, aí Merissa eu fiquei me sentindo tão mal aquele dia que eu saí daqui – duas coisas: por causa da M., por ela não poder fazer terapia com você e.....é, eu cheguei em casa e disse a ela: “olha M. tenho duas notícias ruins pra te dar, primeiro que a Merissa não vai poder te atender na 4ª e segundo que o plano de saúde não cobre psicólogo, e ela disse que então vai deixar quieto.....depois vi ela conversando com uma prima pra arrumar uma psicóloga pra ela.....aí sabe, fiquei me sentindo culpada, parece assim que eu não me esforcei, eu poderia ter insistido pra você atender ela, fiquei me sentindo egoísta, aí quando eu precisei, agora eu não vou ajudar....ficou parecendo que eu não tinha feito o suficiente pra ajudar a M., não falei nada, mas me senti assim.....(K. ainda ficou pensando numa forma de ajudá-la, emprestando seu próprio carro, etc. mas não conseguiu).....parece que ela não está indo a uma psicóloga porque eu não dei força o suficiente pra isso, mais ou menos isso.....ontem ela viajou e aí deixei

isso mais quieto, mesmo porque depois daquele dia ela foi a nutricionista e ela emagreceu consideravelmente, ela foi ao psiquiatra e ta tomando remédio pra ficar mais calma, e parece que ela ta melhor, estava radiante esta semana.....está mais feliz, e eu não me senti tão mal, e sei que se ela não vier aqui ela não vai em outra psicóloga. Fiquei me sentindo egoísta, será que eu tenho o direito de fazer ela ficar sem essa ajuda porque você é a minha psicóloga, porque é o meu lugar, assim, porque é um lugar que é totalmente diferente de tudo lá de casa, dos meus amigos? “E parece que se a M. vier não vai ser mais tão meu assim, sabe,...”.

“Olhando por aí eu não queria que ela viesse, mais eu não sei se isso é justo, não sei se isso é certo, sabe, porque uma coisa é uma tia ou outra pessoa da família vir aqui com um problema totalmente diferente do meu, nada a ver, mas a M. não, a M. é muito igual, eu acho que ela queria ficar conversando comigo, tenho a sensação que ela ia ficar me perguntando umas coisas, e mesmo pelo fato da imaturidade dela eu acho que ela não ia conseguir abstrair, e eu não queria isso.....parece que eu não queria que ela viesse, parece que ia ficar muito.....mas eu não sei se isso é certo.....”

= Tp: “Você não tem o direito de querer isso, já que existem tantos profissionais, e como você mesma disse, já que eu não sou a única?”.

“Pois é, mas eu fico achando que eu não tenho o direito de fazer isso, acho que isso vai impedir a M. de ter o tratamento, porque se ela não vier aqui eu sei que ela não vai à outra, eu conheço a M., ela não tem atitude, eu sei que ela não vai...”.

= Tp: “Embora você a tenha visto perguntando pra sua prima sobre outra psicóloga...”.

“É, eu peguei ela lamentando, mas minha prima não vai arrumar pra ela, ela não tava pedindo uma informação, ela tava se lamentando... eu fico sem saber o que fazer, por isso achei melhor ela viajar ir conversar com o pai dela, talvez ela volte melhor, talvez conversando só com a nutricionista e com o psiquiatra ela

fique melhor, seja suficiente. Mas eu não sei se isso é verdade, parece que eu quis acreditar nisso pra não achar que eu fiz uma coisa ruim....”

= Tp: “Mas ela ir ao seu psiquiatra não teve pra você a mesma conotação de ela vir aqui?”.

“Não porque no Drº J. M. não é tão profundo, acho que ele nem lembra da minha cara, eu fui lá uma vez e não é tão profundo, eu não vou lá toda semana, ele é médico, sabe, foi mais por causa do remédio, pra mim não tem problema ela ir lá, mas não sei.....mas eu acharia melhor se ela fosse em outra pessoa, eu acho que por isso mesmo assim, talvez seja um pouco essa birra que eu tenho por essa admiração que a M. tem por mim, parece que eu quero ficar o mais independente, parece que eu não quero compartilhar tanta coisa com a M. porque ela me sufoca um pouco.....a sensação que eu tenho é que ela quer vir aqui porque é a minha psicóloga, e isso me agonia, ela querer ter as minhas coisas, querer ficar igual a mim, me angustia isso.....”

= Tp: “Tem alguma coisa na nossa relação que você não gostaria que passasse a ter, por exemplo, numa relação minha com ela?”.

“Não... sabe, ah não sei, talvez até tenha, mas eu não sei isso pode ser uma ilusão da minha parte assim, sabe, ah não sei, às vezes eu acho que a gente tem um entendimento muito bom, você consegue perceber umas coisas em mim assim que, sabe, é muito mais sabe acho até que de terapia em si, e eu não que sei às vezes eu fico pensando que é só comigo, mas não deve ser assim, com seus outros pacientes você deve ter a mesma coisa sabe, e eu acho que não seria isso que me deixaria incomodada, o fato de você ter isso com outras pessoas, não, sabe, mais não sei é o fato, não sei explicar, mas é o fato, sabe parece que vai interferir, de ser muito parecida, aí eu não queria, queria que ela fosse independente de mim,sabe, parece que eu fico querendo cortar o máximo de laços possíveis.....(dá exemplos de como a M. ficou tentando participar das coisa de K. esses dias)” – parece que tem que ser igual o meu, acho que também é um pouco de imaturidade minha, mas me incomoda.....é muito

estranho.....eu fico querendo que ela não venha mas não acho que isso não é muito forte pra ela não vir.....deixa eu ti contar outra coisa.....tenho um encontro marcado para sábado.....(e conta sobre um rapaz que já conhecia desde o 2º grau, muito bonito e que também está estudando pra concurso no Direito como ela, o rapaz ligou pra ela e convidou-a pra sair)”.

“Agora, Merissa, não sei o que eu faço, não sei se eu vou, não sei se não vou, não sei aonde eu vou... não sei tenho medo de ir sabe, por que essa semana não estudei nada, essa semana não tive vontade de estudar aí sabe quando vem uns pensamentos assim na sua cabeça, gente eu já tentei começar a estudar umas três vezes, aí acontece alguma coisa e eu paro de estudar, fico jogando a culpa assim as vezes na minha família, quem dera se eu não estudasse apenas no dia que minha família me pede alguma coisa, eu não estudo é porque eu não quero mesmo, porque tenho preguiça..... aí eu fiquei me sentindo assim acho que eu nunca vou ser assim a estudante, sabe, parece que eu não nasci pra isso, parece que eu nunca vou conseguir estudar como as meninas, sabe eu tava meio desistindo antes de começar, será que se eu pegar esse dinheiro do meu pai e montar uma loja....parece que eu não nasci pra estudar.....mas aí ao mesmo tempo eu penso, mas é desperdiçar demais sabe, porque eu ainda tô nova, eu ainda posso tentar, eu vou desistir agora! Assim sabe, eu tenho condições, eu passei numa faculdade federal, fiquei um monte de tempo sem escrever, aquela coisa na cabeça que a redação do vestibular tinha sido uma luz divina - (K. tirou 10,0 na redação do vestibular, foi muito comentada, mas ela não acreditava que tinha sido sua, achava que era uma inspiração divina e que jamais ia realizar outro feito desse. Atualmente tem feito cursinho de redação e seus trabalhos tem sido elogiado sempre pela beleza e inteligência das construções, e cada vez mais isso tem feito K. acreditar em seu potencial de escritora, algo que gosta muito e tem impulsionado os estudos já que a sua área é o Direito) – e agora estou retomando o gosto por escrever, e isso quer dizer que a minha capacidade é boa,

e agora vou desistir?.....todo dia a Y.(amiga) me manda mensagem da biblioteca puxando a minha orelha pra ir estudar, e eu ficava com vergonha de mim. Daí fui conversar com ela e agradei por isso, nós conversamos muito e foi ótimo, ela disse que é assim mesmo, que a gente demora mesmo a engatar – eu disse a ela que eu tô enganando a mim mesma, a minha família, até a Merissa, acho que até a Merissa ta pensando que eu tô estudando.....- a Y. me disse que com o tempo a gente aprende, depois de muita bomba.....fizemos juntas um plano de estudo e foi ótimo, a Y me disse: “depois que você tiver estudado muito, depois de muita bomba, se você já tiver se dedicado muito e achar que não é isso, tudo bem, muda de ramo, mas você nem começou ainda” – e esse mês vai ser a minha prova de fogo, até o concurso vamos ver o que eu consigo. Aí eu fico com medo de sair com o R., porque eu tô tão bem, sem ninguém, eu não tô sofrendo por causa de ninguém, eu não tô esperando o telefone tocar, eu tô de boa, tipo assim, eu fico com medo de sair com o R. e ficar querendo, ficar gostando, sabe, e isso me atrapalhar, eu sei que ele não vai me atrapalhar com as atitudes dele, porque ele ta estudando muito mais do que eu , e se a gente vier a ter alguma coisa eu sei que a gente vai se falar por telefone todos os dias porque ele é muito atencioso, que a gente só vai sair no sábado, então com relação a isso não vai me prejudicar, só que eu acho que eu vou me prejudicar entendeu, o meu sentimento vai me prejudicar, parece que eu não queria que o R. tivesse acontecido agora, eu queria sair com o R. depois que eu tivesse passado no concurso do STJ, sabe, porque eu fico com medo dele me atrapalhar, mas eu não posso fazer isso, como que não sai!!!”

= Tp: “Engraçado, estou me lembrando que o G. te falou isso... (um outro rapaz que não quis ter nada com ela porque estava estudando pra concurso e ela na época não entendeu, não aceitou e sofreu muito.) – e pra você foi muito difícil, mas hoje você compreende um pouco melhor... mas não é a única opção falar pro R. que você só vai sair com ele depois que passar no STJ.....agora,

interessante você estar se preocupando com isso, porque acho que você tem razão, pode te atrapalhar.....mas também pode te fazer muito bem.....”

“É, eu não sei né, como é que eu vou saber...”.

= Tp: “Sim, você só vai saber se experimentar, e também eu não sei se vocês vão até ficar juntos, ou se vai acontecer alguma coisa...”.

“Eu não sei nem se eu vou gostar dele, não sei nem se eu vou querer ficar com ele. Apesar de que é aquela velha história, eu não tava muito assim com o R., não tô ainda assim, mas a partir da última conversa que eu tive com ele... é aquela coisa da admiração né, você quer alguém que tem alguma coisa que você admira, não tem jeito, então assim, por exemplo, ele não tem um super-emprego, mas ele tem um nível de vida razoável, ele conseguiu ficar no escritório um tempo, agora ele parou de trabalhar, justamente pra estudar, e isso é uma coisa que eu admiro quem tem coragem de fazer. Só que aí o quê aconteceu, ele tinha feito inscrição do MP e não foi fazer a prova, nem fez inscrição pro STJ, aí eu pensei: ‘ah, esse menino não ta estudando é nada’. Num dia que eu convidei ele pra sair e ele disse que não podia porque tinha que estudar e só saia aos sábados, parece que mudou um pouco, parece que eu voltei a admirar o R., parece que tem consistência o que ele fala, que você pode confiar, ele deve ter tido os motivos dele pra não fazer a prova....e isso começou a me preocupar mais, porque eu não quero que ele me atrapalhe, mas.....”

= Tp: “Dependendo do que acontecer tudo isso vocês podem conversar, por enquanto fica só na sua cabeça, por enquanto você só vai sair com o cara, foi só isso que vocês marcaram, o que vai acontecer vai depender muito de vocês, de você, porque ele não vai fazer nada que você não queira.....”

“É, não, eu sei que não vai, mas é que eu fico com medo...”.

= Tp: “Você fica com medo de querer...”.

“É, porque se a gente sai e a gente fica, aí no domingo se chegar lá pelas cinco horas e ele não me ligar, eu não vou estudar, não vou conseguir estudar porque eu vou ficar pensando nisso o tempo inteiro.....agora se eu nem ficasse pensando

que o R. existia, eu ia acordar domingo, ia estudar e pronto, sabe, eu fico com medo.....”

= Tp: “Mas não foi isso que você pediu, que aparecesse uma pessoa, ou melhor, que você encontrasse uma pessoa, porque isso depende muito de você, e isso a gente já conversou... e se for a pessoa, eu não sei, você vai pedir pra pessoa: ‘oi, espera um pouquinho’?”

“Não, não vou fazer o que o G. fez, nunca, eu vou tentar conciliar...”

= Tp: “Então, calma, não vá sofrer por antecedência! Vai ao encontro, é só um encontro... e outra, quem está envolvido com essa vida de concursos sabe bem o que é isso, tem dificuldades comuns, se entendem...”

“É, eu tenho medo, mas em nenhum momento eu pensei em não ir, cheguei a pensar em como fazer pra administrar isso de maneira que isso não me atrapalhe, entendeu... gente eu vou fazer o quê, eu não vou deixar de ficar com ele se eu tiver com vontade, sabe. Eu fiquei pensando, mas eu não consegui, só se eu me colocar um limite, uma distância de ir, mas não ficar com o R., porque eu não quero mesmo, não vou deixar chegar a determinado ponto, sabe, mas eu não to disposta a estabelecer isso, eu quero que seja um encontro natural, saudável, e tudo, então eu cheguei a conclusão que eu não tenho como fazer nada sabe. A única coisa que eu posso fazer é tentar abstrair, ficar com ele e não ficar pensando no depois e nem depois se ele vai me ligar ou não, assim, tentar curtir ali e pronto. No domingo estudar independente se ele existe ou não, só que eu não sei se eu vou conseguir entendeu...eu sei que é isso que eu tenho que fazer mas não sei se vou conseguir...”

= Tp: “Como é que seria conversar isso com ele se vocês chegarem a ficar juntos?”

“Ah! Não tenho coragem, acho que seria pior, porque aí ele não ia querer ficar comigo e eu ia perder a chance de ficar com ele, ia ser horrível, e aí é pior... eu acho assim se eu fosse namorar com o R., um namoro com ele acho que não iria me atrapalhar, porque ele tá no mesmo esquema que eu... eu acho que eu vou

sofrer é se eu ficar com ele, e se ele não quiser nada comigo, eu vou sofrer num momento que eu não podia sofrer, porque queria conseguir estudar bem esse mês...”.

= Tp: “Veja como você vai sofrendo por antecedência... pra vocês ficarem vocês vão ter que pelo menos conversar, e você já tem uma informação interessante sobre ele, durante a semana ele estuda e só sai aos sábados, você já sabe com ele está no momento.....”

“É, e ele também já me disse que está querendo arrumar uma namorada no esquema dele...”.

= Tp: “Então namorar com ele, e ele está te dizendo, é sair só no sábado, é saber que ele está estudando pra concurso, etc., mas antes de namorar K., sai com o cara... antes de passar num concurso, você vai ser reprovada num monte, já pensou se você for desistir porque não se sente segura pra passar... viva a experiência, só que você já vai entrar com um pé atrás, porque você já se conhece, vai ter mais cuidado...”.

“A pior das hipóteses é se depois ele não me ligar no sábado pra sair... tô me preparando, preparando a minha cabeça, eu até vou chorar, mas depois de ter estudado tudo que eu determinei pra aquele dia, isso pra mim é o mais importante, não é nem passar num concurso, mas é ver que sou capaz de estudar pra passar num concurso, não é fingir que tô estudando, é estudar mesmo, é isso que eu quero muito, e só depende de mim, e mesmo se ele não me ligar eu vou estudar, e eu tenho que conseguir fazer isso porque senão eu vou ser uma ‘títica de galinha’, sabe...”.

= Cl: “A gente às vezes tem que colocar uma meta e correr atrás dela (fala de algumas amigas e prima que já passaram em concursos, como elas conseguiram, e como elas incentivam)...”.

= Tp: “Que bom elas falarem tudo isso pra você, te incentivam e te ajudam a ir construindo o que é melhor pra você, isso vai te influenciar, com certeza e pra

melhor, agora calma, faça do seu jeito, vamos lá, vai encontrar com o R., vamos ver no quê que dá...”.

10ª Sessão - dia 16/04/2004

“Então, tenho um monte de coisas pra te contar.....(sorri)....então, saí com o R.....eu acho que tô começando a fazer as coisas direito, foi assim.....contou sobre o seu feriado, o quanto havia estudado com a amiga Y.; conta sobre o encontro com o R. – “...sabe uma coisa que eu gosto no R., ele me acha assim muito inteligente, muito bonita, eu gosto muito de falar, sempre fui muito de falar, e eu gosto muito de português, então eu não falo muito errado, eu tenho facilidade prá construir frases, esse tipo de coisas....e percebo que o R. quando ele vai conversar comigo eu vejo que ele pensa prá falar, assim, mas não é uma coisa muito forçada, eu vejo que ele pensa prá falar, eu vejo que é uma coisa que ele admira, entendeu, então é bom ver que um cara igual o R., porque o R. é cotadíssimo, sempre foi desde a época de 2º grau, sabe, ele é muito bonito, apesar dele ser muito tímido, ele é meigo, ele conversa muito baixo, mas assim, ele é muito animado, gosta de pagode, ia muito nos shows que a gente ia, sempre teve um corpo muito bonito sabe, então as meninas davam muito em cima dele, e é engraçado assim vê que o R. sabe, é um cara que me admira...”

- Conversaram sobre muitas coisas: namorados, sobre concursos, família, etc...
 “... eu falei pra ele que durante muito tempo eu queria muito ter um namorado, sabe, e fui sincera e falei pra ele: ‘... hoje em dia sinceramente sabe R., eu tenho vontade de ter um namorado, não vou falar que não, tenho vontade de casar e tudo, mas eu tenho mais vontade de passar num concurso... hoje eu tenho consciência de que se eu casar, tiver uma família, eu vou achar muito bom, mas que eu também vou ser feliz se eu não casar... ’, falei pra ele que eu não penso em fazer inseminação artificial, nada disso, se eu não casar, o que eu quero

mesmo é passar num concurso e ter condições de formar a minha família, se eu não me casar vai ser através de adoção, porque eu não acho certo você decidir que uma pessoa não vai ter pai só porque você quer engravidar, eu acho que o direito da pessoa de ter pai e mãe se sobrepõe, entendeu, eu não concordo com isso de uma pessoa decidir que não, que ela vai ser suficiente, não concordo, mesmo porque eu sou muito carente pra ter filho sem pai, imagina eu grávida, inchada, enjoando, sem ninguém ali do lado pra paparicar, de jeito nenhum.....e ele ria.....”

= Falaram muito da condição que estão vivendo ter que estudar muito a semana inteira e de repente só poder sair aos sábados, por exemplo.

“... eu acho assim, eu, agora, até preferiria que não acontecesse, assim, se for um cara que for me dar dor de cabeça, porque eu tô tão bem estudando, trabalhando, ta tão perto os meus concursos, que acho que a pior coisa que poderia acontecer comigo agora era começar sofrer por alguém, sabe, então assim, eu não sou hipócrita o suficiente pra falar assim que eu não quero que aconteça agora eu quero namorar só quando eu passar num concurso e tal... não, acho que é hipocrisia demais falar isso, porque é claro que não é assim, porque todo mundo quer ter alguém do lado, então eu não vou por esse lado não, eu simplesmente não penso no assunto, se não aparecer e eu acho um pouco complicado, eu vou ficar tranqüila e vou continuar estudando, mas eu também não vou abrir mão de uma pessoa que eu acho que seja assim especial, que eu acho que vale a pena, sabe, porque agora eu tô estudando pra concurso e eu não quero namorar, eu não, eu não sou assim tão determinada, mesmo porque talvez eu nem passe num concurso, talvez eu morra daqui um ano, vai saber, acho que a gente não pode ser negligente, ceder demais, tudo, mas se for uma pessoa que vale a pena, que ta disposta a tentar, acho que....e ele começou a falar que pra ele também apesar que pra ele é difícil de namorar sem dinheiro.....e eu disse que entendo porque ainda mais pra ele que é homem.....”

“... conversamos horas e horas e no fim ficamos juntos, foi muito bom, e ele disse que da próxima vez a gente veria essa questão de pagar a conta... e ele disse que então iríamos sair de novo...”.

“... na 2ª feira, fui estudar e nada o R. me ligar.....”

= Tp: “E a ansiedade na 2ª?”.

“Fui trabalhar, a tarde fui fazer umas arrumações com a minha tia, deixei de estudar pra fazer isso. Fiquei lá em casa, acabamos não fazendo a mudança e eu também não estudei, eu tava um pouco ansiosa e eu falei pra mim mesma que ia me dar o direito de ficar ansiosa um dia, sabe, eu tenho esse direito. Mais tarde eu disse pra mim mesma ‘K. ele vai te ligar pra falar o que, ele não vai te ligar, ele vai te ligar mais perto do final de semana pra te chamar pra sair de novo, não vai te chamar pra sair agora, aí eu fiquei mais calma...e disse pra mim mesma a partir de amanhã eu deixo o R. de lado, e fiz isso, no outro dia já fui trabalhar, nem me lembrando de R., daí chega uma mensagem pra mim dele no celular, respondi, mais tarde ele me ligou.....” - e assim foi durante a semana, se falaram algumas vezes e marcaram prá sair no fim de semana.

“... eu tô achando o seguinte, o R. é muito romântico, mas eu não sei se é porque eu sou muito crítica mas, tem umas coisas que ele fala que eu acho que ele ta falando pra ser bonito, mais do que com sinceridade, mais pelo momento do que de fato, não sei explicar....., mas acho que ele fala algumas coisas que ele realmente não está sentindo, que ele quer sentir mas ainda não está sentindo....”

= Tp: “O que te faz sentir isso?”.

“Ah, não sei, o fato de ele ser muito romântico, galanteador, as vezes eu acho que não é muito uma coisa dele, talvez porque eu não quero acreditar muito também, aí eu tento absorver 20% do que ele fala, assim....”

= Tp: “E o que é que ele fala?”.

“Eu não sei direito, mas deixa eu ver.....quando ele fala assim de família, umas coisas que ele fala de mulher.....ah, não sei direito, quando ele começa a me elogiar.....mulher pra ele, ele coloca mulher num pedestal, que desde quando a

mãe dele era viva assim, lembrava que a mãe dele vivia falando pra ele, que o pai dele era doente de ciúmes, que eles não viviam bem, que a mãe dele era muito bonita, dizia que a mãe orientava que ele não devia fazer determinadas coisas com as mulheres.....ele fala que nunca fez isso, aquilo, sei lá, ele fala umas coisas que parece que ele não é de verdade, ninguém merece.....eu acho que ele é uma pessoa normal, que ele é um menino bom, eu acho que ele não ia me sacaniar, eu acho que ia ser bom namorar com ele se fosse o caso, porque a gente está no mesmo esquema, sabe, eu acho que não ia ter tanta cobrança nem da parte dele nem da minha.....ele também não é tão rico, então eu não ia ficar me cobrando demais, sabe, ele é muito tranquilo assim, e, ele é bonito e tudo,e uma coisa que eu acho que é boa é que eu não tô completamente apaixonada, enlouquecida, pelo R. Eu gostei muito de ficar com ele, eu acho que pelo menos o R., eu tô encarando da seguinte maneira assim, se eu for namorar com o R., ótimo, vou namorar então e ver o quê que dá, se não der certo da gente namorar, assim, pra mim ótimo também, sabe, eu não vou sofrer por causa do R., vou falar: ‘paciência, ah! não foi ele, então deixa quieto, então é porque é pra ser outro e não pra ser ele, ou então também não é pra ser nenhum, sabe, e vamos esperar o próximo e ver o que é que dá. Com ele pelo menos tô tendo bons momentos e não é uma coisa que me faz sofrer, eu não sei se na cabeça dele ele já decidiu se ele quer ficar comigo ou não, mas mesmo se ele não tiver decidido pelo menos ele é muito sincero, ele não faz joguinho como outros, com ele eu tive ótimas conversas pelo telefone, tive uma pessoa que disse que ia me ligar tal dia e me ligou tal dia, que me levou pra um lugar onde eu queria ir.....foi um momento tão agradável, só de desfilar com ele nesse evento no Sábado vai ser tão bom pra mim, acho que tô ganhando tanto em ta tendo isso com ele, se não vier a dar certo, pelo menos foi bom o que aconteceu. A torcida é muito grande, mas eu tô muito tranquila em relação ao R. Ta bom ficar com ele, se eu for namorar com ele eu acho que vai ser muito massa, sabe, mas assim, eu não tô muito preocupada com ele não.....”

= Tp: “E algo a mais... e transar com ele...”?

“Lógico, se eu for namorar com ele, acho que vai ser uma ótima pessoa pra começar... só que assim Merissa, pra eu namorar com o R. eu acho que a gente tem que sair mais mesmo, conversar mais assim, porque eu não gosto dele o suficiente pra namorar, pra dormir com ele assim, eu tenho que ficar gostando mais dele, sabe, eu gosto dele, mas só com o tanto que eu gosto dele não dá pra namorar ainda....”

= Tp: “Não dá pra namorar, ou não dá pra transar com ele?”.

“Não dá pra transar, talvez pra namorar até dá, pra começar, mas aí eu tenho que ficar gostando dele mais, mas eu acho que não vai ser difícil não, assim, porque ele é muito gente boa, ele é muito encantador, ele é muito bonitinho, então é fácil assim, não vai ser nenhum sacrifício, (sorri) imagina...é isso aí, eu tô ficando com o R.”

“Ah! Merissa, eu tô me sentindo muito bem, sabe, assim, não é nem por estar com o R. assim, mas principalmente por sentir que se amanhã se o R. virar pra mim, agora que acabar o show que vamos, ele virar pra mim e disser: ‘ah! K. queria conversar com você, eu acho que não vai dar certo e etc., eu vou levantar domingo bem, assim, eu sinto que se ele não quiser nada comigo eu sinto que ainda assim eu vou levantar bem no Domingo, sabe, eu vou deixar ele de lado, não vou ficar com raiva dele lógico, mas vou tirar ele do celular, vai ser um amigo pra conversar de vez em quando, e enfim, vou continuar estudando, tocando as minhas coisas do mesmo jeito, vou no churrasco do mesmo jeito...”.

“A gente tem muita coisa parecida, essa coisa da mãe dele ter morrido, ele também é espírita, sabe, a questão do curso, de estar estudando pra concurso, o tipo de música que a gente gosta é muito parecida, e tal... então é muita coisa assim.....mas se também não for dar em nada eu tenho certeza que eu não vou sofrer por causa do R., então eu tô bem.”

- Termina falando sobre a prima M. que arranhou uma psicóloga e que as coisas estão bem melhores, e que está mais aliviada.

IMPORTANTE

- Na 5ª feira (22/04), já à noite, recebo uma ligação no meu celular, era K. chorando muito e dizendo que tudo estava acontecendo de novo, que tinha sido mais uma vez rejeitada, e com isso começou a trazer a tona uma série de coisas que viveu e que pareciam estar bem acomodadas no seu consciente. Começou a reclamar porque Deus estava fazendo com ela tudo de novo, permitindo que um rapaz como o R. entrasse em sua vida sabendo que ele não iria ficar; o que Deus queria mais dela, acredita que tem feito tudo certo, que tem se empenhado da sua parte, que emagreceu, está tentando estudar, tem estado com uma melhor auto-estima, mas que Deus novamente vem marcar sua vida, retirando, ou não dando a ela a oportunidade de se realizar como mulher, de ser feliz, simplesmente de ter um namorado. E é só isso que ela gostaria de ter nesse momento, um namorado, nem sequer estava pensando em casamento, ou em ter de imediato uma família, mas somente em poder namorar, beijar na boca como todo mundo, como suas amigas, como a sua irmã mais nova que acaba de arrumar um namorado, e que segundo K. tem certeza que vai acabar transando com ele antes de K. Disse que não ia aceitar isso, que estava com tanto ódio, com tanta raiva, que não entendia; que procura levar a vida dentro de princípios e que Deus não está fazendo da sua parte, que dá mesmo é vontade de se drogar, de se prostituir, ou fazer alguma coisa contra si mesma porque do jeito que está levando a vida não tem adiantado nada aos olhos de Deus. Disse que estava se sentindo péssima, como se nada que tivesse feito adiantasse para sua vida, que na verdade não queria estudar coisa nenhuma, ficar fingindo pra quê?, o que queria era ser normal como as outras pessoas, que já havia perdido tanto da vida, por que não podia ser um pouco feliz? Que todo mundo consegue namorar, e aí foi citando as amigas, as primas, a irmã; por que ela não conseguiu, o que tem de errado com ela, e me pedia pra responder a todas

essas perguntas. Estava mesmo desesperada, dizia que não queria tentar mais nada, que pra ela chega, estava mesmo disposta a fazer uma besteira...

Descarregou bastante as suas amarguras e seu sentimento de injúria, e a todo o tempo fui confirmando isso, pois passava naquele instante um filme na minha cabeça com relação a tudo que ela sofrera na vida, e que eu, talvez mais do que ninguém, soubesse realmente a dor que ela estava sentindo, e que naqueles momentos onde tudo parecia que poderia dar certo, não com relação a namorar o rapaz, não isso, mas mesmo isso não acontecendo (o que era possível) suas palavras de força e otimismo no sentido de “vou suportar o que acontecer” ainda ecoavam nos meus ouvidos. Fiquei sensibilizada, mas bastante interessada no que estava encoberto por aquela raiva.

Tentei por algumas vezes questioná-la sobre sua questão com Deus: K. será mesmo que Deus não está com você, e como é estar com você, é fazer o que você quer que aconteça? Não dizem que ele às vezes escreve certo por linhas tortas, será que temos (me inclui neste momento por querer estar mais próxima dela e sentir o quanto ela estava só) conseguido ler o que ele tem escrito no livro de sua vida? Mas mesmo assim ela voltava a questionar então o porquê de lhe dar a oportunidade de começar a viver tudo aquilo, que era preferível que nem tivesse aparecido, pra depois tirar. Percebi que o melhor era deixá-la falar, e falar. Aos poucos ela foi se acalmando e pude perguntar o que havia acontecido, e resumindo, eles até ficaram juntos novamente, mesmo não sendo tão bom quanto da outra vez. Os dias foram passando e ele não mais entrou em contato com ela. Nesta 5ª ela não suportando nem compreendendo o seu silêncio, ligou pra ele pra ver o que estava acontecendo. Ele disse que era estranho às vezes, que havia pensado bastante, e que não era nada com relação a ela, que eram coisas dele, mas que não queria continuar que realmente naquele momento de sua vida não queria namorar.

Por telefone não conseguia percebê-la como um todo, conseguia sim perceber o quanto ela estava triste, angustiada, rejeitada, se sentindo injuriada, nervosa, irritada e com muito ódio de tudo, mas depois de haver se acalmado um pouco pedi pra que ela antes de dormir tentasse colocar um música bem suave, respirasse profundamente tentando se acalmar, limpasse a mente de todos aqueles pensamentos e tentasse dormir, e que eu somente poderia ajudá-la, se no outro dia ela estivesse presente fisicamente no meu consultório (sempre falei isso a ela, e tenho usado essa fala nos momentos em que ela quer desistir e fala até em se matar, direta ou indiretamente), e aí então poderíamos com mais calma conversar e tentar entender tudo que estava acontecendo.

11ª Sessão - dia 23/04/2004

= Cl: “Olha Merissa... sabe assim quando você sabe que uma coisa é muito importante pra você, é tão importante que você acha que nunca mais vai nem olhar pra cara da sua mãe porque ela não deixou você fazer, é isso que eu tô sentindo, sabe Merissa, assim, que eu perdi que eu vou ter que passar por tudo aquilo que eu achei que eu não ia (chorando) ter que passar, que eu tinha esperança de não passar, entendeu, que não adianta, eu vou ter que passar, (o gravador falha e quando percebo, havia perdido um pouco do material...)

.
.

.

= Tp: “Então teve um momento que você disse que ele saiu pra beber...”.

“Ah! É. Tava tudo lindo, combinado que no sábado a gente ia ao teatro. Daí no sábado deu seis horas e nada, deu seis e meia e nada, sete horas nada, sabia que tinha algo errado....(resumindo o rapaz saiu na 6ª a noite, bebeu a noite toda, o sábado o dia inteiro, esqueceu do compromisso, mas saiu com K.

em cima da hora).....lá no teatro foi ótimo, segurou a minha mão o tempo inteiro, me beijou, foi lindo, maravilhoso, parecíamos namorados de dez anos....no final eu disse que ele tava com uma cara de quem queria me levar embora pra casa, e ele disse que era isso mesmo, que tava cansado.....fiquei com muita raiva, e já fiquei meio brochada com o R., parecia que ele era meu namorado de dez anos e tava cumprindo tabela...porque ele não podia sair comigo pra pelo menos a gente conversar...mais aí me levou embora...eu tava decidida que ele me deixando em casa eu ia ligar pros meninos porque eu não ia ficar sábado a noite em casa....(foram pra porta da casa dela, ficaram conversando e ele começou a insinuar que não via a hora de transar com ela – K. ficou muito chateada)”.

= K. começou a falar sobre a proposta... “olha R., eu não sei se isso é uma proposta sabe, mas se for, se não for tudo bem sabe, deixa pra lá, mas se for eu preciso te dizer que não vai rolar não, sabe, você não acha que ta cedo?”, e ele me disse, Merissa, que não, que isso é uma coisa muito natural que faz parte para as pessoas se conhecerem. Acha que hoje em dia jamais casaria com uma menina sem antes morar com ela, ou terem viajado muito juntos. Ele acha que pra namorar hoje em dia tem que ir conhecendo, viu que vai dar certo aí namora. Mas o que eu entendo é que namoro é justamente pra isso, não é ?, pra se conhecer, na minha concepção é assim, mas na dele parece que não... eu disse pra ele que eu não tava falando em namorar, que tava muito cedo, só tínhamos saído duas vezes, que eu também achava que tava cedo pra namorar, só que eu disse que mais cedo ainda tava pra qualquer outra coisa, acho que antes de namorar a gente tem que se conhecer bem, e depois vendo que dá certo aí sim começa a namorar. Mas eu acho mesmo que tem que ter um conhecimento maior pra depois namorar, só que pra mim esse conhecimento não inclui sexo, não inclui ficar junto a esse ponto. Ele me disse que homem separa sexo de amor, e tal, e eu disse a ele que eu não separo, que prá mim sexo é um complemento de uma relação amorosa onde caiba isso, é um complemento de

uma relação que já está mais estável, não quis dizer com isso que era uma cobrança prá começar um namoro, mas que ele não esperasse de mim uma coisa que eu não podia dar, não que nunca vamos transar, mas se desse certo mais prá frente, sabe, porque eu não pulo etapas.....mas não contei que sou virgem.....depois tentei sair do assunto dizendo que aquele papo tava muito pesado e que eu tava me perguntando se depois de tudo aquilo ele ainda iria me ligar.....nos despedimos e aí ele sumiu.....não me ligou mais”.

“Daí, na 5ª feira eu não agüentei, quem ele pensa que ele é? Não dá, ele me busca na minha casa, me fala esse monte de coisas, eu já tô saturada. Ele pode até sumir, pode até não fazer efeito o que eu falei, mas eu precisava despejar... falei tudo que eu queria e ele me disse que tirou um tempo prá pensar e que resolveu que não queria nada sério comigo... daí pedi prá que ele me explicasse porquê, porque eu não tava entendendo, disse a ele que ele não me achou por aí, num barzinho, não, que ele foi na minha casa me buscar, que ele também não é qualquer cara, então se ambos não somos qualquer pessoa, então me preocupa quando a pessoa some, simplesmente me larga, sabe, me preocupa, porque se for alguma coisa relativa a ele ainda tudo bem, mas pode ter sido algo em relação a mim, então se alguém que eu considero importante, que é legal, especial, e que de repente pode estar pensando alguma coisa ruim de mim, me preocupa, eu fico querendo saber o que é prá eu poder até mudar, sabe. Disse tudo isso prá ele, e ele começou a se desculpar, a me elogiar....e eu continuei dizendo que não tava entendendo, se era por causa do sexo, do meu jeito sincero, e fui colocando o que eu achava que podia ser.....e perguntei por que desistir de mim assim tão rápido.....ele disse que por isso mesmo, por eu ser tão maravilhosa, isso, aquilo.....disse que o problema é com ele.....as vezes eu acho que é mentira dele....ele disse que não tem estrutura financeira prá namorar....que ele ainda tem algumas atitudes infantis, e que primeiro quer se estruturar”.

= Conversaram bastante, mas K. não ficou convencida dos motivos apresentados por ele – ela fica indignada, mas diz a ele que tudo bem, que na verdade acha

que quem tem que definir se ele é o bastante ou não prá ela, é K., e não ele, achando-se inferior em determinado aspecto e por isso deixando-a, que ele deve decidir é se ela é suficientemente especial prá que ele fique com ela passando por cima do próprio orgulho. Se ela não é, então paciência – foi o que disse a ele.

= K. reforça que ligou tentando saber o que estava acontecendo e o que poderia ser feito, porque ela o acha muito especial e gostaria de ficar com ele, mas que se ele está cheio de “senões”, se ela não é tão importante e especial prá ele, que tudo bem, que não poderia fazer nada. Ainda assim ele quis que continuassem amigos e ela recusou, dizendo que até o ajudaria em algo que estivesse precisando, mas que amigos não daria prá ser. Depois de dizer tudo e se sentir bem por ter dito, desligou e chorou muito, ficou arrasada em seguida sem entender por que ele não quis ficar com ela... e é isso que se questiona o tempo todo na sessão, diz ter consciência de que antes ela não era suficiente nem prá ela, daí os rapazes não a quererem, e que hoje se sentindo melhor, continua não entendendo por que não consegue, ou não pode arrumar um namorado.

“Sabe Merissa, então são as pessoas que estão aparecendo na minha vida é que são as pessoas erradas, ou eu é que tô fazendo tudo errado? E se é assim por que é então que não aparece a pessoa certa? Sabe, eu não consigo entender...ele ainda me disse: ‘K., você não precisava fazer nada, fica igual a ex, ela não precisou fazer nada, simplesmente eu olhei prá ela e ela me prendeu, e eu tava numa época que eu quis me deixar levar e deixei, e você eu não quero deixar entrar, pronto e acabou’, sabe Merissa assim....”

= Tp: “E a diferença entre você e a ex, nesse momento, é que naquela época ele a deixou entrar, e nesse momento, que ele acabou de sofrer com ela, ele não está querendo que você entre prá não sofrer novamente...”.

“Tá, mas e por quê?”.

= Tp: “Ele não está querendo que você entre não é porque você é feia, não tem dinheiro, é pegajosa, não, e sim porque você se colocou pra ele...ótimo, eu estou

muito feliz (ela sorri), apesar da sua olheira, apesar de você está querendo morrer, sabe, apesar de você estar sentindo muitas coisas de novo, e com muita intensidade, mas eu estou muito feliz porque apesar de tudo você conseguiu responder a tudo isso, e não é de falsidade, não é teatro, é de verdade, porque você sente, você consegue dizer pro cara, agora você só não entrou na vida dele e ele está dizendo, porque hoje ele não tem condições, ele não quer se machucar de novo, só isso. O rapaz já tinha conversado com você uma vez e sabia muito bem que tipo de garota você era...”

“Então pra quê que ele tem que aparecer na minha vida, pra quê?”

Tp: “K., eu não sei te responder isso exatamente. Você, por exemplo, apareceu na minha vida pra que eu pudesse tentar ajudá-la e tem me ensinado uma série de coisas... eu apareci na sua da mesma forma... eu não acredito em relações vazias, soltas, tem um sentido você estar na minha vida agora, assim como tem um sentido pra você eu estar na sua, pra alguma coisa a gente tem que estar aqui K..., da mesma forma vocês apareceram na vida um do outro por algum motivo, com certeza...”

“Eu sei Merissa, só que eu não agüento mais viver assim, sabe... (chorando), eu não agüento mais viver sofrendo sabe, não adianta, eu não vou conseguir levar a minha vida pensando que não, que vai chegar um dia....., sabe, não dá, eu não agüento mais ser humilhada, sabe Merissa, eu não agüento, eu vou me destruir, eu sei que eu vou me destruir e eu vou morrer, sabe, porque é muito mais forte do que eu, eu não agüento mais ver as minhas fases passarem, sabe, eu não agüento.....”

Tp: “Você está falando de muitos conceitos, paradigmas, muita coisa que você tem aí dentro e que foi sendo construída ao longo da sua vida, coisas de família, de religião, de influências... mas que você pode refletir sobre elas e verificar se ainda quer que sejam assim... por exemplo: Por que é que a sua irmã não pode transar antes de você? (ela mal ouve a pergunta e imediatamente faz outra pergunta ainda chorando)”

“Merissa, por que ela tem que fazer tudo primeiro que eu”?

Tp: “E por que não, só porque você é mais velha? (falo isso um pouco alterada, questionando-a severamente, tentando levá-la a reflexão...), por que você não quer que ela faça antes de você? Será que você tem mesmo esse poder de decidir isso?”.

“Não, não, não é a questão da minha irmã (responde chorando, indignada) sabe Merissa, é todo mundo. Eu é que te pergunto, por que é que todo mundo tem que fazer tudo primeiro do que eu?”.

Tp: “Não é bem assim, K.”.

“Não?!...”

Tp: “Por exemplo, você teve carro muito antes que muita gente!”.

“Não, não...”.

Tp: “Sua irmã tem carro?”.

“Merissa quantos anos a minha irmã tem”? (à medida que ela vai falando vou contrapondo sua fala...).

Tp: “A Y. (amiga) tem carro? A L. (outra amiga) tem carro?”.

“A minha irmã vai ter um carro muito antes de mim... a L. tem a Y. também...”.

Tp: “Um carro delas, comprado com o dinheiro fruto do trabalho delas?”.

“Não, mas andam de carro... mas de ônibus quem teve que andar fui eu...”.

Tp: “Você percebe, não é a questão em si das coisas... você está com raiva, está magoada, está chateada...”.

“Sabe Merissa, não dá, não adianta, eu já questionei tudo isso, sabe, eu não agüento mais, não é uma coisa assim que eu tô perdendo, mas que semana que vem tem outra, sabe, a gente sabe quando é uma coisa realmente importante, entendeu, igual assim, eu lembro que “essa viagem” (*certa vez, quando seus pais ainda estavam vivos grande parte dos parentes iam a uma viagem de passeio, e seus pais resolveram não ir e não deixaram que K. fosse junto com as primas. O passeio era muito comentado e K. sempre se sentia excluída nas conversas por não ter ido, embora tivesse insistido muito com seus pais a época.

Guarda muita mágoa deles por isso.) - era uma coisa realmente importante, eu fiquei anos sem perdoar meu pai e minha mãe por não terem me deixado ir, porque assim, eu perdi depois assim, várias outras coisas porque eu não tinha ido nessa viagem, entendeu. Então é uma coisa que não dá pra reparar, não é como uma festa que não deu pra ir hoje mas que amanhã vai ter outra, não é, você entende, então assim, são humilhações que eu tô passando, é coisa que tá acontecendo que eu sei que num outro....., não vai ser igual, entendeu. Nossa, eu tive que ver tantas coisas, eu tive que ver tanta gente tendo aquilo, exatamente aquilo que eu queria, sabe, eu não agüento mais Merissa, eu não agüento, não adianta (chorando)... É incrível até a minha tia já reconhece, outro dia ela conversava com a M. que dizia que era imatura num monte de coisas, e que muito é culpa dos pais dela que super-protegem.....e a minha tia respondeu que realmente, teria que haver uma dosagem porque eu e a minha irmã já sofremos demais, exagerado, que nós não precisávamos passar por tudo que passamos, e disse ainda que eu principalmente, que reconhecia que eu sofri muito mais que a minha irmã. Então assim Merissa, será que ninguém enxerga isso (chora)?”

Tp: “Mas quem não está enxergando? Todos nós vemos isso! (Me referindo a mim e a família dela)”.

“Será que Deus não enxerga isso?”.

Tp: “Essa é a sua questão... eu estou enxergando, até sua tia está enxergando, mas será que Deus não está enxergando isso?”.

“É isso que eu fico me perguntando...”.

Tp: “E eu acredito que não seja só isso que ele está enxergando... não, ele está com certeza enxergando isso e mais do que isso... claro, se fosse pra você estar namorando com esse ‘rapaz’ aí, duas, três semanas, e ele conseguisse até te envolver, te levar pra um motel, transar com você (sendo que isso é tão importante pra você), e te desse um ‘fora’, por não conseguir sustentar uma relação... como você se sentiria?...”.

“Eu não sei se eu preferia, não, porque eu pelo menos iria sofrer por uma coisa diferente, sabe, e eu não seria mais virgem, então eu já seria livre pra transar com quem eu quisesse, entendeu, já teria tirado esse negócio de primeira vez, sabe, eu estaria sofrendo por um namorado que foi sacana, uma coisa que todo mundo sofre, e não porque nunca ninguém quis namorar comigo, entendeu, eu acho que eu preferia que ele tivesse namorado comigo três meses e me largasse, eu não tô te falando que eu não quero achar o homem da minha vida, que eu quero achar um namorado simplesmente, eu quero é namorar.....”

Tp: “Será mesmo que você conseguiria ficar por um tempo com alguém, transar e não se importar se não viesse a encontrá-lo mais?”

“Não, aí é que está Merissa, eu acho que não, porque o que me revolta é exatamente não conseguir namorar... sabe, não é namorar e terminar, eu não tenho medo de um namorado terminar comigo, sabe, eu queria ter dez namorados que terminassem comigo, mas que namorasse comigo antes de terminar...”

Tp: “Ok, o que você está querendo então é arrumar um namorado que fique com você pelo menos um mês e que mesmo se ele vier a terminar, pelo menos você experienciou o que é o namoro, e caso esse relacionamento chegue à relação sexual, melhor ainda porque assim você terá deixado de ser virgem. É isso? Mas de certa forma a proposta do R. não era essa, estarem juntos e transar logo em seguida?”

“Mas ele não sabe que eu sou virgem Merissa...”

Tp: “Tudo bem, mas mesmo sem saber disso, afim de você pra transar ele está. Se você ligar pra ele pra sair e transar, com certeza ele vai topa, ele deixou isso claro, mas parece que a sua questão não é essa”.

“Acontece que eu quero namorar entendeu, eu quero uma pessoa que queira namorar comigo, eu não quero transar com o R. num segundo encontro, não é isso... pois é, eu quero começar a namorar, sabe, e aí transar com meu namorado

e depois pode até terminar, aí se não gostar mais de mim, pronto, mas eu quero namorar, entendeu, não é transar no primeiro encontro”.

Tp: “Sabe K., sinto que você até sabe o que quer num namoro, um namoro tranquilo, duas pessoas que vão se conhecendo, começam a namorar e quando acham que chegou o momento então partem pra uma relação sexual. Só que nenhum dos rapazes com quem você tem se relacionado quer assim, eles não estão querendo namoro e sim uma relação solta, livre, transar eles querem, mas não querem compromissos”.

“Pois é... sabia que o C. está namorando, sabia?”.

Tp: “Mas como será esse ‘namoro’, do estilo que você gostaria?”.

“Pois é Merissa, mas isso é que eu não entendo, sabe, sabe o que eu me arrependo, sabe o que eu queria eu vou te falar do fundo do meu coração, eu queria ter transado com o E. (foi o primeiro namorado que K. teve, namoraram uns dois anos, embora quando K. fala sobre namoro, desconsidera essa experiência que teve com esse namorado) quando eu tinha 17 anos, porque aí ele era meu namorado, ele gostava de mim, a gente teria ficado mais um tempo juntos, aí terminava e pronto, eu ia sofrer e pronto, ia acabar, entendeu. Aí depois do E. eu acabei sofrendo do mesmo jeito, depois do E. eu já tive vontade de transar com tanta gente e não transei porque eu era virgem, porque eu falei “ah não, mas a minha 1ª vez, eu vou esperar pra ter uma 1ª vez assim legal, depois fica tranquilo’, pra mim isso foi a maior rata que eu dei em toda a minha vida, sabe, ficar esperando o E., e perdi tudo, porque depois do E. eu podia ter transado com o R., com o Z., com o T., podia ter transado com um monte de gente, e talvez se eu já tivesse transado eu não seria do jeito que eu sou e teria arrumado vários outros namorados. Eu não sei, não sei se porque tanta gente fala tantas coisas pra mim, também, igual a Y.(amiga) fala tanta coisa pra mim, que eu pressiono os rapazes, etc.”

Tp: “Mas por que você não pode ser diferente, querer um namoro diferente pra você?”.

“A minha ansiedade é muito grande, eu nunca tive nenhum namorado entendeu...”.

Tp: “Antes de sair com o R. você ficou questionando como é que você se sentiria se no outro dia ele não te ligasse....”.

“Pois é, e eu vi que eu não dou conta, eu achei que eu ia dar conta, mas não adianta Merissa, é mais forte que eu, eu sei que não vai ser assim, sabe (chorando), eu sei que da próxima vez que eu arrumar um menino se ele fizer a mesma coisa que o R. fez eu vou ficar péssima de novo, e eu não quero viver pra continuar passando por esse tipo de coisa, eu não quero mais, sabe....”

Tp: “Ok... nós vamos ter que encerrar K..., gostaria de pontuar que com relação à não querer continuar vivendo, eu já te falei e vou repetir, eu só posso te ajudar enquanto você estiver aqui, do contrário eu posso apenas rezar por você..., mas você já teve tantas vitórias!”.

“A hora que você fala assim em tantas vitórias sabe Merissa, eu fico imaginando assim que vitória que eu tive?”.

Tp: “Nesse momento você não consegue ver K., você já teve outros momentos”.

“É, e quantos momentos iguais a este eu vou ter que ter na vida? E quantas fases igual a esta última que eu passei de fingir, de esconder a dor lá no fundo, sabe, até chegar a coisa ruim eu vou ter que passar, sabe? (chorando). Sabe Merissa, eu tô cansada, já tenho vinte e cinco anos na cara, eu não tenho dezessete não, sabe. Vinte e cinco tá muito passado da hora na minha opinião, sabe, eu não quero ter trinta igual eu tô não.”

Tp: “Sabe, nem sempre a gente atinge aquele objetivo que quer, do jeito que quer, enfim, eu não to dizendo pra você esperar ter quarenta anos não, não é isso. A questão é que as vezes precisamos repensar esses nossos conceitos, pra uns pode ser até válido, mas será que quero pra mim...? Não sei se estou sendo clara...”

Tp: “Gostaria que você primeiro refletisse e tentasse perceber o que realmente faz sentido pra você hoje, e o que talvez fez um dia, e que agora talvez nem te pertença mais. É preciso ser honesta e sincera com você mesma...”

Cl: “Mas como, deixando de transar, não me preocupando com eles?”.

Tp: “Não, não, não estou falando isso. Só você sabe a dor de sentir isso, passar por isso, quem tem que saber de você é você mesma...”.

Cl: “Mas eu só to querendo arrumar um namorado...”.

Tp: “Tudo bem, Mas chegar a isso envolve muita coisa, percebe, envolve você suportar hoje ficar com alguém e amanhã ele não te ligar, e você passar por cima, enfim, envolve você suportar um monte de coisas pra chegar até um namoro. Prá você arrumar um namorado talvez você tenha que quebrar alguns paradigmas sim, “tirar essa virgindade” não no sentido físico, mas num sentido psicológico que tem te atrapalhado... talvez sua irmã até vá transar antes de você sim, enfim, porque quem tem que achar que ta na hora é ela, e você tem que saber de você, quando deve ser a sua hora – com T., ou com o R., ou com um príncipe encantado, é você K. quem tem que estar segura disso...”

Encerramos esta sessão que foi muito difícil, me senti pressionada o tempo todo a dar respostas a perguntas objetivas de K. Mostra-se bastante perseverante pra determinadas posições e atitudes, mas no tocante a relacionamentos afetivos ainda apresenta-se como uma pessoa insegura, tem os seus princípios, sabe o que gostaria, mas questiona-se sobre o valor dos mesmos e por vezes tem vontade de jogar tudo pra cima e ser incoseqüente, se mostrando totalmente contrária a sua via racional, mas movida por vezes por sua emoção.

12ª Sessão - dia 30/04/2004

Tp: “E então, como está K, pensou essa semana no que tínhamos conversado na última sessão?”.

Cl: “Bem, eu não sei, fiquei pensando muito..., assim porque eu acho assim: eu não sei se essas coisas que penso e acredito vem só de mim, sabe, do jeito que era o meu pai e a minha mãe, não sei se é uma coisa que vem de mim sabe, ou se é uma coisa assim que eu vi dos outros, entendeu, mas assim eu sempre tive a sensação de que por exemplo era bom ficar com alguém se eu amasse aquela pessoa sabe, assim, ah! como eu vou te explicar! Que era bom ter um namorado ali, sabe, e tal..... eu sempre pensei que isso é que fosse bom, sabe, mas eu não sei se isso veio de mim ou se veio do que eu vejo sabe, com as pessoas, eu não sei explicar, assim, eu nem sei se eu conseguiria viver a vida de namorada que as minhas amigas tem, algumas delas sabe, eu não sei se isso me agradaria, mas como eu nunca tive sabe, é muito angustiante prá mim, então eu não sei sabe Merissa assim.....mas tá, aí eu decidi uma coisa, assim, eu não sei se eu tô fazendo certo sabe Merissa, aliás eu não sei assim porque vai contra assim vários princípios que eu tenho, que eu tive, mas assim, tanta coisa aconteceu sabe e me fez pensar, assim: eu acho, por exemplo, que ter perdido tanta coisa me fez assim, é como se eu tivesse o direito de cobrar certas outras, entendeu?....”

Tp: “De quem?”.

Cl. “Da vida... sabe...”.

Tp: “A vida me tirou certas coisas e eu tenho o direito de cobrar dela outras...”.

Cl: “Então. Exatamente do jeito que eu quero que elas sejam, entendeu, assim... só que eu percebi que não é assim que a gente consegue viver e ser feliz entendeu, não adianta porque a gente não sabe assim a gente não sabe se é isso que é o melhor, a gente não sabe o que a gente precisa sabe, não dá prá saber assim... aí eu comecei a pensar assim, ta, realmente foi muito ruim, foi muito difícil ter perdido a minha mãe, o meu pai, tudo aquilo que eu perdi, não sei o quê e tal.....mas aí eu fico pensando assim, será que eu dou realmente valor nas outras coisas que eu tive e que as outras pessoas não tem, assim, sabe, não nas coisas assim que realmente caíram do céu.....será que só porque assim eu perdi

meu pai, perdi minha mãe, e tal, eu não tenho o direito de ter todo o resto do jeitinho que eu quero que seja, assim? E será que realmente do jeito que eu quero que seja é o jeito bom, assim, e se não for? Sabe assim.....e aí eu comecei a pensar assim Merissa, que eu as vezes eu acho assim, que eu não dou o valor devido a certas coisas porque elas não foram o que eu pedi, entendeu. Por exemplo, assim, as vezes eu acho assim que eu não tenho noção por exemplo, do quanto foi maravilhoso assim, ter encontrado você por exemplo, sabe. Do quanto foi maravilhoso ter tirado aquele dez no vestibular, será que eu realmente estudei o suficiente prá tirar aquele dez, será que eu realmente merecia tirar um dez, assim, sabe, eu não sei assim. Ter ganho a bolsa integral no Visão sabe, assim, o negócio da minha mãe lá que vivia atrasado, a pensão lá ter saído do nada quando eu mais precisava ir prá uma escola particular, entendeu. Então assim, eu fico pensando sabe assim, que certas coisas foram muito boas, igual assim o negócio dessa conciliação, sabe, Merissa assim, eu nem sabia que tinha essa vaga lá de conciliadora, sabe, de repente o Drº Fulano surge do nada fala vem, o tanto que eu trabalhei menos por causa disso, o tanto que foi melhor prá mim ter saído lá daquela 7ª, ganhei mais, tipo assim, se eu não tivesse lá no Juizado eu ia comprar o meu carro agora quando eu pegasse o dinheiro da fazenda, entendeu, e já tem um ano e tanto que eu tenho carro, assim e o tanto que isso foi bom ter tido esse carro antes e tal. Então às vezes eu fico pensando assim sabe Merissa, eu não sei se é porque assim realmente tá fácil, não é fácil assim, mas mais fácil pensar desse jeito porque tem muita coisa boa prestes a acontecer, sabe, ou se realmente é uma coisa minha, assim, mas eu não sei, de repente assim me deu aquele coisa assim de ‘gente, eu não vou ficar sofrendo pelo R.’. sabe, eu não vou, eu não vou. Eu não vou mais ficar sofrendo pelo mesmo motivo que eu sofro desde quando eu tenho 14 anos, eu não vou fazer mais isso, sabe. Aí eu decidi assim Merissa, eu falei assim - gente eu já sou uma mulher, eu tenho 25 anos, eu vivo sofrendo, eu vivo chorando, tipo assim pela mesma coisa, eu resolvi que agora se eu for chorar eu vou chorar por uma

coisa diferente, sabe assim, eu não quero mais assim sofrer, lamentar pela mesma coisa, eu não quero mais fazer isso, sabe assim, eu não quero mais chorar porque eu não tenho um namorado, não quero. Igual eu falei prá Y. (amiga), cada um sofre por causa de uma coisa na vida assim, e todo mundo sofre. Eu não vou colocar tipo assim, o meu sofrimento acima de outras coisas, assim, eu falei assim, eu vou tentar, eu vou tentar estudar prá passar num concurso, tipo assim, a Y(amiga). é muito exemplo prá mim, toda a dificuldade que ela tem (problema na coluna) e ela não parou de estudar – aí eu fico pensando assim gente, eu também não vou, eu não vou achar que porque eu perdi meu pai, minha mãe, e tal, eu tenho agora que ter todas as outras coisas que eu desejo, sabe, eu não vou fazer isso.....”

Tp: “E isso foi muito significativo na sessão passada, não é ter as coisas que deseja mas da forma exata que deseja, porque isso sim acho complicado, você sonha, idealiza, porque nem sempre elas acontecem da forma como a gente espera.....”

Cl: “É... aí eu decidi que eu não vou mais, não vou, não vou, assim, eu vou continuar estudando pros meus concursos, sabe, vou comprar o meu apartamento agora, vou alugar, vou viajar, sabe, vou fazer minha plástica, assim, eu vou fazer um monte de coisas, sabe, e vou continuar estudando, sabe, eu vou tentar, por mais que eu tiver achando ruim, tipo assim não ter um namorado, não sei o quê, não casar, eu vou tentar superar sabe, Merissa. Eu decidi assim que eu não vou morrer por causa disso, não adianta que eu não vou, eu não vou me deixar morrer por causa disso, sabe. Eu não vou fazer disso algo suficiente prá morrer, se eu tiver vindo nessa vida prá não casar eu vou ficar sem casar então sabe, assim, eu não quero morrer por causa disso, sabe Merissa, eu não quero mais nem sofrer por causa disso, assim. Claro, vai ser ruim, vai, vai ser horrível, mas todo mundo tem uma coisa ruim prá suportar, eu vou ter essa, fazer o quê, mas assim, eu vou ficar então com um romance aqui, outro ali, vou adotar meus filhos se vier a ser o caso, e pronto assim vou viver, vou viajar, mas vou

primeiro tentar passar num concurso, depois vou viajar.....aquele dia depois que saí daqui eu fui prá casa da D.(amiga) e a gente ficou conversando tanto tempo, assim, ela me contou as coisas dela da França, o tanto que existe gente diferente, que faz coisas diferentes, que vive diferente, o tanto que tem gente diferente no mundo, assim, porque que eu tenho que me adequar, sabe, por quê que eu tenho que viver assim, igual as meninas minhas amigas aqui de Goiânia, por quê que eu tenho que casar? Por quê que isso é que é bom?

Tp: “Mas foi esse o pensamento que estive com você até agora, mas as coisas são dinâmicas...”.

Cl: “É, sabe, mas eu decidi assim que primeiro eu vou buscar conhecer outras coisas, fazer outras coisas, assim, e me realizar com o que eu tenho em mãos, sabe, se eu não conseguir, aí sim, se algum dia eu chegar num ponto que eu falar assim ‘nossa, realmente não dá’, sabe, aí tá, aí eu vejo o que eu faço, mas enquanto eu tiver maneiras prá lutar e ser feliz, assim, e não ficar sofrendo, chorando, tipo assim, sabe, enquanto eu tiver assim uma coisa que pode ser eu vou tentar, sabe, Merissa, assim, mesmo porque eu descobri assim que os namorados que eu vejo assim, nunca são aquele príncipe, aquela coisa, sabe, sempre as meninas tem que abrir mão de alguma coisa (fala do namorado da Y. e diz que ela mesma não namoraria com ele e expõe os motivos) – igual a Y. tá namorando eu arrumo um namorado se eu quiser, sabe, então assim, se fosse a questão de ter um namorado eu podia tá namorando o V. até hoje, então assim não é o fato.....aí eu decidi uma coisa: Merissa, me incomoda ser virgem ainda, assim, é uma coisa que eu não quero mais e eu pensei: ‘gente, eu tenho 25 anos, eu tenho casa prá morar quando vender a fazenda, eu tenho um emprego que não é o melhor do mundo mais é um emprego, eu tenho carro, eu falei assim, gente se acontecer de eu engravidar, eu tenho como criar um filho, eu não dependo de ninguém, sabe, então assim, nem com isso eu preciso me preocupar, claro, eu preciso me preocupar, mas assim, não é aquela preocupação assim eu não vou nem fazer isso agora porque vai que eu engravidado, como que eu faço – não, tipo

assim, se eu engravidar eu vou passar uma barra, mas eu já tenho como viver pelo menos, entendeu, então assim, eu marquei um ginecologista, eu vou no médico e eu vou começar a tomar remédio, porque eu decidi assim Merissa, que no dia que eu tiver vontade eu vou fazer, sabe, eu não vou ficar esperando um namorado. Se depois eu achar que foi horrível, que foi péssimo, eu não faço mais, aí eu continuo a esperar meu namorado então, sabe. Se for ruim, eu vou sofrer, vou, mas eu vou superar, que eu já superei tanta coisa, sabe, uma coisa a mais ou uma coisa a menos, assim, eu vou superar, pelo menos eu vou estar sofrendo por uma coisa que realmente aconteceu, não vou estar sofrendo por causa do R., uma coisa que nem chegou a ser tão substancial, entendeu, aí então eu vou fazer isso, eu vou fazer.

= Conversamos mais um tempo, e nesta sessão K. refletiu muito sobre tudo que já lhe acontecera. A minha sensação é de que as coisas parecem estar mudando para K., algo está sendo produzido, processado, construído. K. está numa fase de rever seus conceitos e paradigmas, tentando atualizá-los de acordo com suas necessidades e emoções.

1ª REDAÇÃO

A TERAPIA

Bem, Merissa, cá estou eu, tentando explicar o que significa para mim a terapia e o que tenho conseguido com ela. Apesar de tudo isso estar bem visível na minha cabeça, é complicado tentar escrever porque parece que nunca ficará claro o suficiente. Mas, como é pra você, as coisas ficam mais fáceis.

Desde muito pequena eu me sentia um pouco estranha. Apesar de ter muitos amigos e me dar muito bem na escola, eu sentia que não agradava de alguma forma, não era tão bonita e meiga como deveria e não tinha talvez a mesma imaginação e o mesmo jogo de cintura das outras crianças, de alguma

maneira eu parecia estar sempre atrás de algo que faltava, como se eu não estivesse no lugar certo, ou estivesse vivendo de maneira errada.

Isso incluía a minha família, pois os meus pais não tinham foto de casamento como os pais dos meus amigos (depois descobri que não eram casados), brigavam muito, não tinham casa própria, apesar do meu pai possuir uma fazenda muito grande com gado e plantação...minha mãe não parava de reclamar por causa disso.

Era como se tudo estivesse errado, como se nem o meu pai e a minha mãe tivessem realmente escolhido aquilo. Eu percebia que eles se gostavam e dormiam juntos, mas não era uma convivência harmônica.

Eu nunca senti falta de carinho, apesar da personalidade da minha mãe ser muito diferente da minha e de isso me causar alguns constrangimentos, eu sabia que ela me amava, mas às vezes achava que ela não se agradava de mim.

Quando a minha irmã nasceu eu tinha 05 anos, e a presença dela melhorou um pouco as coisas, como se o seu nascimento tornasse a nossa família mais sólida. Mas quando tudo parecia estar realmente melhorando, no ano em que a gente tinha acabado de mudar para a casa que meu pai havia construído, que eu ia ganhar uma mobilete de Natal e que nós, depois de tanto tempo íamos fazer uma viagem de final de ano, os meus pais morreram no mês de Outubro.

Nossa! Agora a minha vida tinha virado de cabeça para baixo mesmo. Eu mudei de cidade, de casa, fiquei sem os meus amigos, sem a minha rua e sem dinheiro, e com a minha irmã entre a vida e a morte.

E como eu era muito católica e estava adiando uma confissão há alguns meses, ainda imaginava que aquilo tudo poderia ser culpa minha, como um castigo.

Foi horrível, Patos de Minas não era como eu imaginei, as pessoas da minha família que moravam lá realmente eram muito bonitas e chiques, mas eu não tive essa vida de cinema que aos 11 anos eu pensei que existisse. Achei que tinha perdido os meus pais, mas que, mudando pra Minas, que era quase uma

Europa no meu pensamento, iria ganhar muito. Entretanto, as coisas novas que encontrei não eram nada boas.

Eu e a minha irmã fomos morar com a minha Vó, numa casa muito boa, mas como tivemos problemas com o inventário do meu pai, e os meus tios deixaram isso pra que eu e a minha irmã resolvêssemos quando ficássemos maiores, nós ficamos sem dinheiro. Tive que parar o inglês, o jazz, ir para uma escola estadual, viver com muitas limitações. A minha Vó gostava da gente, mas eu não entendia isso muito bem... fiquei muito sozinha. Imagino que a minha irmã não tenha sofrido tanto com isso, ela se lembrava de muito pouca coisa e além do mais era muito criança, muito bonitinha e as pessoas tinham um xodó por ela, talvez até por ela ter se machucado muito no acidente.

Eu não estava numa fase boa, no auge dos meus 12 anos, tinha acabado de ficar menstruada, estava começando a gostar dos garotos, a ter questionamentos e sonhos, era bem feinha, e sentia uma falta tremenda da minha casa, das minhas coisas, da minha vida.

Depois de 02 anos em Minas e várias humilhações colecionadas, viemos morar em, Goiânia. Minha Vó, que sempre tinha morado aqui não tinha se adaptado muito bem em Patos, e também tinha o fato da minha tia W. ter desmanchado um casamento e estar meio perdida por aqui. Claro que a minha Vó adorou a idéia de morar com ela, seria alguém pra entregar a responsabilidade de criar a gente, por mais que isso não tivesse claro na cabeça dela.

Aqui a minha vida era um pouco pior do que em Patos, pois o fato da cidade ser bem maior fazia com que eu ficasse muito mais tempo presa em casa, já que precisava de carro para sair, e não tinha nenhuma prima da minha idade. Em Minas tinha a L., filha do Tio Z., eles também moraram no Tocantins e a L. odiava Patos tanto quanto eu, somos muito amigas até hoje. Lá éramos unha e carne e aqui eu estava sozinha.

O meu relacionamento com tia W. era péssimo, ela não gostava de mim, ou fazia questão de não gostar. Hoje entendo que talvez não fosse bem isso, ela estava num período muito difícil também, depois de sair do Tocantins onde ela ganhava bastante dinheiro e não se casar, se viu morando com minha Vó, tendo que cuidar de uma casa que não era a dela e com 02 duas filhas postiças que ainda por cima não tinham dinheiro, não deve ter sido fácil.

Acho que ela tinha o direito de não querer ser nossa mãe, só não tinha o direito de deixar isso claro com tanta crueldade como ela fazia. Afinal de contas eu não era culpada, ninguém era, mas entendo o lado dela.

Com o tempo isso foi melhorando, principalmente porque ela e minha irmã têm muitas afinidades, e não ver a minha irmã sofrendo, já ajudava bastante. Mas comigo era diferente, a gente não se esbarrava mesmo.

Durante esse tempo todo o que me deixava de pé era um “pacto” que eu tinha feito com Deus. Eu aceitaria tudo que estava acontecendo, não perderia as esperanças, porque tinha a certeza de que quando eu estudasse e fosse independente tudo seria diferente, às vezes eu pensava que da mesma forma que tinha acontecido algo muito ruim na minha vida, iria acontecer algo muito bom que colocaria tudo novamente no lugar. Eu ficaria rica, linda e amada como num passe de mágica! E com isso eu fui sobrevivendo.

Não fazia mal se eu não era feliz naquele momento porque eu tinha certeza de que tudo um dia ia ser diferente como um filme. Eu não deixava de sofrer e chorar muito, mas consegui dar a volta por cima, confiando nesse meu “pacto”.

Mas o tempo foi passando, e a minha felicidade não chegava nunca... sem contar que as coisas passaram a só acontecer no sufoco! Eu passei no vestibular da Federal, mas antes tive que tomar uma super bomba e passar humilhação nos cursinhos, além de gastar todo o dinheiro com o qual eu poderia ter comprado um carro ao fazer 18 anos... dinheiro esse que veio quando a pensão da minha

mãe foi deferida e nós recebemos os atrasados, mas aí eu já tinha feito metade do meu 2º grau em um escola pública.

Sempre as coisas vinham depois que eu já tinha sofrido muito por causa delas, depois que elas não faziam mais o mesmo sentido, depois que eu já tinha me sentido péssima por não tê-las.

Com isso a sensação de que alguma coisa estava errada voltou muito forte. Eu comecei a ficar impaciente porque tudo estava demorando muito. O vestibular não mudou isso, o melhor estágio que eu podia fazer também não, o emprego que consegui, da mesma forma, e assim o tempo foi passando e eu comecei a achar que tudo estava perdido. Foi quando eu comecei a terapia.

Com esse tratamento, eu fui começando a entender que as coisas poderiam ser um pouco diferentes, mas o que ainda continuava me sustentando era o fato de, lá no fundo, ainda acreditar que aconteceria um milagre que mudaria tudo. Muita coisa boa teria que acontecer para eu poder ser feliz e só um milagre teria como resolver tudo a tempo.

Como ele não aconteceu, há mais ou menos 06 meses, eu fiquei muito mal, era como se o meu tempo tivesse acabado, eu já estava com 24 anos e nunca nem tinha arrumado um namorado. Não ia dar tempo de fazer tudo antes dos 30, namorar, viajar, passar em um concurso, casar, morar sozinha na minha casa... Deus tinha demorado muito pra me dar tudo isso e eu não queria mais esperar, o tempo que eu tinha estipulado já tinha acabado.

Eu não queria mais nada, só parar de viver essa vida que só me fazia sofrer muito e ver todo mundo tendo as coisas antes de mim, e era isso que estava acontecendo. Então eu não queria mais viver.

Não fazia sentido casar depois de ter ido a todos os casamentos das minhas amigas solteiras, começar a viajar depois que todo mundo já estivesse tendo filhos, era como se a morte dos meus pais, o meu luto e as minhas perdas não acabassem, como se eu ficasse órfã da minha vida a cada dia.

Diante disso, eu me desesperei e passei os piores meses da minha vida, porque eu estava perdendo a esperança, então tudo ficava sem sentido até mesmo a existência de Deus, em quem eu sempre confiei tanto.

Resolvi então, acatar o conselho de tomar um remédio para me auxiliar, apesar de não acreditar que isso conseguiria melhorar as coisas. Mas conseguiu, e aí eu passei a não conseguir explicar direito o porquê. Junto com o remédio muita coisa veio a solução dos problemas do inventário do meu pai, a perda de alguns quilinhos, e a aprovação na seleção de Conciliadora. Mas principalmente uma paz que eu não tinha há muito tempo.

De repente eu passei a me sentir mais livre, pelo fato da minha irmã não estar precisando mais de mim, financeiramente falando, e também por essa ameaça de perda da minha gratificação a qualquer momento. Estas coisas fizeram com que eu não tivesse que fazer planos de grandes investimentos, assim, está sobrando mais uma graninha e isso é muito bom.

Além do mais, eu me liberei do pavor de perder o meu carro novo, não é mais tão ruim imaginar que posso ter que trocá-lo por um mais velho. Também não é mais tão horrível imaginar que posso não me casar agora e ter filhos na idade convencional. Tudo isso deixou de ser a salvação da minha vida.

Antes de começar a tomar o remédio, eu já havia decidido a passar em um concurso antes de qualquer coisa, pelo menos pra não deixar de tentar tudo, mas como já tinha esperado que tantas coisas me fariam feliz e nenhuma delas tinha me trazido a felicidade, um concurso também me parecia algo que poderia me trazer mais dinheiro; mas que eu me via bem de vida, num belo apartamento, fazendo viagens em um belo carro e infeliz.

Depois de tomar o remédio, e ficar mais calma, as coisas foram clareando na minha cabeça. E hoje, estou com uma alegria de viver que veio não sei dizer de onde. Sei que foi tudo junto, que se não estivesse na terapia, as coisas não seriam da mesma maneira, apesar de muitos afirmarem que é apenas amadurecimento, que aconteceria de qualquer maneira.

Mas para mim, o amadurecimento vem de todas as experiências que temos, logo, não há como descartar a terapia. Principalmente porque, durante um dos piores períodos que passei, esta foi a minha única companhia, porque por certa visão das coisas que eu já havia alcançado, percebi que as pessoas não tinham mais que saber tudo que se passava comigo e decidi me resguardar para ficar livre de certos julgamentos e intromissões que passei a julgar inoportunas e dispensáveis.

Se não fosse pela terapia, tudo teria ficado guardado dentro de mim, e talvez, pudesse gerar o mesmo resultado, mas ia demorar muito mais tempo.

Hoje eu ainda tenho desejos, mas estou bem, e se vier a não realizar todos esses desejos, ainda assim, ficarei bem. Vou continuar sofrendo, se coisas ruins acontecerem, mas é diferente. Hoje o que quero é continuar tendo saúde, conseguir um emprego melhor, pois acho que mereço e tenho condições de lutar por isso, poder estar perto dos meus amigos e criar bem os meus filhos que poderão ser naturais ou não, dependendo de como forem os meus relacionamentos daqui pra frente.

E o que me faz pensar que esse amadurecimento é definitivo é o fato de ele não estar sob condições, não ser pautado em uma esperança de que tudo vai mudar, ou em uma promessa que fiz, é algo que surgiu de mim, de uma transformação que consegui fazer. Tanto que hoje consigo reconhecer pessoas que sofrem como eu sofria, como a M. minha prima, e também vejo o outro lado, de estar bem e não saber direito como ajudar, o que aconteceu com algumas das minhas amigas, como a R..

Essa visão eu só posso ter porque estou diferente, senão estaria acompanhando a M. em seu sofrimento, só que por outros motivos e sem entender e aceitar as reações da R., talvez até mesmo sem recuperar a nossa amizade, como felizmente aconteceu.

Pra mim a terapia é fundamental, não sei dizer se o fato de ela ter sido a primeira das conquistas com as quais eu sempre sonhei, dentre elas o meu carro

e o curso de inglês, faça com que eu sempre a tenha visto com bons olhos. Na realidade, ter a chance de fazer terapia pra mim foi como um presente, uma coisa que eu pedia pra Deus por achar que seria bom. Então, pode ser que essa minha predisposição tenha feito as coisas darem certo.

É certo que várias vezes nesse tempo todo, cheguei a pensar que o resultado não estava sendo satisfatório, e isso normalmente acontecia nos meus momentos mais difíceis, quando o meu sofrimento era mais que sufocante, mas mesmo nesses momentos nunca me ocorreu que a falha seria da análise em si, mas minha mesmo, devido ao fato dos meus problemas serem superiores a qualquer coisa no mundo, na minha idéia, e que não teriam remédio, seja ele qual fosse.

Nas outras horas, a terapia sempre mudou. Eu não sei explicar cientificamente como isso pode ter acontecido, mas posso fazer essa afirmação com toda segurança. Tenho certeza de que sem a análise realizada nas sessões eu até poderia conseguir chegar ao nível de equilíbrio que tenho hoje, mas com toda certeza o meu sofrimento e o tempo que seriam gasto para que isso acontecesse seriam bem maiores.

É muito claro pra mim, que a certas conclusões eu só cheguei porque tive a chance de poder ver as coisas de outra maneira, me colocando em foco com relação às outras pessoas, de uma forma igual, simplesmente como pessoas, com defeitos, carências, falhas e culpas, que muitas vezes eu ignorava, ou considerava apenas minhas.

E eu considero também que o fato de poder falar dessas experiências com uma pessoa completamente alheia a minha convivência e que está ali justamente pra fazer isso, “me ajudar a ver o mundo fora de mim, e me ver dentro do mundo”, sem competir ou esperar algo de mim, tranqüiliza a alma.

É muito bom poder guardar certos acontecimentos e sensações pra expor só nesse momento e analisar o que houve, vendo os pontos positivos e negativos, com alguém que só está levando em consideração as minhas

confidências já feitas anteriormente, e que eu sei que são verdadeiras, e a sua visão geral de mundo; mas que não está me julgando por ela mesma ou pela impressão que teve de mim em uma outra ocasião qualquer, o que ocorre normalmente quando conversamos com amigos e familiares, diretamente envolvidos no que estamos vivendo, muitas vezes até dividindo o mesmo momento, mas do seu modo de sentir e viver as coisas, talvez com mágoas, frustrações e tristezas próprias.

Entendo e aceito normalmente que algumas pessoas não necessitem de nada mais do que a opinião de alguns amigos mais chegados ou algum familiar que respeite e admire para comparar com a sua e fazer suas escolhas, mas no meu caso, que precisava rever todo o conceito de mim mesma em razão das carências e perdas que acumulei durante a minha vida, essa “re-introdução” no mundo através da orientação de alguém de “fora” da minha vida, sem uma concepção pré-formada sobre mim, era, e ainda é indispensável.

Para ilustrar um pouco o que estou dizendo posso citar duas “desmistificações” que pra mim foram fundamentais. A primeira foi a da minha Tia W., conseguir entender que ela sofreu muito com tudo o que aconteceu na nossa vida e que muito do seu desprezo por mim vinha das suas próprias frustrações e outra grande parte vinha da minha própria necessidade de ter alguém que gostasse muitíssimo de mim, foi muito significativo; dessa forma, não ser a sua sobrinha favorita não é mais a pior coisa do mundo... é uma coisa muito ruim, mas não tão ruim como era antes.

A outra foi a da minha amiga L., a menina era uma mistura de Sandy em beleza e bondade, com Ana Paula Arósio em simpatia e Luana Piovani em sensualidade! Nossa como era difícil ser sua amiga! Eu a adorava, mas sofria a cada segundo perto dela. Ver que apesar de tudo isso, ela é uma pessoa normal e que se sou melhor que ela em várias coisas, tudo se tornou mais simples. Só me vendo única e substancial mesmo sem a L., eu consegui conviver com ela sem

sofrimento e com muito mais trocas, acho que agora eu até sou uma amiga melhor.

Mas a minha maior conquista desses últimos tempos aconteceu recentemente e foi ter feito as pazes com os estudos, de uma hora pra outra o livro deixou de ser o meu pior castigo, como era na faculdade, e não ter um namorado deixou de ser a minha principal carência. Passar uma semana tendo que ser a “dona da casa da minha Vó” foi o clique que me faltava e que eu tanto havia pedido a Deus.

Ter chegado a esse limite de desespero nessa bendita semana e ter rezado muito pra que isso ocorresse, foram responsáveis por essa mudança de foco, com toda certeza, mas não foram às únicas razões. Foram as mais fáceis de reconhecer, as que estão à vista. Mas, o que eu penso é que, principalmente a semana de sufoco que passei, só fez com que a minha ficha caísse porque eu já estava sendo preparada para percebê-la como sinal.

Eu agora possuo certa estrutura pra ter essa resignação do namorado (da falta dele), encarar os estudos, também pelo sentido natural da vida, que é a gente ir se adaptando as nossas necessidades, mas principalmente, porque é mais fácil fazer as coisas quando se sabe que pode conseguir e que há alguém pra ajudar, sem aquela falsa compaixão das pessoas, que some no primeiro compromisso mais interessante, mas uma coisa real, na qual se pode confiar, não depositar toda a responsabilidade, mas confiar.

A terapia pra mim, é como um diário de adolescente que fala. É o que me dá a chance de fazer com que as pessoas saibam de mim só o que eu preciso que elas saibam sem que eu me sinta sozinha com isso e ainda possa extrair dos acontecimentos o que é bom ou ruim.

Tem uma música do Lulu Santos que diz que “o que eu ganho ou o que eu perco ninguém precisa saber”. Eu acredito que há coisas na vida que a gente tem mesmo que aprender a guardar pra si, e quem é como eu sou, e já sofreu como eu já sofri, ao ponto de ter tudo desordenado dentro de si, precisa desse amparo

da terapia pra começar tudo de novo e poder se colocar na vida a tendo realmente como sua.

A terapia me ajuda a ver o que é realmente meu dentro das minhas vitórias, derrotas e decisões, e guardar isso pra mim, expondo apenas o produto de todas essas coisas nas minhas relações. Eu ainda choro, rio, converso, debato e peço opiniões as minhas amigas e aos meus familiares, mas tenho as minhas próprias conclusões e vivo por elas. Sou mais feliz assim.

Goiânia, abril de 2004.

2ª REDAÇÃO

A TERAPIA

Mais uma vez cá estou eu pra falar da minha terapia. Já até criei um conceito pra ela, “um diário que conversa com a gente e ajuda a entender as coisas”.

Não diria aceitar, é entender mesmo. Entender não o porquê de todas as coisas, mas a maneira mais adequada para lidar com elas. Depois de muito tempo, especialmente do último ano fazendo análise o que sinto é que aprendi a pelo menos ter consciência de que os acontecimentos podem ter reflexos diferentes daqueles que saltam aos olhos de cara, em um primeiro momento. E que isso pode ser bom ou ruim.

Não saberia dizer se sofro menos por fazer terapia. Acho que não. As fases ruins continuam sendo ruins. A diferença é que essas mesmas fases passam a tem um sentido, porque já consigo fazer relações entre elas, ligá-las a outras e, principalmente, contorná-las.

A minha vida é muito complicada. O último ano foi cheio de realizações que eu esperava, sonhava, desejava muito. Aconteceram muitas coisas. Umas que não dependiam de mim e outras que dependiam muito.

Com certeza não teria sido da mesma forma se eu estivesse sozinha. Talvez os fatos pudessem ter acontecido de qualquer maneira. Mas por eu ter consciência de quem eu sou, eles são mais do que acontecimentos, são resultados.

Não é só o passar do tempo e a experiência de vida que podem dar estrutura para a análise de situações, a reflexão sobre o que ocorre, os motivos pelos quais algo surgiu, a contribuição que a própria vida pode ter dado a eles sem nem sentir podem também ser “armas” para um melhor enfrentamento nas situações de dor; e de felicidade também, já que elas nem sempre duram.

Digo nem sempre porque algumas coisas boas não vão embora, ficam para sempre, ainda que a euforia do momento vá embora, como a felicidade de uma formatura, por exemplo. Mas isso é outra história.

O importante, ou o mais importante de tudo isso é que, quando se tem grandes perdas, tem-se também, grandes vazios. Comigo foi mais ou menos assim, e algumas fases e acontecimentos fui caindo dentro desses buracos. Com o tempo ficou impossível continuar sem ajuda.

Na terapia, falar das minhas sensações, ouvir a opinião de alguém que estava ali para me ajudar foi de fundamental importância.

Eu não conseguia entender o que acontecia e não achava maneira de reverter a situação. Amigos e familiares não eram suficiente, mesmo porque não dava pra saber até onde o assunto era a minha história e quando passava a ser o que eles achavam que era a minha história.

Na terapia é diferente, eu confio na minha terapeuta hoje porque sei o quanto ela me conhece, e conhece a verdade mais sincera sobre mim. Acredito na nossa relação porque apesar de não sermos pessoas “amigas”, essa relação não tem os vícios de uma amizade comum. Confiei em trazer o passado porque ela não me conhecia, não poderia ter preconceitos sobre mim. Só isso me fez acreditar que ela poderia me ajudar. Isso, e saber que aquilo era palpável, real e

não como as paixões de amigos e parentes, que são sinceras, mas muitas vezes se perdem no meio de compromissos, opiniões egoístas, etc.

Esses pra mim são os pilares da terapia, a seriedade e a sinceridade, tanto das opiniões, quanto das intenções e sugestões.

Eu ainda tenho muitas pendências, sonhos, frustrações e desejos. Não consegui ainda ser paciente e tranqüila o suficiente diante das situações. As coisas ainda me atropelam e nesse momento, em especial, tudo está muito confuso. Saio de um período em que realizei muitos feitos e percebo que os “prêmios” não são exatamente os que eu esperava. Mas sinto que virão novos rumos.

Ainda não entendo muitas coisas que acontecem e não é possível parar de sofrer diante do que faz sofrer. Mas tenho consciência de mim. Não mais um ser perdido a mercê do sofrimento. Sou uma pessoa consciente das próprias carências que, dentre outras coisas, sofre como a grande maioria das pessoas.

E só tenho essa consciência de vida por causa da terapia que me ajudou a preencher os meus “buracos”, com o que havia de melhor em mim.

Goiânia, outubro de 2004.